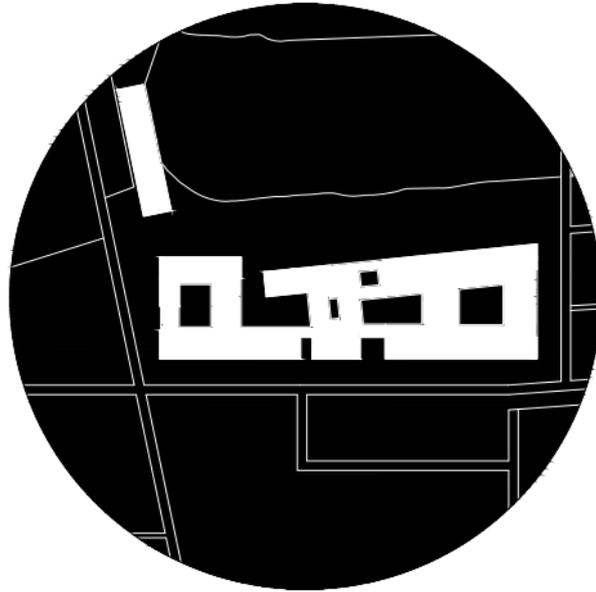


FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



COABITAR DE GERAÇÕES

Reabilitação e Reconversão da Quinta Braamcamp num
espaço intergeracional em Alburrica, Barreiro

Ana Sofia dos Reis Carvalheira (Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção
do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Margarida Louro
Professor Doutor Francisco Oliveira

Júri

Presidente: Professora Doutora Maria João de Mendonça e Costa Pereira Neto
Vogal: Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Documento Definitivo
Lisboa, FA ULisboa, Julho, 2018

TÍTULO

COABITAR DE GERAÇÕES

SUBTÍTULO

Reabilitação e Reconversão da Quinta Braamcamp
num espaço intergeracional, em Alburrica, Barreiro

DISCENTE

Ana Sofia dos Reis Carvalheira

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professora Margarida Louro
Professor Francisco Oliveira

Projeto elaborado para a obtenção
do Grau de Mestre em Arquitetura

Lisboa, Junho, 2018

RESUMO

O processo de crescimento disperso das cidades, a desindustrialização e a conseqüente desocupação de extensas áreas, agora residuais e/ou marginais, denunciam alterações profundas nas cidades contemporâneas. A par desta realidade, estamos perante uma sociedade cada vez mais envelhecida e fragmentada, onde as relações intergeracionais são pouco frequentes. Estas constatações conduzem a outros problemas como a segregação da população envelhecida, a perda do convívio entre a população e do sentido de comunidade, essencial para a existência de uma cidade sustentável. A emergência de dar resposta a estas questões, relacionadas com fenómenos como os vazios urbanos, o envelhecimento da população e a necessidade de promoção de dinâmicas de aproximação intergeracional, levam à procura de novas estratégias e soluções.

Neste sentido, *Coabitar de gerações* parte do desejo de criar um espaço que serve todas as gerações, que proporciona a sua interação e convívio. Atendendo a esta vontade, a proposta arquitetónica vem concretizar um programa funcional destinado a servir todas as faixas etárias, em especial as mais dependentes (idosos e crianças). Propõe-se o regresso ao rio e a uma zona, outrora central na cidade, cuja evolução urbana e a desindustrialização conduziram ao seu abandono e conseqüente degradação: a Quinta Braamcamp. Deste modo, o projeto desenvolvido propõe a reabilitação e reconversão do conjunto edificado desta quinta, situada no Barreiro, como exemplo de um lugar habitado por várias gerações, um lugar intergeracional.

PALAVRAS-CHAVE

Residências sénior | Centro escolar | Centro Cultural | Relação intergeracional | Alburrica/Barreiro

TITLE

COABITAR DE GERAÇÕES

SUBTITLE

Reabilitação e Reconversão da Quinta Braamcamp
num espaço intergeracional, em Alburrica, Barreiro

STUDENT

Ana Sofia dos Reis Carvalheira

ADVISERS TEAM

Professor Margarida Louro
Professor Francisco Oliveira

Project to obtain the Master's
Degree in Architecture

Lisbon, June, 2018

ABSTRACT

The scattered process of the cities' expansion, the deindustrialization and the consequent release of the extensive areas, currently residual and/or marginal, reveal deep changes in the modern cities. Along with this paradigm, we are faced with an older and fragmented society where intergenerational relationships are not common. Those findings, lead to other issues such as the segregation of the older population, the loss of the interaction between people as well as the sense of community, crucial to a sustainable city. The need of answering these issues, related to urban voids, the population ageing and the need of promoting dynamics to enhance intergenerational proximity leads to the search of new strategies and solutions.

In this sense, the *Cohabitation of generations* starts from the aspiration of creating a space that answers to all generations while fostering interaction and socialization. Following this aspiration, this architectural proposal aims to create a functional program to answer the needs of all age groups, more specifically the most dependant ones (elders and children).

This project emphasizes a reconnection with the river and with a region, erstwhile central in the city, in which its urban evolution and the deindustrialization would be left alone falling, consequently, into deterioration: the Braamcamp Estate. Hence, in this project it is proposed the rehabilitation and reconversion of all the buildings that make up this estate, located in Barreiro district, as an example of a place where different generations live together – an intergenerational place.

KEYWORDS

Senior Residences | School center | Cultural Center |
Intergenerational relationship | Alburrica/Barreiro

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha enorme gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização do presente trabalho:

A todos os professores, que fizeram parte do meu percurso acadêmico e com os quais tive a oportunidade de aprender, em especial aos meus orientadores, Professora Margarida Louro e Professor Francisco Oliveira, pela disponibilidade e partilha de conhecimentos. Um especial obrigado à professora Margarida Louro pela paciência e incentivo.

Aos meus amigos e colegas, por tornarem estes anos memoráveis, cujas memórias levarei sempre comigo.

À minha família, a quem dedico este trabalho, pelo apoio incondicional e por acreditarem sempre em mim. Por toda a paciência e por tentarem sempre facilitar o dia-a-dia das épocas mais críticas. A ela agradeço a oportunidade de ter frequentado este curso durante quase seis anos sem que tivesse tido qualquer preocupação ou carência.

À minha mãe, que sempre me incentivou a ser melhor.

À Cristina por, desde cedo, despertar em mim o gosto pelas artes e que foi incansável neste percurso.

À minha irmã, que apesar da distância, esteve sempre presente.

Ao meu pai, pelo gosto em ajudar e por ser uma inspiração.

Aos meus avós por todo o carinho, em especial ao avô Alfredo, por ser um exemplo de força e persistência e à minha avó Lucinda, que recordo com profunda saudade.

À Tita, a minha amiga de quatro patas, pela companhia nas longas noites de trabalho.

Por último, **ao João**, pelo incentivo constante e por ser quem é.

A todos, o meu sincero Obrigado.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. CENÁRIOS DA PAISAGEM URBANA	5
1.1. Cidade envelhecida	5
1.1.1. Contextualização do lugar de intervenção	6
1.2. Sociedade envelhecida	7
1.2.1. Contexto sociodemográfico	7
1.2.2. Causas	8
1.2.3. Desafios	9
1.2.4. Envelhecimento ativo	11
2. FORMAS DE HABITAR	13
2.1. Formas de habitar na velhice	13
2.1.1. Breves recomendações de projecto	21
2.2. Formas de habitar na infância	24
2.2.1. Breves recomendações de projeto	29
2.3. Novas formas de habitar	32
2.3.1. Relações intergeracionais	32
2.3.2. Programas intergeracionais	34
2.3.3. Benefícios e desafios das relações intergeracionais	37
3. O TERRITÓRIO - Barreiro	41
4. PROJETOS DE REFERÊNCIA	49
4.1. Frederiksvej kindergarden	50
4.2. Jardim de infância bicesse	52
4.3. Residências sénior erika horn	54
4.4. Residências sénior casas na cidade	56
4.5. Centro social padre rubinos	58
4.6. Centro paroquial e comunitário senhora da boa nova	60
5. A PROPOSTA	63
5.1. O lugar	63
5.1.1. Alburrica	63
5.1.2. Quintabraamcamp	71
5.2. O projeto	77
5.2.1. Estratégia urbana	77
5.2.2. Estratégia arquitetónica	79
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
FONTES	93
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

. Enquadramento e objetivos

A partir do século XIX, sob influência dos avanços tecnológicos e da industrialização, assistiu-se a uma explosão demográfica que se traduziu num processo de suburbanização, que viria a transformar as cidades de hoje em cidades dispersas, repletas de descontinuidades urbanas, também entendidas como vazios urbanos. Estes, apesar de obsoletos e/ou degradados, agora estranhos e externos à cidade, por vezes já sem qualquer tipo de atividade, acabam por se revelar como lugares expectantes.

A escolha do lugar e âmbito de estudo deste Projeto Final de Mestrado surge, numa primeira fase, da necessidade de dar resposta ao tema “Redesenhar e requalificar os vazios urbanos na cidade”, proposto e desafiado pela disciplina Laboratório de Projeto VI, cuja área de intervenção incidiu na cidade do Barreiro. Votado ao esquecimento, em parte devido ao fenómeno da desindustrialização, que desencadeou o seu declínio social, económico e ambiental, este território apresenta francas necessidades de requalificação que urgem ser resolvidas. Posto isto, e com vista a uma intervenção mais consciente e qualificada sobre o território, tornou-se importante perceber a evolução histórica da cidade, compreender o seu passado industrial e os reflexos que produziram na cidade atual, compreender o lugar de intervenção e como a proximidade ao rio e a património com valor memorial poderão revelar-se fatores preponderantes para a configuração da cidade, questiona-se a importância da preservação da memória e da identidade da cidade e reflete-se sobre os vazios urbanos, agora áreas expectantes, e no seu possível reaproveitamento como novas áreas oferecidas à cidade e à população. Neste processo de análise e compreensão do território, surge uma outra inquietação, que justificará a definição do programa.

Estamos perante uma sociedade cada vez mais envelhecida, significando que urge a necessidade de assegurar espaços de apoio à geração idosa. Contudo, apesar de Portugal registar uma taxa de envelhecimento elevada, verifica-se que o número de espaços de apoio que servem esta geração, bem como o número de espaços públicos adaptados às suas necessidades continua reduzido. As opções disponíveis encontram-se desfasadas da realidade, inadequadas face às necessidades do idoso atual, prevalecendo ainda as tradicionais opções pouco dinamizadoras. A par desta realidade, observam-se significativas transformações sociais, que têm vindo a afetar as relações e os laços sociais que unem as pessoas de diferentes gerações, assistindo-se à crescente fragmentação social, que se reflete no convívio quase inexistente entre gerações e, conseqüentemente, na segregação da geração idosa.

Na expectativa de alterar este cenário urbano e social, o trabalho que se apresenta tem como objetivo principal refletir sobre novas formas de habitar, que visam a reaproximação das diferentes gerações e a reintegração da geração idosa nas dinâmicas da cidade, através da criação de espaços mais atraentes e dinâmicos, onde estas podem coabitar e interagir naturalmente. Deste modo, a solução proposta assenta na criação de um equipamento multifuncional e intergeracional, que alberga funções individuais e mistas. O programa foca-se na geração mais nova e mais velha, com vista a colmatar as problemáticas sociais e as do lugar, que revela falta de equipamentos desta natureza. Posto isto, propõe-se, concretamente, uma residência sénior, um infantário e um centro recreativo-cultural. Este último, além de complementar programaticamente os outros dois espaços, destina-se a servir toda a comunidade.

Deste modo, para que o espaço intergeracional consiga corresponder a todas as gerações, e assumindo-se que cada geração tem necessidades intrínsecas e próprias da faixa etária em que se inserem, revela-se fundamental compreender previamente os princípios e modelos espaciais adotados nos espaços institucionais para crianças e idosos ao longo do tempo. Só assim se conseguirá distinguir as necessidades individuais de cada geração, para que a inclusão social seja harmoniosa. Além disso, revela-se importante o entendimento do conceito da intergeracionalidade, e das metodologias adotadas em projetos já concretizados, com vista a perceber os seus benefícios.

Para a implementação destes princípios, a escolha do lugar a intervir, incidiu na área a extremo noroeste do Barreiro, Alburrica, mais especificamente na Quinta Braamcamp. Esta, atualmente em ruínas e devoluta, próxima do centro e inserida numa área de exceção da cidade, de caráter natural e memorial, revela-se o território ideal para a realização das atividades a que o projeto se propõe. A escolha deste lugar tem como objetivo principal o restabelecimento da memória e identidade do lugar. Este objetivo é conseguido, através da reabilitação das estruturas existentes e da introdução de novos usos, que revitalizam o lugar e dão resposta às necessidades do lugar e da população.

. Estrutura

O presente trabalho apresenta uma estrutura de organização composta por uma componente teórica e prática. A componente teórica pretende expor e clarificar as problemáticas estruturais do trabalho e contextualizar o território em que o projeto arquitetónico se insere.

Portanto, em *Cenários da paisagem urbana* procura-se contextualizar o cenário urbano e social que caracteriza a atualidade, refletindo sobre o fenómeno dos vazios urbanos, assim como o fenómeno do envelhecimento. A procura de soluções para estas problemáticas, levam-nos à definição de um programa intergeracional.

No capítulo *Formas de habitar*, é realizada uma síntese da evolução tipológica dos espaços destinados aos idosos e às crianças, no âmbito de uma instituição. Segue-se a exposição de uma nova forma de habitar, que proporciona a interação de diferentes gerações. Define-se o conceito da intergeracionalidade e apresentam-se os seus benefícios.

Em *O território – Barreiro*, apresenta-se um enquadramento e análise do território onde se irá intervir. Finalmente, em *Projetos de referência*, é apresentada uma seleção e análise de seis projetos distintos, cujas características espaciais e programáticas se relacionam e servem de base à proposta arquitetónica que a seguir se apresenta.

Na componente prática, apresenta-se uma proposta urbana e arquitetónica, como sistematização e reflexo dos conceitos aprofundados na componente teórica. Numa primeira parte, apresenta-se e analisa-se *O Lugar* de implantação do projeto, Alburrica e Quinta Braamcamp. Após o entendimento do lugar é, então, apresentado *O projeto*, composto por uma estratégia urbana e arquitetónica, que pretende pôr em prática as temáticas abordadas.

Por fim, apresenta-se um conjunto de *Considerações Finais* da investigação teórico-prática, que resumem a resposta aos principais desafios que foram propostos para o trabalho de Projeto Final de Mestrado.

. Metodologia

Para a elaboração deste Projeto Final de Mestrado delineou-se uma metodologia de trabalho, utilizando-se um conjunto diversificado de técnicas de recolha e análise de informação, com vista a uma melhor orientação e organização do processo de investigação.

Procedeu-se à recolha e análise de bibliografia específica, relativa às problemáticas e conceitos a abordar na componente teórica. Em simultâneo, e com o intuito de compreender e analisar o território e o lugar de implantação do projeto, recorreu-se a documentos históricos, cartografia, planos já implementados e/ou previstos e dados estatísticos. Estes últimos permitiram fazer uma análise social do território, que levou a um entendimento das necessidades da população e do lugar a intervir. Além disso, foi feito um levantamento das preexistências, através de visitas ao terreno, esboços e fotografias para recolha de dados *in situ*. Foram também feitas entrevistas informais à população.

Para a determinação e organização funcional do programa, procedeu-se à pesquisa e análise de regulamentos relativos aos idosos e às crianças, e ainda à seleção e análise de projetos de referência.



1. Vista aérea da Alburrica, 1960

"À medida que as concretizações urbanas e arquitetónicas se materializavam no palco do pós-guerra, ampliando a cidade pré-existente e intervindo 'sem restrições' no seu centro histórico, todo um conjunto de problemas de segregação, de funções e perda de identidade da urbe face aos seus habitantes começaram a emergir".¹

¹ LEITE, António; FELICIANO, Ana Marta - *Memória, Arquitetura e projeto*; p. 29

1. CENÁRIOS DA PAISAGEM URBANA

1.1. CIDADE ENVELHECIDA

A cidade é algo que se altera ao longo do tempo. Neste processo, também a sua identidade vai-se modificando ou por vezes perdendo, e há áreas que são esquecidas em detrimento de outras. Estas, revelam-se vazios urbanos.

"Quando se fala em vazios urbanos, é importante esclarecer que a palavra "vazio" não é empregue para caracterizar algo que nada contém. O que importa quando se aplica a palavra "vazio" é o que nele está contido e a sua origem".²

Os vazios urbanos podem ser *espaços residuais* ou *marginais*, dependendo da sua origem. São considerados *espaços residuais*, quando associados à cidade dita histórica, onde, os *agora vazios urbanos*, a certa altura, por qualquer motivo, deixaram de ter um propósito ou vida própria. O estado de ruína, por exemplo, originado por fenómenos naturais ou pela guerra. Ou são *espaços marginais*, quando associados à cidade difusa e à industrialização. Neste caso, os *vazios urbanos* são fruto da expansão urbana irracional.

As grandes inovações introduzidas durante o período da Revolução Industrial, deram origem a um grande aumento da população, estimulando processos de transformação territorial e de urbanização e, com eles, o crescimento das cidades. Este processo, levou as entidades responsáveis pelo planeamento do território a darem respostas pouco estruturadas, que originaram, por sua vez, intervenções que não tiveram em conta a cidade existente, alterando profundamente as cidades e originando a sua fragmentação. Estes vazios são, portanto, áreas sem sentido de unidade e sem identidade, lugares esquecidos e deixados ao abandono, onde apenas predomina a memória do passado.

No entanto, apesar de obsoletos e/ou degradados, agora estranhos e externos à cidade, acabam por se revelar lugares expectantes, que podem proporcionar a renovação e transformação positiva da cidade. Posto isto, exigem-se novas abordagens de planeamento urbano, *"orientadas para aspetos de revitalização das cidades, através da promoção da qualidade ambiental e não apenas para uma visão restrita do uso de solo".³* Esta revitalização, pode ser motivada quer pela necessidade de preservar património, quer pela urgência de reconstrução e adoção de novas lógicas.

² AA.VV., *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*; Lisboa; Caleidoscópio, 2007; p.23

³ AA.VV., *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*; Lisboa; Caleidoscópio, 2007; p.50

1.1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LUGAR DE INTERVENÇÃO

O crescimento da cidade do Barreiro deveu-se essencialmente aos vários tipos de indústria que aí se desenvolveram (portuária, corticeira, química) e que, não só eram a principal fonte de rendimento da população, como mantinham a cidade viva e ativa. Porém, com a desindustrialização, a ligação à indústria foi-se perdendo, restando hoje apenas a presença de elementos que remontam a essa época. Desde moinhos de maré e de vento, a edifícios e fábricas degradadas ou em ruína, bairros operários, chaminés de fábricas, etc. Este património industrial, encontra-se hoje maioritariamente desativado e/ou em elevado estado de degradação.

Estas estruturas constituem atualmente, apenas uma memória da cidade que em tempos vivenciou uma intensa atividade que se desenvolvia por extensas áreas. A sua desativação votou ao esquecimento e ao abandono imensos espaços e gerou, ao longo do tempo, francas descontinuidades urbanas. Em resultado, a cidade do Barreiro encontra-se atualmente pontuada por extensos vazios urbanos. A zona do Parque Quimigal, a zona envolvente à estação Ferroviária do Sul e Sueste, assim como o próprio "Barreiro Velho", são zonas urbanas com valor patrimonial relevante que necessitam ser reabilitadas e revitalizadas, pois carecem de novas vivências e trocas sociais. Para além destas, a Alburrica, área de carácter natural, apresenta-se também como um vazio urbano e constitui atualmente uma barreira entre a cidade e o rio, não facilitando a fruição da extensa margem ribeirinha em que se integra.

Os vazios urbanos são uma realidade bastante presente no Barreiro e constituem barreiras evidentes à articulação entre os diferentes espaços da cidade. Esta desarticulação, contribui para a aceleração dos processos de envelhecimento e degradação do espaço urbano e para o surgimento de um sentimento de insatisfação e insegurança relativamente à cidade. É urgente a adoção de medidas que a revitalizem e dinamizem.

Na realidade, estes espaços possuem um grande potencial para uma futura apropriação pela sociedade, transformando-se numa oportunidade para a fixação e o desenvolvimento de novas atividades e podendo revelar-se como fator determinante para o rejuvenescimento da cidade.

1.2. SOCIEDADE ENVELHECIDA

1.2.1. CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO

Desde a segunda metade do séc. XX que se têm vindo a registar mudanças drásticas a nível demográfico. O envelhecimento das sociedades adquire elevada dimensão, manifestando-se particularmente na Europa, conhecida hoje como *continente grisalho*. Assiste-se, portanto, a um aumento significativo e inédito do número de idosos, transformando as sociedades de hoje em sociedades envelhecidas.

. MUNDIAL

Em 1950, havia 205 milhões de pessoas com 65 anos ou mais no mundo. Em 2012, este número aumentou para quase 810 milhões e prevê-se que chegue a 1 bilhão em menos de 10 anos e que duplique até 2050, atingindo os 2 bilhões. Estima-se, por isso, que em 2050, pela primeira vez na história da humanidade, a população terá mais pessoas idosas do que crianças.

. NACIONAL

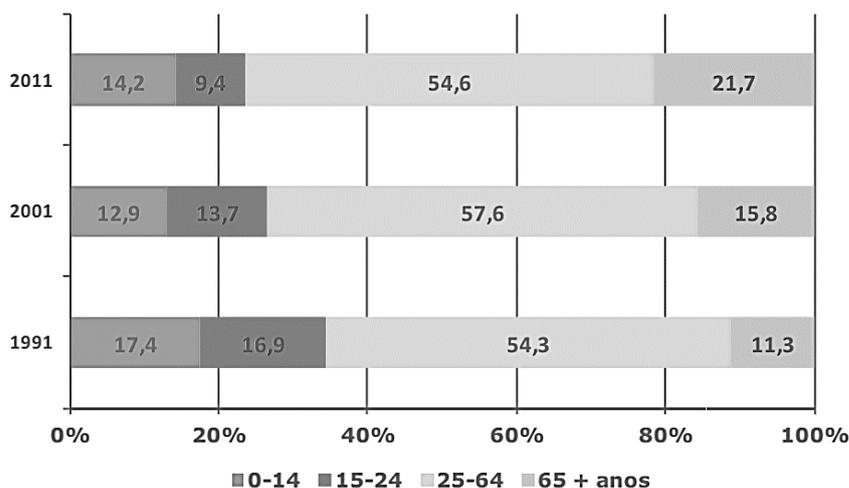
Portugal é um dos países onde este fenómeno tem maior expressão, sendo hoje, um dos países mais envelhecidos do mundo. “*Em 1960, o número de jovens diminuiu 1 milhão e o nº de idosos aumentou 1,3milhoes (...)*”.⁴ De acordo com os censos de 2011, apresenta um quadro de envelhecimento demográfico bastante acentuado, com uma população idosa (pessoas com 65 e mais anos) de 19,15% que se prevê aumentar em 2050 para 35,72%. No sentido inverso, a população jovem (com menos de 14 anos) que se situava em 2011 nos 14,89% prevê-se que decresça até aos 14,4%. Também a esperança média de vida à nascença de 79,2 anos (80,6 para as mulheres e 74,0 para os homens) prevê-se que aumente em 2050 para os 81 anos (84,1 as mulheres e 77,9 os homens).

. BARREIRO

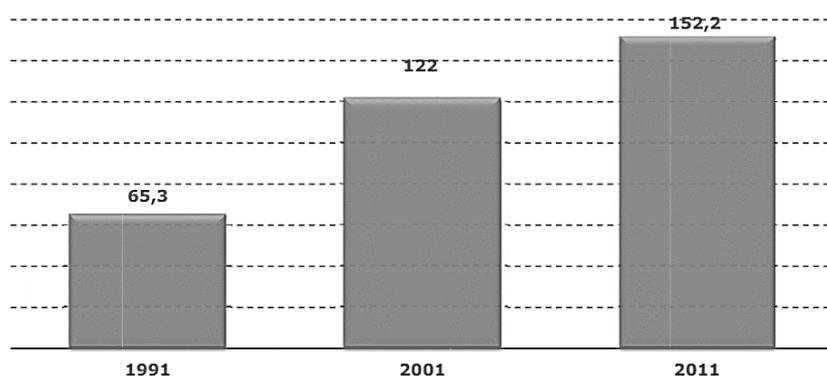
Em 1991, cerca de 20% da população pertencia ao grupo etário mais jovem (0-14anos) e apenas 11,3% ao grupo etário dos mais idosos (com 65 ou + anos). Em 2011 o Barreiro apresenta pouco mais de 14% da população no grupo etário mais jovem e cerca de 22% de população tem 65 ou mais anos, evidenciando a propensão para uma população envelhecida, resultado do aumento da esperança média de vida. Em termos evolutivos, nas duas últimas décadas o conselho do Barreiro tem vindo a registar um progressivo aumento do índice de envelhecimento, passando de 65,3%, em 1991, para 122%, em 2001 e 152,2% em 2011, sendo o concelho da península de Setúbal que apresenta o maior índice

⁴ ROSA, Maria João Valente - *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*; Coleção Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; p.27.

de envelhecimento populacional em 2011 (valor superior à média da AML, 118,3% e do continente 131,3%).⁵



2. Evolução da Estrutura Etária da População do Barreiro 1991 – 2011



3. Evolução do Índice de Envelhecimento 1991 – 2011

Perante este cenário demográfico, e apesar do envelhecimento da população ser um fenómeno positivo e representar uma conquista, uma vez que representa os progressos a nível económico, social e científico, ele coloca hoje grandes desafios à sociedade.

1.2.2. CAUSAS

Os recentes avanços na ciência e na tecnologia, associados ao sucesso das políticas de promoção de saúde; as alterações sociais, como a emancipação da mulher e a sua entrada para o mercado de trabalho; e a melhoria de condições de vida, contribuem para aumentar a esperança de vida da população, ao mesmo tempo que reduzem as taxas de mortalidade. Estas são as principais causas que justificam o envelhecimento da população.

⁵ CMB - Estudo desenvolvido no âmbito do "plano para a igualdade, com base nos censos 2011 INE

1.2.2.1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE

A velhice é um “estado difuso, vivido, sentido e percebido de forma diversa, desde o seu enaltecimento ao seu repúdio”.⁶

A figura do idoso possui diferentes retratos ao longo da história, dependendo do contexto histórico, da sociedade considerada, do género, etc. É, assim, possível encontrar diferentes perspetivas desde a época clássica aos tempos modernos, onde a velhice suscita diferentes sentimentos.

Inicialmente, a velhice era um privilégio, alcançar idades avançadas era algo raro. Os idosos eram encarados como educadores, cuja sabedoria e experiência induziam ao respeito, apesar das perdas físicas e funcionais características do avançar da idade. Detentores do poder e da tomada de decisões, eram um símbolo de autoridade no seio da família e era esta que tinha o dever de assisti-los até à sua morte. Todos estes fatores suscitam reações positivas e otimistas em relação a esta fase da vida.

Pelo contrário, verificam-se múltiplos receios face ao envelhecimento da população, que suscitam sentimentos negativos associados à morte, como última fase da vida humana, associados à perda de capacidades físicas e cognitivas e ao sentimento de perda de protagonismo na sociedade face a um passado ativo, despertando ainda outros sentimentos como, a frustração, infelicidade, solidão social. Na transição do século XIX para o século XX, produziram-se alterações sociais e familiares, que progressivamente conduziram a uma diminuição do valor intrínseco dos idosos.

Com a revolução industrial, o jovem passa a assumir o papel de maior destaque na sociedade, devido à sua força física e consequente produtividade, enquanto os idosos deixam de estar presentes nas atividades da sociedade e passam a ser vistos como fracos e improdutivos. A velhice passa a ser associada à imagem do velho doente e incapacitado de trabalhar, inútil devido ao seu estado físico e mental e dependente, representando um encargo para as sociedades. Tudo isto origina conceitualizações pejorativas, que conduzem à marginalização, discriminação e exclusão social dos idosos.

1.2.3. DESAFIOS

A drástica alteração da composição das sociedades suscita desafios a nível individual. Uma maior longevidade implica o aumento da necessidade de cuidados de saúde e apoios. Com o avançar da idade, o idoso confrontar-se-á com problemas de autonomia e tenderá a depender cada vez mais tanto dos

⁶ ROSA, Maria João Valente - *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*; Coleção Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012; p.10.

familiares, assim como dos apoios sociais. No entanto, face a um conjunto de alterações nas estruturas familiares, atualmente as famílias reduzem-se maioritariamente a pequenos núcleos, com poucos descendentes. Estas mudanças resultam, inevitavelmente, numa menor disponibilidade por parte das famílias, ou seja, os idosos terão menos cuidados familiares à medida que envelhecem. Para colmatar esta indisponibilidade, revela-se urgente a criação de projetos e programas que fomentam a interação entre gerações.

Para além destas preocupações, no contexto urbano, podemos observar que diversas características espaciais se encontram desajustadas às necessidades da população. Este desajustamento, é potenciado por diversos fatores como a desertificação dos centros urbanos ou a fragmentação da coesão social. Estes, têm vindo a contribuir para a drástica degradação das condições de vida, encontrando-se hoje inúmeras soluções construtivas compreendidas como barreiras espaciais e arquitetónicas. Assim, intervir no planeamento urbano mostra-se determinante para contribuir para o ajustamento à nova realidade social.

Perante estes factos, é necessário que se percebam os verdadeiros problemas sociais hoje existentes. Considera-se, conforme destaca Maria João Valente Rosa, que o problema está na inadequação dos modelos que organizam as sociedades atuais, que funcionam de igual forma de como funcionavam há décadas atrás, mostrando-se desajustados e incapazes de acompanhar as mudanças sociais registadas nas últimas décadas.

Desta forma, revela-se fundamental procurar novas formas que potenciem o ajustamento destes modelos a um contexto demográfico envelhecido. É crucial que se desenvolvam soluções que fomentem o desenvolvimento de uma vida ativa e participativa na sociedade, que procurem minimizar os impactos negativos inerentes ao envelhecimento, e maximizar as mais-valias que advêm deste.

1.2.4. ENVELHECIMENTO ATIVO

Uma cidade que estimula o envelhecimento ativo adapta e providencia estruturas e serviços, de modo a que estes incluam e sejam acessíveis a pessoas mais velhas. Simultaneamente, originam benefícios para toda a população. Segundo a OMS o envelhecimento ativo visa o constante bem-estar físico e psíquico de todas as pessoas que estão a envelhecer, através da adoção de comportamentos saudáveis ao longo da vida, um estilo de vida com qualidade, autonomia, independência e produtividade, durante todas as fases da vida.

No âmbito da adaptação do território às novas necessidades, várias são as entidades que têm vindo a desenvolver medidas que contribuem para o envelhecimento ativo e para o aumento da qualidade de vida das pessoas idosas, tais como a OMS, a Comissão Europeia e a OCDE. Destaca-se o trabalho desenvolvido pela OMS, através do desenvolvimento do "Guia global das cidades amigas das pessoas idosas". Este guia vem reforçar a ideia de que o espaço urbano tem um papel determinante para atingir o envelhecimento saudável, refletindo sobre as questões afetas ao planeamento e desenho do espaço urbano e da necessidade de garantir a acessibilidade para todos. Além disso, diz-nos que se deverá apostar na promoção da solidariedade entre gerações, e no reforço dos laços sociais entre os membros da comunidade, nomeadamente através do fomento das relações familiares, profissionais, e de vizinhança.

No contexto nacional, destaca-se o programa de ação "Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações" desenvolvido pelo Governo Português. Este pretende promover o bem-estar e a inclusão social ao longo da vida e reconhecer a importância dos idosos nas comunidades.



4. Idosos em plena fruição do lugar, Alburrica.

2. FORMAS DE HABITAR

No século XX surge uma nova forma de habitar, que vem complementar o tradicional “habitar privado” ou “habitar em casa”: o “habitar coletivo” ou “habitar numa instituição”. Fruto da privatização da família, a instituição vem possibilitar a interação e coabitação de pessoas da mesma geração, desconhecidas e sem laços familiares.

Seguidamente irão ser abordadas algumas formas de habitar. Não se pretende uma descrição exaustiva e, como tal, inicialmente, procura-se entender as origens e a evolução dos lugares destinados a idosos e crianças, abordando-se a forma de habitar entre pessoas da mesma geração, no âmbito de uma instituição. Depois de perceber como estas habitam individualmente, procura-se compreender como estas podem interagir e coabitar, proporcionando um novo modo de habitar, onde se estabelecem relações intergeracionais.

2.1 FORMAS DE HABITAR NA VELHICE

A evolução dos espaços destinados à população idosa acompanha a alteração da visão sobre os idosos que, como visto anteriormente, se tem vindo a modificar ao longo dos séculos, de acordo com a situação histórica, economia e social de cada sociedade. Apresentam-se de seguida a génese das principais abordagens teórico-arquitetónicas dos dispositivos destinados a acolher pessoas idosas.

De acordo com Alberto Montoya, existem dois modos possíveis de habitar para os idosos: o prolongamento da vida na própria casa ou a instituição. Tradicionalmente, o idoso era cuidado no seio da família. Porém, apesar da preferência dos idosos pelo envelhecer nas sua própria casa, hoje deparamo-nos com a existência de um grande número de habitações que dificultam e/ou impossibilitam a vivência plena das pessoas idosas, constituindo-se como uma barreira às suas tarefas diárias. Posto isto, viver em casa implica que esta esteja em conformidade com as necessidades do utilizador. Para que tal seja possível, as habitações de hoje devem ser projetadas com vista a melhorar as condições básicas da habitação, criando-se espaços seguros, acessíveis e funcionais para qualquer pessoa a qualquer altura da vida. A Iniciativa *AdvantAge* é exemplo de um esforço coordenado para ajudar os municípios e as cidades Americanas a criar condições para que os idosos “*envelheçam no local*”. Para tal, criam comunidades habitáveis para pessoas de todas as idades.

O estado português posicionou-se sobre esta questão através do despacho nº 6716-A/2007, onde define o *Programa de Conforto Habitacional para Pessoas Idosas*, que defende e apoia as melhorias no campo habitacional, proporcionando à geração

idosos reais condições para viverem em casa. Desta forma, previne-se e evita-se a institucionalização.

No entanto, estas medidas corretoras têm um limite, a partir do qual o idoso já não é capaz de continuar a realizar tarefas sozinho. Nessa altura, passa a necessitar de uma assistência continuada, recorrendo a instituições próprias. As instituições para idosos têm duas valências: por um lado implicam uma condição de habitação e, por outro, uma condição de assistência/hospitalar.

Na idade média (V - XV), a subsistência dos idosos mais abastados era assegurada pela família e, quando já se encontravam mais velhos, faziam um retiro num mosteiro. No entanto, esta possibilidade não estava ao alcance de todos. A maioria dos idosos eram cuidados nas enfermarias dos hospitais ou em asilos que alojavam qualquer pessoa que necessitasse: pobres, adolescentes, grávidas, idosos, órfãos, eram confinados ao mesmo espaço, sem qualquer especificidade. Nikolaus Pevsner descreve-os como *"meros contentores de doentes"*.⁷ Inicialmente, estes espaços tinham um estilo arquitetónico semelhante *"a uma igreja (...) com proporções gigantescas"*.⁸ Eram espaços formados por grandes naves cobertas com abóbadas, com um tipo de esquema longitudinal, onde as camas eram dispostas nos *"altos recintos retangulares"*. Contemplavam muitas vezes um altar ou uma capela. O Hospital de Ourscamp, de inícios do séc. XIII é um exemplo desta época.



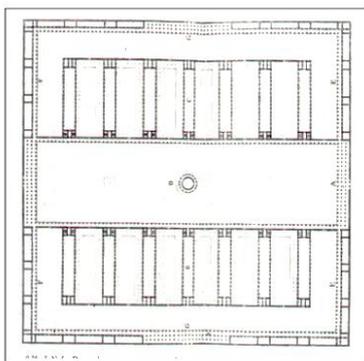
5. Enfermaria Ourscamp em inícios do século XIII

Entre o século XV e final do séc. XVII, o desenho destes espaços passa a assumir organizações espaciais em forma de cruz (planta cruciforme). No final do séc. XVII surgem plantas com esquemas radiais, que se caracterizavam por conterem quatro alas que partiam de um centro, com o objetivo de abrigar o maior número possível de camas. Uma das primeiras obras com esse tipo de esquema é o Hospital projetado por Antoine Desgodets que data finais do século XVII.

Gradualmente, os cuidados tornam-se mais especializados. Em meados do séc. XVIII, os hospitais deixam de ser espaços onde se está meramente à espera da morte e passam a oferecer expectativa de cura. A acumulação de experiência médica transpõe-se para a arquitetura, começando a surgir espaços com melhor ventilação, zonas segmentadas por patologias, etc. Surge uma nova forma de pensar os espaços, onde se procura por uma maior funcionalidade.

⁷ MONTROYA, Alberto – *Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitetónicos*; Porto: FAUP, 2010; p.3

⁸ MONTROYA, Alberto – *Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitetónicos*; Porto: FAUP, 2010; p.4

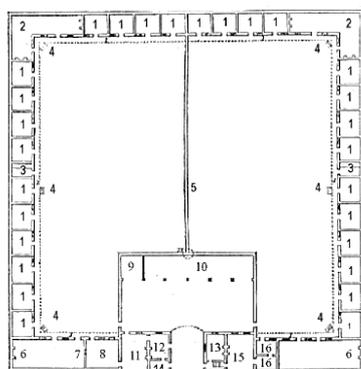


6. Hospital, publicado por J. N. L. Durand em 1809

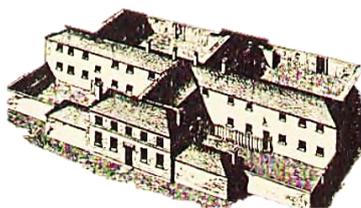
Nos finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, surge o modelo do pavilhão, apresentado por Jean Nicolas Durand em 1809. Esta tipologia consistia na disposição de diversos pavilhões paralelos entre si, divididos por pátios. Estes, funcionavam como barreiras físicas à propagação de doenças.

Nesta mesma época, surgem as chamadas *Workhouses*. Destinadas inicialmente a abrigar pessoas pobres, onde estas habitavam e trabalhavam, tornam-se mais tarde refúgios para idosos, enfermos e crianças. A arquitetura destes edifícios assemelhava-se à dos edifícios industriais. O modelo de Francis Head (1830-40) exemplifica este tipo de espaço.

Entre finais do século XIX e princípios do século XX surgem os sanatórios, como meio de combate ao flagelo que alastrava por toda a Europa, devido ao aparecimento de doenças como a tuberculose. Esta doença levou a uma nova conceção de espaços, que servisse melhor os utentes e as suas especificidades. O programa destes era uma mistura de residência de longa duração com cuidados médicos continuados. Baseado no modelo hoteleiro, os espaços eram mais humanizados e obrigaram à aplicação de novas técnicas construtivas, possíveis devido aos avanços tecnológicos.



Na transição do século XIX para o século XX, o sistema de reformas é instituído com o objetivo de colmatar a situação precária em que se encontravam os operários fabris, que com o avançar da idade perdiam faculdades que os impossibilitavam de trabalhar, originando cenários de pobreza e abandono. Perante esta conquista, a velhice ganha maior visibilidade social, resultando na criação de serviços de apoio à mesma.



7 e 8. Asilo para pobres de Francis Head, em 1835 (planta e perspetiva)

No início do século XX, os avanços tecnológicos permitiram a implementação de elevadores. Surge assim o monobloco vertical.

A progressiva complexidade programática conduziu a uma forte standardização das soluções formais dos edifícios hospitalares, assistindo-se ao privilegiar das questões da funcionalidade, bem como os custos de construção, em detrimento da forma arquitetónica e das questões tangíveis ao habitar. Isto conduz ao empobrecimento das estruturas arquitetónicas na área da saúde, resumindo-se à *“criação de modelos estáticos e pouco flexíveis, meras transposições do programa funcional para a forma arquitetónica”*.⁹

Em meados dos anos 50, por influência das recentes descobertas de tratamento e cuidado para com os idosos da geriatria, surge a necessidade de criar num novo tipo de edifício que implementasse novos programas e ambientes, adequados às recentes necessidades: os lares de idosos. Segundo o RTES, os lares de idosos são *“uma resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada a alojamento coletivo, de utilização*

⁹ MONTROYA, Alberto - *Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitetónicos*; Porto: FAUP, 2010; p.5.

temporária ou permanente, para pessoas idosas ou outras em situação de maior risco de perda de independência e /ou autonomia”¹⁰. Tradicionalmente tratava-se de uma tipologia arquitetónica cujo piso térreo continha os espaços comuns e administrativos e nos pisos superiores distribuíam-se os quartos. Com o objetivo de aliar a função residencial à componente da saúde, estes equipamentos eram apoiados por técnicos de saúde, alojavam um grande número de idosos e localizavam-se na periferia, onde o terreno era mais barato. Este facto contribuirá para o afastamento das pessoas idosas da comunidade e famílias. Desprovidos de qualquer integração social, ocupação de tempo livre e manutenção física, estas características, dão origem à conotação negativa gerada em torno destes equipamentos, relacionando-os com os hospitais, “lugares pouco agradáveis onde se encontravam amontoados os velhos, inúteis já para a sociedade produtiva e à espera da morte”.¹¹

Lewis Mumford defende que o ambiente de um lar de idosos deve ser totalmente diferente do de um hospital, uma vez que “o lar é um centro de pacientes e não um centro de doentes como um hospital”.¹²

Começam portanto a surgir novos projetos que tentam contrariar esta conotação negativa. A obra *St. Luke's Infirmary* é um destes projetos de referência. Dedicado a idosos com problemas crónicos, incluía quartos, serviços de enfermagem, áreas de tratamento médico e de recreação. Também o lar de idosos *Child's & Smith* distingue-se pela conciliação da oferta de cuidados médicos e pelo desenvolvimento de programas sociais e de entretenimento. Incluía no programa dormitórios, áreas recreativas, terapia ocupacional e um laboratório de pesquisa geriátrica e localizava-se inserido no centro urbano, junto de equipamentos sociais e culturais, mantendo os idosos integrados na comunidade. O lar de idosos *St. Vicent* é outro exemplo. Apesar de afastado do centro urbano, encontrava-se próximo de parques, para que o idoso tirasse partido da natureza, e tinha fácil acesso a transportes públicos.

Em 1956, Lewis Mumford define as três fases da velhice consoante os níveis de autonomia e dependência: independente, parcialmente dependente e totalmente dependente.¹³ Estas levam à criação de novas tipologias.



9 e 10. Fachada principal e Planta piso tipo do St. Luke's Infirmary, em Minnesota, de Reinhold Melander



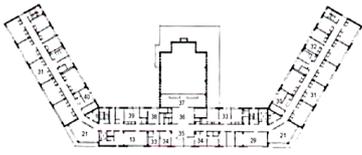
11 e 12. Fachada principal e Planta piso tipo do lar em Evanston, Illinois, de Childs & Smith

¹⁰ Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais (RTES), 2007.

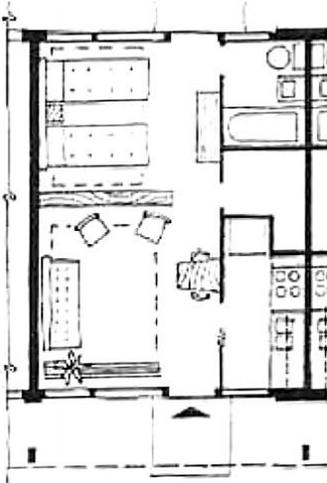
¹¹ MONTROYA, Alberto – *Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitetónicos*; Porto: FAUP, 2010; p.5

¹² MUMFORD, Lewis. *For older people- not segregation but integration*. Architectural Record, New York. 1956; p. 204.

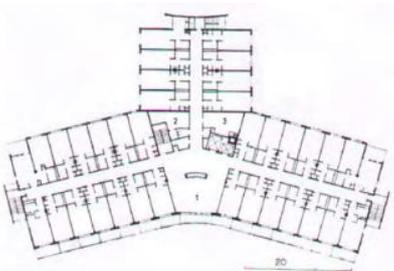
¹³ MUMFORD, Lewis. *For older people- not segregation but integration*. Architectural Record, New York. 1956; p. 204.



13. Planta piso tipo do lar para idosos St. Vincent

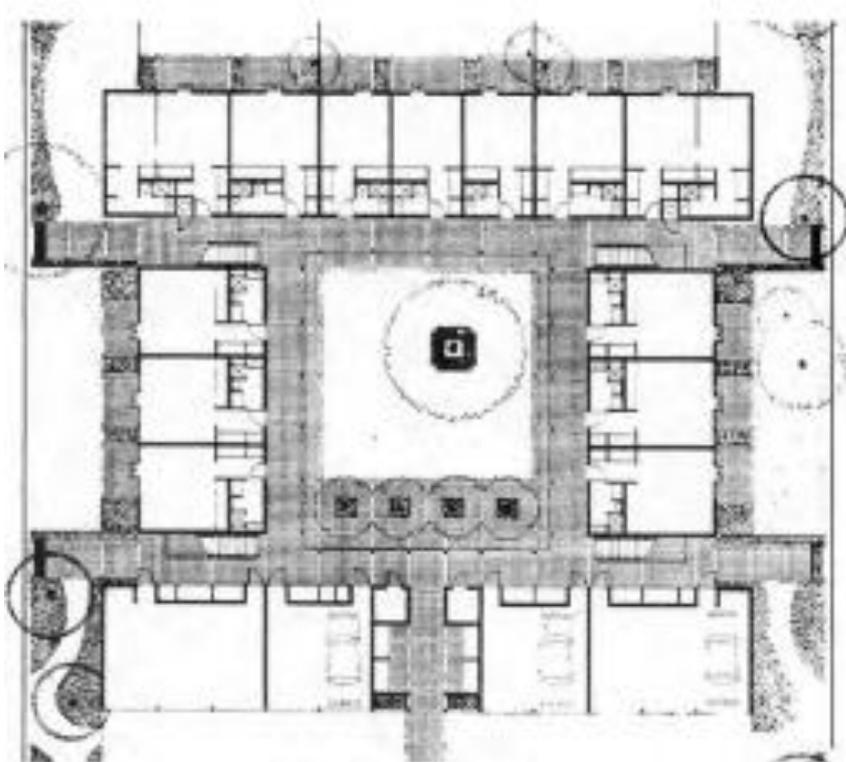


14. Planta tipo dos apartamentos do conjunto de residências Needham, em Massachusetts, de William Hoskins Brown Associates

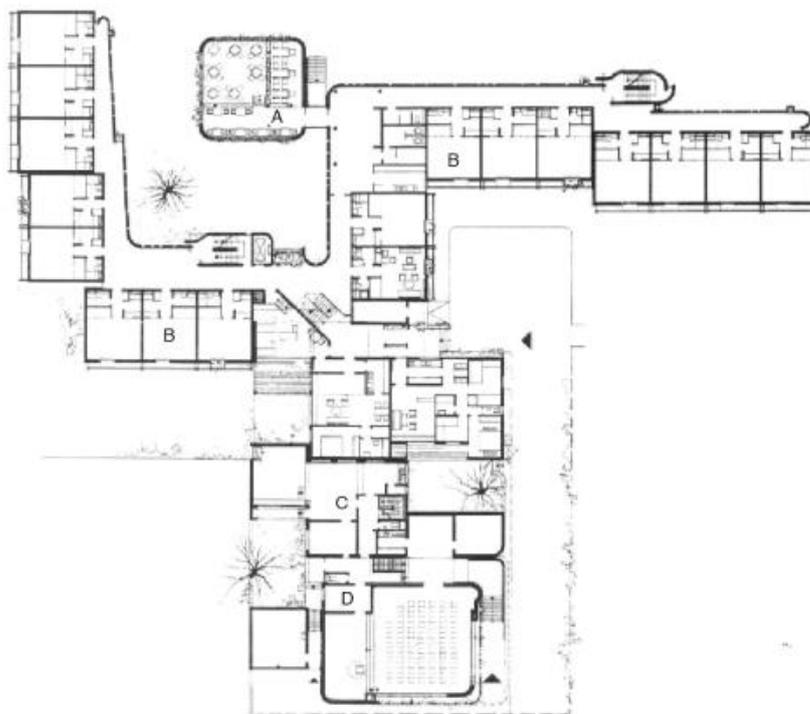


15. Planta piso tipo do Seattle First Methodist Homes, em Seattle, de John Graham & Company

Na década de 70, surgem unidades residenciais consideradas semi-institucionais, que correspondiam a apartamentos independentes com enfermarias na proximidade. Exemplo desta tipologia são as Casas Needham projetadas por William Hoskins Brown Associates, em Massachusetts. Localizadas próximas de serviços médicos, equipamentos culturais e recreativos, consistiam em oito blocos de apartamentos com um só andar, cada um com apartamentos de um ou dois quartos. O projeto *Seattle First Methodist Homes*, projetado por John Graham & Company, consistia num edifício de apartamentos inseridos no centro urbano, destinado aos idosos reformados. Pretendia que estes se mantivessem próximos da família e comunidade. O programa incluía apartamentos para uma ou duas pessoas, solário em cada andar, biblioteca, refeitório, sala de atividades e dormitórios para doentes convalescentes, com atendimento médico e enfermarias. Ainda desta década, destaca-se o conjunto de apartamentos para idosos da *Peninsula Volunteers*, localizado no Merlo Park, na Califórnia, que compreendia trinta unidades de habitação, distribuídas por dois pisos, situadas ao redor de um pátio ajardinado. Desta forma, os apartamentos usufruíam de dupla orientação: para o pátio e para o exterior e eram de tipologia variada. Por último, ainda dentro da década de 70, encontra-se o projeto de Walter Thiem (1975), na Alemanha. Tratava-se de um edifício que incluía um programa de usos mistos, com residências para idosos, uma igreja e um centro comunitário, proporcionando a interação entre diferentes gerações, uma vez que se encontrava acessível a qualquer pessoa.



16. Planta piso tipo dos apartamentos da Península Volunteers, Califórnia, de Skidmore, Owings e Merrill



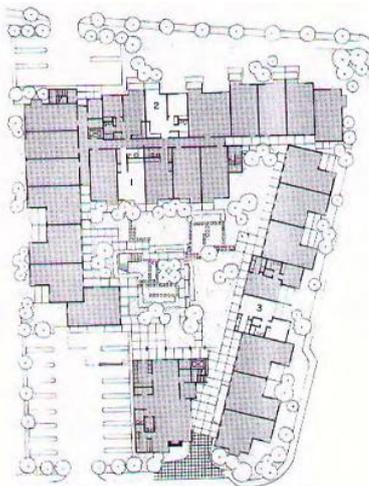
17. Planta piso térreo do projeto de usos mistos de Walter Thiem

(A. Espaços comuns e cozinha; B. Apartamentos; C. Administração; D. Sala polivalente e igreja)



18. Plata dos apartamentos The Given States, Asheville, de William Morgan

No final da década de 70, começam a surgir edifícios para idosos destinados a servir todo o tipo de idoso, muito ou pouco dependente, disponibilizando todo o tipo de serviço e evitando que este fosse obrigado a ser transferido para outro tipo de residência, caso o seu estado se alterasse. O equipamento *The Given States*, no norte da Califórnia, é um dos exemplos de edifício que disponibiliza todo o tipo de serviço e destina-se ao atendimento desde os idosos saudáveis aos totalmente dependentes. Localizado próximo do centro urbano, contém 280 apartamentos distribuídos ao redor de um centro comunitário que dispõe de serviços de alimentação e médicos. Os apartamentos para os idosos independentes são de um só piso e organizam-se em pavilhões. Os apartamentos para idosos semi-dependentes ou totalmente independentes localizam-se junto ao centro comunitário, para poderem ter a supervisão das enfermarias aí localizadas.



19. Planta de cobertura do San Rafael Commons, Califórnia, projeto de Kaplan, McLaughlin & Diaz

Já anos 80, surge em Nova Iorque um outro projeto de referência, *San Rafael Commons*, projetado por Kaplan, McLaughlin & Diaz, que visa combater o isolamento social e sentimento de insegurança. O seu volume, disposto ao redor de um pátio ajardinado, gera uma área protegida e aberta à natureza. O desenho paisagístico minuciosamente desenhado, tem o propósito de animar e estimular os idosos, incentivando-os a socializar. O pátio é intencionalmente fechado, exceto em alguns pontos onde permite a passagem, reforçando o conceito inicial.

Nos últimos anos, surge uma nova tipologia: a residência assistida. Esta, ocorre na sequência da evolução da noção de velhice, onde surgem novos conceitos: a terceira e quarta idade. A terceira idade corresponde ao período da saída ativa para a reforma, estabelecida aos 65 anos nos países ocidentais, momento este em que os indivíduos estão em plena independência e autonomia. Por sua vez, a quarta idade abrange as pessoas com maior grau de dependência. Assim, a residência assistida é uma resposta social à necessidade de assistência, quando esta ainda não é suficientemente significativa para proceder à institucionalização definitiva da pessoa idosa. A escolha de uma localização central, para promover a vida ativa, e o carácter residencial em vez de hospitalar, são algumas das características imprescindíveis para esta tipologia. A nível programático, incluem dormitórios privados com casa de banho e área de cozinha (opcional), áreas comuns compostas por espaços de refeições, espaços de estar, espaços de tratamento e espaços onde são fomentadas atividades recreativas e sociais, para promover o bem-estar físico e mental do idoso. Assim, consiste numa *"unidade residencial com oferta de serviços comuns de utilização facultativa, disponibilizados por uma equipa multidisciplinar, dirigida a pessoas idosas com autonomia total ou parcial"*.¹⁴

¹⁴ Página da internet da Santa Casa da Misericórdia

Conclui-se que tradicionalmente o idoso ou envelhecia em casa ou em instituições ainda muito ligadas ao conceito de hospital. No entanto, no decorrer do séc. XXI o leque de alternativas foi-se expandindo consideravelmente, fruto das mudanças sociais já referidas. Observa-se que a faixa etária dos idosos tende a ser cada vez mais heterogénea, com necessidades específicas que divergem de indivíduo para indivíduo. Para além da educação e formação social serem diferentes, o grau de dependência e autonomia também diverge. Perante estes factos, surgem novas tipologias de habitação para idosos, por forma a suprir as diferentes necessidades. Desde a existência de medidas que favorecem o “envelhecer em casa” assim como medidas que favorecem o “envelhecer institucional”, agora com carácter mais residencial.

Os EUA e alguns países do norte da Europa (Suécia, Noruega e Dinamarca) são os que apresentam a maior diversidade de respostas sociais e tipologias arquitetónicas destinadas a idosos, existindo diversas opções dependendo do tipo de idoso a que se destinam.

Em Portugal, as soluções disponíveis encontram-se ainda desfasadas da realidade dos países anteriormente referidos. A difusão destas novas tipologias e conceitos tem sido bastante lenta, prevalecendo as tradicionais opções pouco dinamizadoras. Encontram-se respostas sociais em equipamentos que permitem um alojamento permanente ou por um determinado período de tempo, tais como os tradicionais lares de idosos e, recentemente, as residências assistidas. Para além destes, também existem apoios sociais direcionados ao acolhimento de pessoas idosas num equipamento por um período limitado de tempo, tais como o centro cívico, o centro de dia e de noite. Para além das respostas sociais desenvolvidas em equipamentos, existem outros apoios sociais, autónomos a estruturas arquitetónicas, tais como o serviço de apoio domiciliário e o acolhimento familiar.

Destacam-se as residências assistidas Domus vida na Parede e na Rua da Junqueira, do arquiteto Valsassina, as Casas na Cidade pertencentes ao Hospital da Luz, do arquiteto Manuel Salgado e a Torre Sénior, projeto do *Atelier d'Architecture*. Estes são alguns exemplos de projetos que recentemente tentam introduzir novos modelos e princípios, porém, estão apenas ao alcance de pessoas com elevado poder económico.

Em suma, constata-se que a evolução tipológica dos espaços para idosos não tem como antecedente um único tipo arquitetónico nem um programa exclusivo. Estes, são o resultado da junção e adaptação de determinadas opções de espaços, ambientes, conceitos e volumetrias, tomadas noutros tipos arquitetónicos como os hospitais, residências, hotéis. Esta junção culmina no desenho de edifícios que possibilitam oferecer todo o tipo de serviços cada vez mais voltados à satisfação das necessidades dos idosos.

2.1.1. BREVES RECOMENDAÇÕES DE PROJECTO

O ambiente onde o idoso se insere, pode influenciar positiva ou negativamente o seu bem-estar físico e psíquico. Portanto, é necessário assegurar que estes se sintam confortáveis, seguros e se identifiquem com o lugar. Partindo do entendimento das características e necessidades do idoso contemporâneo, e das várias formas de habitar na terceira idade, torna-se pertinente sintetizar algumas recomendações para a concepção de espaços para idosos.

Fatores como a orientação adequada, garantindo uma boa iluminação natural, sistemas de controlo da mesma e ventilação, mobiliário e materiais escolhidos, são determinantes para conseguir o bem-estar e qualidade de vida dos idosos. Além disso, recomenda-se que se situem junto dos centros urbanos, próximo da maior diversidade de serviços e equipamentos possível, mantendo a pessoa idosa integrada na comunidade e próxima dos seus parentes e amigos, para que não se sinta isolada.¹⁵

No âmbito da acessibilidade, todos os espaços, tanto interiores como exteriores, devem ser acessíveis a pessoas com diferentes condições de mobilidade, sendo concebidos com dimensões adequadas à circulação de cadeiras de rodas e dotados de elevadores e ou rampas que permitam que todos possam usufruir das instalações, independentemente das suas limitações físicas. Neste sentido, os espaços para idosos devem, preferencialmente, ter reduzido número de pisos.

Os espaços exteriores, bastante valorizados pelo idoso, devem ter fácil acesso, seguros e sem obstáculos, dotados de espaços de permanência e mobiliário urbano de auxílio, superfícies lisas, antiderrapantes e com dimensões adequadas para permitir a circulação livre.¹⁶ Assim, deve assegurar-se o contacto com o exterior, valorizando-se o sistema de vista, que contribui para a estimulação dos sentidos e para o conforto físico e psicológico do idoso.

Para além de atender a estes aspetos, segundo Regnier, os espaços para idosos devem ter um carácter residencial em vez de institucional, cuja escala e forma do edifício sejam mais familiares e menos austeros. Para tal, há que criar ambientes com aspeto mais doméstico, com atmosferas acolhedoras e mais humanizadas, para que os idosos se sintam em casa. Para Mumford os ambientes criados devem ser luminosos, prazerosos e alegres, com um carácter semelhante a um hotel.¹⁷

¹⁵ OMS - O Guia Global das cidades amigas das pessoas idosas, 2009; p.10

¹⁶ OMS - O Guia Global das cidades amigas das pessoas idosas, 2009; p. 13

¹⁷ QUEVEDO, Ana – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 28

As atividades ocupacionais e de lazer revelam-se imprescindíveis, uma vez que fomentam as relações interpessoais e promovem autonomia. Desta forma, os espaços para idosos devem oferecer tratamentos e atividades que estimulem o seu desenvolvimento físico e mental, com o intuito de evitar o sedentarismo e a perda de mobilidade. Deverão conceber-se espaços de convívio para estimular a interação entre os idosos, onde se realizam diversas atividades como: *ateliers* para a realização de atividades manuais, sala de leitura, sala para jogos de mesa, espaço para ver televisão. Ana Quevedo afirma que se deve prever um espaço mais amplo, de uso múltiplo e flexível, para acolher atividades específicas como bailes, *workshops*, etc..¹⁸ Para além destes, dever-se-ão propiciar espaços de reunião ou possível contacto visual, entre os idosos e as crianças de uma escola próxima.

Os espaços de circulação, para além da função óbvia, podem ainda servir para promover o encontro entre os idosos “*animando os percursos*” usuais, através da disposição de mobiliário, de espaços bem iluminados e com alcance visual para o exterior ou outros espaços.¹⁹

Relativamente à conceção das unidades habitacionais, estas deverão ser “*construídas com materiais adequados (...) superfícies planas; casa de banho e cozinha adequadas; espaço suficiente para permitir a movimentação; suficiente espaço de armazenamento; passagens e portas suficientemente largas para permitir a circulação de uma cadeira de rodas;*”.²⁰ Além disso, devem ser acessíveis, seguras e garantir privacidade, para que o idoso se sinta confortável. Devem também dispor de espaço necessário para a realização das mais diversas atividades, para além de dormir (como ler, ver televisão, etc.), e para o armazenamento dos objetos pessoais. Deverão ainda, prever uma instalação sanitária privativa, devidamente equipada e dimensionada.²¹

Salas de estar/atividades: 2 m²/residente; área útil mínima: 15 m²; (Portaria nº 67/2012 - ANEXO I - Áreas funcionais- Ficha 4 — Área de convívio e atividades)

Sala de refeições: 2 m²/residente; área útil mínima: 20 m²; (Portaria nº 67/2012 - ANEXO I - Áreas funcionais- Ficha 5 — Área de refeições)

Espaços de circulação devem ter uma largura útil de, no mínimo, 1,90.

Portaria nº 67/2012 determina que a área mínima útil varia conforme a tipologia. Para quartos individuais serão 10m², quartos duplos 16m²;

Portaria nº 67/2012 define ainda que a área útil das instalações sanitárias que servem os quartos não deve ser inferior a 4,5m²;

¹⁸ QUEVEDO, Ana – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 35

¹⁹ QUEVEDO, Ana – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura; pág. 112

²⁰ OMS - O Guia Global das cidades amigas das pessoas idosas, 2009; p.35

²¹ Guia Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais – lares de idosos, da Segurança Social

20. Crianças em plena harmonia com o espaço construído



“Nenhuma arquitetura tem mais importância no nosso desenvolvimento do que as escolas infantis, onde nos tornamos indivíduos autônomos e seres sociais, moldados por um ambiente construído que nos fala em silêncio”.²²

²² GALIANO, Luis Fernández - *Para párvulos*; in Rv. “Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón”; nº126, 2009; pág. 3

2.2 FORMAS DE HABITAR NA INFÂNCIA

Tradicionalmente, a educação infantil era assumida como dever paternal, segundo o qual a criança recebia os cuidados e ensinamentos no seio da família. As crianças permaneciam em casa com a mãe, até que atingissem idade para se iniciarem no mundo do trabalho. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, evidenciam-se profundas alterações sociais resultantes da Revolução industrial. A entrada da mulher no mundo do trabalho e a proibição do trabalho infantil, obrigam os pais a deixar as crianças ao cuidado dos avós. As sociedades alteram-se e, ao mesmo tempo, a educação começa a ganhar importância, possibilitando que o ensino se tornasse, aos poucos, acessível a toda a população. Todos estes fatores contribuíram para a urgência da criação de espaços para o acolhimento e cuidado das crianças.

Com o passar do tempo, a educação começa a estabelecer-se fora do seio familiar, começando a surgir instituições próprias de apoio à infância. A partir daí, o tempo e a maioria das atividades das crianças, passam a concentrar-se essencialmente nas instituições. Na presente reflexão irão ser abordadas essencialmente as instituições de início de vida.

A evolução dos espaços destinados à primeira infância é muito rica. As primeiras referências à necessidade de criar espaços para o seu cuidado e educação surgiram no séc. XVIII, altura em que se reconhece a importância da educação na sociedade. A consciencialização da importância da educação, bem como das necessidades associadas às diferentes fases de desenvolvimento da criança, começa a expandir-se por toda a Europa e Estados Unidos, surgindo vários princípios e práticas pedagógicas, que influenciaram a tipologia dos espaços para crianças.

Johann Pestalozzi (1746-1827) surge como um dos pedagogos pioneiros na reforma da educação infantil, fundando a primeira instituição centrada na criança em 1805, em Yverdon, na Suíça. Caracterizava-se por conter espaços amplos, salas, um pátio, um jardim e duas largas alamedas que serviam de recreio. A educação, segundo o seu método pedagógico, deveria estar em completa harmonia com a natureza, respeitar o espírito livre da criança e os estágios de desenvolvimento por que esta passa.²³ Além disso, no seu modelo educativo enfatizava a importância do desenho no desenvolvimento cognitivo e físico da criança, encarando-o como disciplina pedagógica.

Robert Owen (1771-1858), seguidor dos princípios educativos de Pestalozzi, foi um dos fundadores das *Infant School*. Defendia um ensino adaptado a cada criança, valorizando o seu desenvolvimento ativo através da cooperação com os outros.

²³ Mark Dudek – *Métodos maestros – Un recorrido histórico por la enseñanza pré-escolar*; in Rv. "Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón"; nº126, 2009; p.16

Owen assumia as atividades físicas como a base do desenvolvimento da criança, enquanto Pestalozzi assumia a expressão artística.²⁴ O seu princípio pedagógico baseava-se no jogo. Em 1816 cria uma nova instituição escolar *The New Institute for the formation of character*, destinada a crianças dos 2 aos 10 anos, implantada numa indústria, na Escócia. Esta, oferecia um infantário, escola primária para os filhos dos trabalhadores.

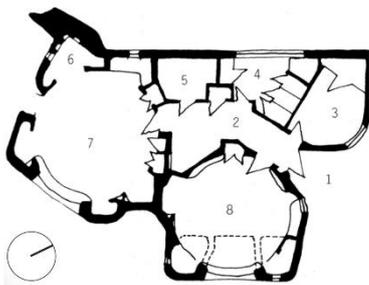
Nos finais do século XVIII surge o termo *Kindergarten*²⁵, introduzido por Friedrich Frobel (1782-1852), que fez com que os *jardins-de-infância*, passassem a ser entendidos como a base das instituições para a infância. Frobel, foi dos primeiros educadores a enfatizar o brincar e as atividades lúdicas, como fundamentais para o desenvolvimento da criança. Acreditava que através do brincar, esta apreendia mais facilmente todo o tipo de conhecimentos. Posto isto, em 1836, cria os objetos lúdicos *Frobel gifts*, de apoio a atividades que promovem o desenvolvimento da criança. Estes, concebidos para cada idade, eram utilizados em jogos com o intuito de desenvolver capacidades específicas.²⁶ Em 1837, estabelece o seu primeiro Kindergarten na Turínia, um instituto para o cuidado e desenvolvimento intelectual da criança.

Mais tarde, *Rudolf Steiner* (1861-1925) cria as bases teóricas que estruturam o movimento educativo das escolas *Waldorf*, bem como a arquitetura desses espaços. O seu método educacional, visava integrar todas as áreas do conhecimento (físicas, intelectuais, sociais e emocionais) e considerava os ambientes físicos como parte do processo de aprendizagem. Neste sentido, o ambiente construído era entendido como um meio para estabelecer a perfeita harmonia dos sentidos e conseguir desenvolver as faculdades mentais, para obter conhecimento. Inclusivamente, este dizia que as crianças aprendem por influência do ambiente físico que as rodeia, onde a luz, a cor e até os objetos que se apresentem em torno da mesma, a influenciam física e psicologicamente.

Estes princípios seriam transpostos para a arquitetura dos espaços para crianças, onde a sua geometria era idealmente dinâmica, complexa e orgânica, evitando-se as formas convencionais (retas). A primeira escola *Waldorf* foi fundada em 1919, em Estugarda. Esta, adotava um esquema de cores diversificado e destacava-se pelos detalhes expressionistas orgânicos, que se tornariam característicos das obras de Steiner. Hoje, existem vários exemplos de escolas *Waldorf* espalhados pela Europa e EUA tais como o infantário *Nant-y-Cwm Steiner*, projetado por Christopher Day, no País de Gales. Distinto, devido à sua volumetria orgânica, à cobertura verde, paredes em terracota e ao seu interior muitas



21. Primeira escola Waldorf (1919), Estugarda, de Rudolph Steiner



22 e 23. Planta e Alçado Sul do infantário Steiner Nant-Y-Cwm, (1989) no País de Gales, de Christopher Day

²⁴ BIGODE, Luísa – *Espaços para a infância – O projeto centrado na criança*”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; p.17

²⁵ Jardim-de-infância em português, o conceito associava o espaço pré-escolar a um jardim, no qual as crianças eram equiparadas às plantas que, por sua vez, eram criadas pelos jardineiros/educadores.

²⁶ BIGODE, Luísa – *Espaços para a infância – O projeto centrado na criança*”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; p.22

vezes comparado com uma caverna, estas características contribuem para que este se funda com a natureza. As formas irregulares e os diferentes ângulos, criam espaços dinâmicos.

Paralelamente, no Reino Unido, *Margaret McMillan* (1860-1931), pioneira da educação pré-escolar britânica, defende que a escola infantil ideal é como uma “cidade jardim para as crianças, isto é, um local de muitos abrigos (...) de pequenas escolas construídas como uma comunidade (...) projetadas ao encontro das necessidades das crianças de determinada idade”.²⁷ A sua abordagem pedagógica procurava responder às necessidades básicas da criança através da atividade física e da vivência ao ar livre. A sua escola, em Deptford, fundada em 1914, apresenta uma construção leve e é composta por vários pavilhões independentes, cada um servido de equipamentos lúdicos e de uma instalação sanitária.

No panorama Italiano, salienta-se *Maria Montessori* (1870-1952), fundadora das *Casa dei Bambini*, escolas infantis onde eram aplicados os seus princípios educativos. O seu método pedagógico tinha como objetivo desenvolver a individualidade e autonomia infantil, para além das suas capacidades mentais. Defendia a liberdade de movimentos e expressão, e que o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade e iniciativa da criança deviam ser estabelecidos através de um meio construído organizado, flexível e adaptado, que potenciase o sentido exploratório da criança. Esta é encorajada a mover-se livremente no espaço e a manipular o que está ao seu redor, havendo sempre ligação direta com um jardim exterior. Esta prática pedagógica reflete-se também na arquitetura e no design do espaço, onde todo o mobiliário é concebido à escala da criança, possibilitando que esta o manuseie facilmente.

Nos anos 30, assiste-se ao afastamento do organicismo expressionista, que foi superado gradualmente pelo racionalismo modernista. Surge assim, uma nova expressão arquitetónica associada ao movimento moderno, cuja linguagem, de carácter industrial, privilegiava a construção rápida, económica e eficiente. Além disto, começam a surgir vários espaços para crianças localizados próximos de residências ou mesmo integrados nos projetos de habitação coletiva, como resposta a um programa social. Em 1927-30, Karl Ehn projeta um conjunto residencial que inclui vários equipamentos de apoio à comunidade, tais como uma biblioteca, lavandaria e um infantário Montessori, em Viena. A *Unité d’Habitation* pode ser encarada como outro exemplo. Projetada por Le Corbusier em Marselha nos anos 30 e construída entre 1947-52, inclui no terraço da cobertura, longe da poluição e do ruído da urbe, uma creche, uma escola infantil e outras áreas comuns (ginásio, espaço social, cinema).



24. Casa dei bambini (1928), em Altona. Salas de atividades que proporcionam diferentes áreas funcionais e estão adaptadas à escala das crianças

²⁷ BIGODE, Luísa – *Espaços para a infância – O projeto centrado na criança*; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; p.24

Nos EUA, em 1937, Walter Gropius, projeta a escola infantil *Caryl Peabody*, em Cambridge. Esta, apesar de nunca ter sido construída, apresentava uma tipologia e programa, que marcaram a arquitetura escolar. Houve a preocupação de distinguir as diferentes áreas funcionais (salas de aula, áreas administrativas e serviços), salas de aula amplas, servidas por lavabos e arrumos. Destaca-se também a relação interior/exterior, onde as salas de aula possibilitavam vistas e relações diretas com o exterior, através de fachadas envidraçadas.

Na segunda metade do século XX, face a um contexto socioeconómico conturbado, assiste-se à construção massiva de espaços pré-escolares, maioritariamente dissociados de movimentos pedagógicos e/ou estilísticos, de carácter unicamente assistencial e com poucas qualidades.

No contexto nacional, a expansão da educação pré-escolar foi lenta e instável, furto dos diferentes regimes governamentais. Até ao final do século XIX, as instituições destinadas à infância em Portugal surgem por iniciativa de instituições religiosas e privadas, e tinham um carácter essencialmente assistencial ou asilar, onde a valência educativa não tinha importância. Nesta altura, os cuidados à 1ª infância, eram considerados um dever familiar, sendo que o recurso a terceiros, era apenas comum em famílias abastadas.

Apenas no final do séc. XIX é que surge em Portugal o primeiro projeto destinado ao ensino pré-escolar, a *escola Froebel*, inaugurada em Lisboa, em 1882 no Jardim da Estrela. Neste período, surgem outras experiências de estabelecimentos para crianças, criados em complexos industriais no final do séc. XIX, como é o caso da *Creche da Fábrica de Loiças de Sacavém* (1876); do acolhimento de crianças e escolas pela Fábrica das Sedas e de Fiação de Xabregas (1879);

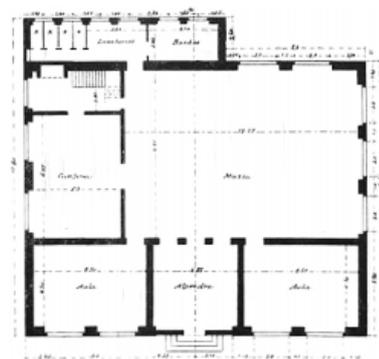
Na segunda metade do século XIX, João de Deus decide impulsionar a educação e alfabetização da população nacional. Em 1882 é fundada a Associação de Escolas Móveis por iniciativa de Casimiro Freire, cujo objetivo era o de ensinar a ler e escrever através do método pedagógico de João de Deus, assente na "Cartilha Maternal". Posto isto, em 1911 o seu filho João de Deus Ramos, inspirado nos métodos de ensino de Froebel, Montessori, entre outros, decide fundar o primeiro *jardim-escola João de Deus*, em Coimbra, projetado pelo arquiteto Raul Lino. Este, será posteriormente encarado como um projeto-modelo, onde se estabelece uma matriz funcional e tipológica do espaço pré-escolar, que seria seguida e adaptada para os futuros jardins-escola. Esta, caracteriza-se por ser um edifício de cariz habitacional, desenvolvido ao nível térreo, de cores claras, grandes vãos e organização simples. Interiormente contém um grande espaço central, denominado de "Museu", de onde

derivam as restantes áreas: salas de aula, cantina e os sanitários.²⁸ A seguir a este projeto, seguiram-se muitos outros, tais como o *Jardim-escola João de Deus* em Lisboa, inaugurando em 1915 junto ao Jardim da Estrela, e o de Alvalade, mais complexo que os anteriores, uma vez que já incluía zonas administrativas e espaços técnicos. Este, foi o último projetado pelo arquiteto Raul Lino.

No contexto do regime ditatorial do Estado Novo, em 1937, o ensino público foi extinto do sistema educativo nacional, passando a estar a cargo de instituições privadas. Defendia-se que a educação das crianças até aos sete anos deveria ser da inteira responsabilidade das famílias. Apenas em 1973, com a reforma aplicada pelo ministro Veiga Simão, é que o estado português inicia um investimento sério na educação pré-escolar, voltando a reintegrar o ensino infantil no sistema educativo nacional. Em 1997 é criado o sistema público de Educação Pré-escolar e outras publicações que visam garantir a qualidade do ensino nos Jardins-de-infância, tanto a nível pedagógico como a nível arquitetónico.

Até 2007, assiste-se à criação de estabelecimentos por todo o território nacional. Neste período, destacam-se os projetos do *Infantário de Bicesse*, o *Jardim-de-infância de Alcanena* ou o *Jardim-de-infância Popular do Cacém*. Em 2007 é lançado o Programa de reabilitação da *Rede Escolar do Ensino Básico e da Educação Pré-escolar*, que visa solucionar problemas relacionados com a qualidade dos estabelecimentos escolares existentes, em estado precário ou com grandes carências. Este programa introduz a tipologia de *Centro Escolar*, que combina vários ciclos de ensino no mesmo espaço, tornando-se uma solução rentável e económica.

Em suma, conclui-se que, tal como os espaços para idosos, a génese e evolução dos espaços para as crianças não foi homogénea, não sendo possível reconhecer uma tipologia única destes espaços. O seu carácter facultativo contribuiu para um desenvolvimento fragmentado, pontuado por alguns movimentos pedagógicos emergentes de cada época. Todos estes fatores contribuíram para influenciar a arquitetura destes espaços, que apresentam programas, ambientes e formas diversificadas.



25, 26 e 27. Planta, Alçado principal e sala de aula do primeiro jardim-escola João de Deus (1911), em Coimbra, de Raul Lino

²⁸ BIGODE, Luísa – *Espaços para a infância – O projeto centrado na criança*; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; p.27

BREVES RECOMENDAÇÕES DE PROJETO

A educação pré-escolar, é uma fase que influencia e tem grande impacto no desenvolvimento da criança. Como tal, aliado ao trabalho desenvolvido pela psicologia infantil, a arquitetura destes espaços, poderá também influenciar o seu desenvolvimento. Ou seja, o ambiente construído assume-se como parte do processo de aprendizagem. Posto isto, torna-se relevante referenciar algumas premissas espaço-funcionais e ambientais, que devem estar presentes na conceção destes espaços.

Relativamente à localização destes espaços, é desejável a proximidade a outros equipamentos urbanos: jardins; centros recreativos, desportivos, culturais ou sociais; outras escolas; centros de terceira idade. Além disso, recomenda-se que se localizem em zonas urbanizadas, com acessos seguros e fáceis (pedonais e transportes públicos, afastadas de fontes de poluição e ruído).²⁹

Despacho Conjunto nº268/97 ponto 9: Os edifícios do 1ºciclo devem ter, no máximo, dois pisos;

A orientação deverá ser definida tendo em conta o tipo de espaço e atividade desenvolvida, privilegiando-se a iluminação e ventilação naturais do edifício, bem como a relação interior-exterior e o sistema de vistas.³⁰

Portaria nº 262/2011 - Artigo 17.º : os espaços pré-escolares devem situar-se no piso térreo.

As cores e texturas dos materiais, assumem também um papel relevante nos ambientes para a infância, uma vez que provocam estímulos sensoriais que poderão influenciar o desenvolvimento emocional das crianças. Deste modo, procura-se a conceção de um ambiente estimulante, com o máximo de iluminação natural, cores variadas, texturas agradáveis e revestimentos que proporcionam conforto e segurança.³¹

A legislação em vigor obriga à existência de pelo menos um espaço exterior, que inclua uma área coberta, nos estabelecimentos pré-escolares. Despacho Conjunto nº 258/97-ficha nº8

Além disso, os espaços para a infância devem estar adaptados à sua escala, ou seja, as mesas e cadeiras devem ser ergonómicas, a altura dos vãos de ligação ao exterior devem igualmente ser adaptados à altura das crianças, assegurar visibilidade para o exterior.

Preferencialmente, estes equipamentos devem desenvolver-se num só piso, facilitando o contacto direto com o exterior, sem necessidade de recurso à utilização de escadas ou elevadores, que dificultam e reduzem a segurança.

As salas de atividades do pré-escolar devem albergar entre 20 a 25 crianças (segundo o artigo 10º do Decreto-Lei nº147/97)

A existência de espaços exteriores e do contacto com a natureza são valorizados, uma vez que se revelam essenciais e determinantes para o desenvolvimento saudável da criança. Para além de estimularem a brincadeira e a atividade física, são uma extensão e complemento da prática educativa que se estabelece nas salas de aula. Para além das salas de atividades,

²⁹ Portaria nº 262/2011, artigo 16º e Despacho Conjunto nº268/97 ponto 7

³⁰ Despacho Conjunto nº268/97 ponto 8

³¹ Despacho Conjunto nº268/97 ponto 14 "Exigências Funcionais e Construtivas para Edifícios Escolares" produzido pelo LNEC e Despacho Conjunto nº 258/97

aconselha-se a existência de outro tipo de salas, que alberguem atividades artísticas e plásticas.

A legislação prevê ainda a existência de uma sala polivalente, os espaços de banho deverão localizar-se próximo das salas de atividades e é escusada a utilização de divisórias entre sanitários.

O sentido de pertença à comunidade, é essencial à identidade da criança e à sua integração no mundo.³² Como tal, atualmente valoriza-se que as escolas estabeleçam vínculos exteriores, através da ligação com outras infraestruturas culturais, sociais (como residências para idosos), desportivas, etc., permitindo espaços de encontro, de ação e colaboração.³³

Despacho Conjunto nº 258/97-ficha nº1: As salas de atividades devem ter entre 40 a 50m²;; pé-direito 3m;

Portaria nº 262/2011, artigo 7º - área mínima de 2m² por criança

Uma sanita e lavatório por cada 10 crianças; pé-direito de 3m. Despacho Conjunto nº 258/97-ficha nº4

³² BIGODE, Luísa – *Espaços para a infância – O projeto centrado na criança*”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado; p.74

³³ Despacho Conjunto nº268/97 ponto 1

28. Interação entre
geração idosa e mais nova



"Não há sociedade que prescindia da transmissão cultural, que se faz de geração a geração e na qual não haja diferenças intergeracionais".³⁴

³⁴ MAGALHÃES, Andrea et al. - *Laços intergeracionais no contexto contemporâneo*; em Pontifícia Univesidade Católica do Rio de Janeiro; pp. 171-177; Maio, 2011; p.17

2.3 NOVAS FORMAS DE HABITAR

Podemos constatar que atualmente são escassas as propostas que ligam as diferentes gerações. Exemplo disso é a segregação das instituições. Neste sentido, a articulação dos programas que servem cada uma das gerações, será agora entendida como um caminho que contribuirá para proporcionar a interação pontual entre gerações, ao mesmo tempo que ajudará à alteração da visão negativa que se tem do envelhecimento.

2.3.1 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

O conceito relações intergeracionais refere-se à interação que ocorre entre pessoas que pertencem a diferentes gerações, não se restringindo apenas às ocorridas no contexto familiar. Assim, estas podem ser entendidas como *“vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estágios de desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências”*.³⁵

Até ao séc. XX a família era a base das relações intergeracionais, identificando-se a relação entre avós e netos como *uma das práticas mais antigas da civilização*.³⁶ No entanto, apesar de estabelecida desde sempre, ao longo da história é possível observar que esta interação sofreu alterações, devido sobretudo às transformações sociais ocorridas e consequente alteração das estruturas familiares. Inicialmente ocupando um lugar de destaque no que diz respeito ao apoio à família, os avós eram um elemento fundamental na estrutura da família. Porém, ao longo do tempo tem-se vindo a assistir ao afastamento do papel dos avós face aos netos.

Relativamente às relações intergeracionais ocorridas fora do seio familiar, para além de não ocorrerem tão naturalmente, o acentuar da individualização social, a alteração das estruturas familiares, as cidades cada vez mais envelhecidas e fragmentadas, contribuíram para que a relação e convívio entre as várias gerações seja quase inexistente. Posto isto, apesar de ser no seio familiar onde as relações intergeracionais têm maior caracterização e presença³⁷, podemos assumir que a intensidade e aceleração destas mudanças tem vindo a afetar os laços sociais estabelecidos entre pessoas de diferentes gerações, revelando-se urgente repensar as relações intergeracionais estabelecidas sobretudo fora do seio familiar. Neste sentido, nos últimos anos o fenómeno das relações intergeracionais torna-se

³⁵ OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de – *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; p. 4.

³⁶ OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de – *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; p. 4.

³⁷ SANTOS, Divina de Fátima dos – *Relações Intergeracionais: palavras que estimulam*; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia; p. 15.

objeto de estudo, assistindo-se ao aumento de pesquisas nesta área, sobretudo nos países do norte da Europa e EUA. Contudo, no caso Português, a área intergeracional está ainda muito pouco desenvolvida.

Sabendo-se que as relações sociais intergeracionais são fundamentais para o processo de desenvolvimento das sociedades, identificando-se vantagens provenientes desse convívio, sobretudo na fase da velhice, a urgência em dar resposta às questões sociais relacionadas com o envelhecimento e a necessidade de promoção de dinâmicas de aproximação intergeracional, levou à procura de estratégias e soluções por parte de várias entidades.

2.3.1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Num contexto de alterações demográficas significativas, “as práticas intergeracionais são uma ferramenta vital que contribui para a construção de comunidades mais fortes e coesas”.³⁸

Como se depreende do capítulo anterior, desde a década de 70 que o fenómeno do envelhecimento da população tem sido acompanhado a nível político, revelando intencionalidades de promoção do envelhecimento ativo e da inclusão dos idosos.

Na *Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*, realizada em Viena em 1982, alertou-se para o envelhecimento da população. Pretendia-se agir e adotar políticas que garantissem a segurança económica e social dos idosos, mas também criar formas destes contribuírem para o desenvolvimento dos seus países.

Em 1995, no relatório final da Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social, realizada em Copenhaga, as Nações Unidas dizem que “o propósito da integração social é a criação de uma sociedade para todos, na qual cada pessoa, com seus próprios direitos e responsabilidades, tem um papel ativo a desempenhar”.³⁹ Nesse mesmo ano, o Secretário-Geral das Nações Unidas apresentou à Assembleia Geral o *Quadro Conceitual para a Preparação e Observância do Ano Internacional das Pessoas Idosas*, no qual explica que uma sociedade para todas as idades é aquela que “ajusta as suas estruturas, o seu funcionamento, as suas políticas e planos às necessidades e capacidades de todos, para benefício de todos”.⁴⁰ Em 2000, a UNESCO elabora um *Relatório sobre os benefícios individuais e sociais da troca de experiências entre gerações* e defende que os programas intergeracionais são um

³⁸ THINKPUBLIC – *Conceber ações comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades*; Fundação Calouste Gulbenkian; pág. 8.

³⁹ Nações Unidas, 1995

⁴⁰ Nações Unidas, 1995

instrumento para a inclusão social, para aumentar a solidariedade entre as gerações e o desenvolvimento da comunidade.

Em 2002, as Nações Unidas voltam a adotar o conceito de solidariedade intergeracional na *Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*, realizada em Madrid, que surge para “realizar uma revisão geral dos resultados da Primeira Assembleia Mundial e adotar um plano de ação revisado com uma estratégia a longo prazo no contexto de uma sociedade para todas as idades”.⁴¹ Nesta, reconhece-se a necessidade de assegurar a igualdade entre gerações, tendo em conta as necessidades particulares de cada uma, e de promover a ideia de que a solidariedade intergeracional e apoio mútuo podem contribuir para o reequilíbrio social, tornando as sociedades mais justas, coesas e solidárias, no sentido de se caminhar para uma sociedade para todas as idades. Desta forma, uma sociedade para todas as idades tornou-se o lema da segunda assembleia mundial, uma sociedade capaz de acomodar e responder às necessidades das pessoas de diferentes idades, procurando sempre o bem-estar de todas as gerações.

Posto isto, como poderemos promover uma mudança social que nos aproxime do ideal de uma sociedade para todas as idades? A maneira de o conseguir será encorajar e apoiar atividades intergeracionais.⁴² Ou seja, será através de medidas que fomentem os relacionamentos intergeracionais, facilitando a participação de idosos em grupos comunitários ou encorajando projetos que promovam a coexistência intergeracional. Como tal, a visão das Nações Unidas oferece argumentos úteis aos interessados em implementar programas intergeracionais, podendo estes ser uma estratégia prática.

2.3.2 PROGRAMAS INTERGERACIONAIS

As iniciativas ou programas intergeracionais, surgem nos EUA na década de 60/70, como instrumento para solucionar problemas sociais e estimular as relações estabelecidas entre indivíduos de diferentes gerações. Posto isto, e tendo em conta o contexto atual, este tipo de programas são deliberados para ligar crianças/jovens e idosos com vista a combater estereótipos e as mais diversas formas de discriminação relacionadas com a velhice, incentivando a perceção positiva do envelhecimento nas crianças e jovens, ao mesmo tempo que eliminam, ou pelo menos diminuem, algumas das barreiras que impedem o contato e as relações intergeracionais, funcionando como uma estratégia para que estas se aproximem.

Na presente reflexão focar-nos-emos nos problemas sociais que advêm do envelhecimento, como tal, os participantes destes programas intergeracionais são geralmente crianças e idosos.

⁴¹ Nações Unidas, 2000

⁴² Nações Unidas, 2002

Apesar das relações intergeracionais serem fundamentais em todas as idades, segundo Cristina Oliveira, a fase crucial para que o contacto entre idoso e criança ocorra é no início da infância (dos 2 aos 7anos), uma vez que permite o desenvolvimento equilibrado da criança.⁴³ Além disso, segundo a mesma autora, a transmissão de saberes deve funcionar nos dois sentidos, ou seja, não é uma simples passagem de conhecimentos da geração mais velha para a mais jovem, ambos têm de ensinar e aprender. Para tal, é necessária "a coexistência e o convívio entre diferentes gerações".⁴⁴ Todos esses programas intergeracionais visam a troca de aprendizagens entre gerações, criando relacionamentos significativos, atingindo benefícios recíprocos para os seus participantes e até mesmo para a comunidade em que são inseridos.

Existem vários modelos de programas intergeracionais, como tal, inicialmente apresentaremos a relação entre gerações estabelecida através de atividades pontuais, de carácter social e interdisciplinar. As atividades intergeracionais são concebidas para proporcionar a interação entre idosos e crianças/jovens sem laços biológicos. Podem ser desenvolvidos vários tipos de atividades de lazer cultural como o teatro, a dança, a música, sessões de cinema, expressões plásticas, exposição de fotografias, debates e até aulas e culinária e gastronomia. Estas, além de proporcionarem a interação, a partilha de conhecimentos e experiências entre as diferentes faixas etárias, promovem o desenvolvimento tanto de idosos quanto das crianças/jovens por meio de um processo de educação recíproca e informal.

Podem ser realizadas em diversos cenários como escolas, universidades, lares de idosos, centros comunitários. É comum os idosos deslocarem-se ao sítio onde são dinamizadas as atividades, no sentido de ensinar algo às crianças, tais como atividades de sensibilização ambiental como acontece nos projetos *Criação de Jardins da Escola* em Itália ou *Plantação em Grassmoor* em Inglaterra.⁴⁵ No sentido contrário, as crianças podem visitar os espaços dos idosos, onde participam e auxiliam na sua rotina diária e/ou exercem a função de formadores, como no caso do domínio das novas tecnologias, onde as crianças ensinam os idosos a utilizá-las, como acontece no projeto *GenerationLink*, e em Portugal, nos projetos *TiO* e *Net@vó*. O programa *Entre Gerações*, criado pela fundação Calouste Gulbenkian em 2010/2011, é outro exemplo de referência. Identificando o envelhecimento como uma prioridade, este programa apoiou 18 iniciativas intergeracionais, onze no Reino Unido e sete em Portugal, que fomentavam a relação entre gerações e o sentido

⁴³ OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de – *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; p. 9.

⁴⁴ OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de – *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado; p. 21.

⁴⁵ Estes projetos consistem na criação de jardins e cultivo de frutos e vegetais como uma oportunidade de ensino, possibilitando a interação dos alunos com os mais velhos que os ensinam e supervisionam.

de coesão da comunidade. Destacam-se as iniciativas *Altas Hortas*⁴⁶, ao nível ambiental, e a *Amigos do Cão*, de recuperação de tradições. Para além destas 18 iniciativas, foi publicado o guia *Conceber ações comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades*.⁴⁷ Em suma, estas atividades conjuntas funcionam como meio para que a troca intergeracional aconteça, implicando a partilha de conhecimentos e experiências que promovam o intercâmbio cultural, o bem-estar e segurança de ambas as gerações.

Para além da articulação entre espaços para idosos e espaços para crianças, que implicam a deslocação das crianças para espaços destinados ao cuidado dos idosos e vice-versa, existe também outro modelo que se revela bastante eficaz. Referimo-nos aos centros/complexos intergeracionais (CI), que juntam as instituições e oferecem serviços e programas de forma quase contínua, atendendo as duas faixas etárias em simultâneo e possibilitando interações mais regulares, ou seja, não se limitam a proporcionar atividades intergeracionais organizadas num equipamento selecionado. Neste caso, os equipamentos dos idosos e crianças, localizam-se nas mesmas ou em instalações próximas, formando um centro que alberga as necessidades de várias gerações, “*um microcosmo, uma pequena comunidade, no contexto de uma comunidade mais ampla*”.⁴⁸ Portanto, os CIs juntam equipamentos distintos, comumente segregados por idade, e destinam-se a prestar serviços e programas variados. Desde a localização próxima de lares de idosos e centros de dia com creches, jardins-de-infância e/ou centros de estudo, dependendo das necessidades do bairro onde estão localizadas. O objetivo é associar os espaços destinados às atividades diárias de cada geração e completá-los com espaços comuns que sirvam todas as gerações. Estes últimos, podem corresponder a vários usos e programas como bibliotecas, cafés, espaços expositivos, espaços destinados ao desporto e ao convívio, como por exemplo ginásio, campos desportivos, hortas urbanas, entre outros.

Dentro da evolução dos espaços direcionados para todas as gerações, os centros paroquiais são os que se aproximam mais deste tipo de programas. Atualmente existem já outras soluções como a *ONEgeneration* que é um centro intergeracional, localizado em Los Angeles, que inclui numa área próxima um centro de dia e lar de idosos, espaços para crianças desde creches a escolas secundárias, um centro de recreação, uma academia de artes e espaços exteriores para praticar desporto. São disponibilizadas várias atividades intergeracionais diárias, possibilitando que os participantes escolham a atividade com

⁴⁶ Promover as relações intergeracionais e interculturais através da criação de hortas escolares

⁴⁷ THINKPUBLIC – *Conceber ações comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades*; Fundação Calouste Gulbenkian; pág. 16

⁴⁸ AA.VV., *Programas intergeracionales, havia una sociedad para todas las edades*; Barcelona; Fundación La caiza, 2007; p.146

que mais se identificam. A variedade de contatos é uma oportunidade única que só é possível em centros intergeracionais.

Perante um contexto em que as soluções disponíveis se encontram desfasadas da realidade, prevalecendo as tradicionais opções pouco dinamizadoras e inadaptados às necessidades da sociedade atual, os centros intergeracionais surgem como resposta à necessidade de adaptação do meio edificado às novas necessidades, servindo e prestando apoio às várias gerações, através da criação de espaços para usufruto de todos, que possibilitam interações em torno de atividades conjuntas.

2.3.3 BENEFÍCIOS E DESAFIOS DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Vários estudos comprovam os benefícios das relações intergeracionais, identificando-se melhorias tanto ao nível físico como psicológico. A partir do momento em que há uma relação entre pessoas de duas faixas etárias diferentes, há uma troca de saberes, apoio, compreensão e amizade. O idoso ao fazer parte das atividades e ao ensinar as crianças irá sentir-se útil, valorizado face às suas capacidades e reintegrado na sociedade. Por sua vez, a energia, alegria e vontade de viver contagiante das crianças, farão com que os idosos se sintam mais motivados, com maior autoestima e bem-estar, saúde e vitalidade. Para as crianças e jovens, a relação intergeracional *“possibilita uma tomada de consciência em relação ao mundo em que vivem, promovendo o respeito pela diversidade”*⁴⁹ e a consideração pelos idosos. Além disso, o facto da criança se encontrar numa fase de crescimento e de construção da sua personalidade, a interação com o idoso pode funcionar *“como uma peça fundamental para o crescimento equilibrado”*⁵⁰, enriquecendo e incrementando o processo de desenvolvimento da criança.

Para além dos benefícios para os envolvidos, as relações intergeracionais conseguem ter repercussões também em toda a sociedade. Possibilitam a reconstrução das redes sociais, contribuem para a preservação e valorização das tradições culturais e para a construção de uma comunidade mais coesa. Enquanto que as atividades intergeracionais, não realizadas num centro partilhado, reúnem as diferentes gerações semanalmente ou mensalmente, por meio de atividades breves que fornecem um contacto mais superficial para o desenvolvimento de relacionamentos, por outro lado, os participantes dos centros intergeracionais podem reunir-se em reuniões diárias ou semanais, permitindo interações frequentes e informais. Em suma, os centros

⁴⁹ SANTOS, Divina de Fátima dos – *Relações Intergeracionais: palavras que estimulam*; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia; p. 20.

⁵⁰ SANTOS, Divina de Fátima dos – *Relações Intergeracionais: palavras que estimulam*; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia; p. 50.

intergeracionais ao oferecem a oportunidade de realizar atividades com maior frequência, possibilitam contatos mais intensos e prolongados, resultando em relacionamentos mais duradouros e significativos, com um impacto profundo na vida dos seus participantes.

Para além dos benefícios ao nível do desenvolvimento pessoal, também as instituições poderão beneficiar com a interação entre gerações. Segundo Willem Van Vliet as relações intergeracionais apresentam três grandes benefícios: diminuição de recursos, facilidade em implementar programas e melhoria das políticas estabelecidas.⁵¹ Quando diferentes instituições colaboram conjuntamente, verifica-se o fortalecimento dos serviços, resultando em melhorias relacionadas com a qualidade e quantidade de serviços prestados e até a possibilidade de diminuição do número de profissionais necessários. Embora seja importante que cada programa tenha o seu próprio espaço, a co-localização permite otimizar o uso do espaço, que pode ser usado de forma independente ou em conjunto com outros programas. O mesmo se passa com a possibilidade de partilha de recursos materiais. Desta forma, existe uma vantagem enorme relativamente aos custos envolvidos quando diferentes idades são integradas, permitindo atender as diferentes necessidades de assistência sem ter que duplicar os serviços e espaços. Segundo Willem Van Vliet, esta ligação poderá reduzir os recursos públicos necessários, conseguindo-se uma solução mais rentável e estruturas físicas mais eficientes e sustentáveis.

Para além do “uso mais eficiente dos recursos humanos, físicos e financeiros”⁵², os sítios de uso partilhado, facilitarão a implementação de políticas e programas, permitindo ainda uma maior flexibilidade de respostas por parte do governo local e distritos escolares. A integração intergeracional permitirá também que as organizações que apoiam cada uma das gerações se unam, deixando de haver competição entre instituições, verificando-se uma melhoria das políticas estabelecidas, que farão com que ambas as gerações beneficiem das propostas, que acabam por se complementar.

*“É a convivência entre gerações que possibilita renovação, trazendo enriquecimento mútuo, mas há que ter certos cuidados. É preciso lembrar que existem inúmeras diferenças sociais e comportamentais impostas pela cultura, além da questão da idade”.*⁵³

⁵¹ VLIET, Willem Van – *Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives*. in *UN Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV*; Nanjing, 2008; p.14-17

⁵² VLIET, Willem Van – *Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives*. in *UN Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV*; Nanjing, 2008; p.26

⁵³ SANTOS, Divina de Fátima dos – *Relações Intergeracionais: palavras que estimulam*; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia; p. 10.

Assim, apesar de todos os benefícios da relação intergeracional, a interação pode ser conflituosa. Ambas as gerações têm diferentes modos de habitar, de conhecimento e experiência, podendo este facto condicionar as atividades que estabelecem em conjunto. Posto isto, torna-se pertinente realçar que a criação de espaços de interação necessita da existência de lugares para cada uma das gerações, para que seja respeitada a individualidade de cada uma, ou seja, *“as políticas devem tirar proveito das áreas de sobreposição, mas também reconhecer as necessidades distintas de cada grupo populacional”*.⁵⁴

⁵⁴ VLIET, Willem Van – *Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives*. in *UN Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV*; Nanjing, 2008; p.37



29. Planta de Localização do Território – Barreiro. Elaboração da autora

3. O TERRITÓRIO - BARREIRO

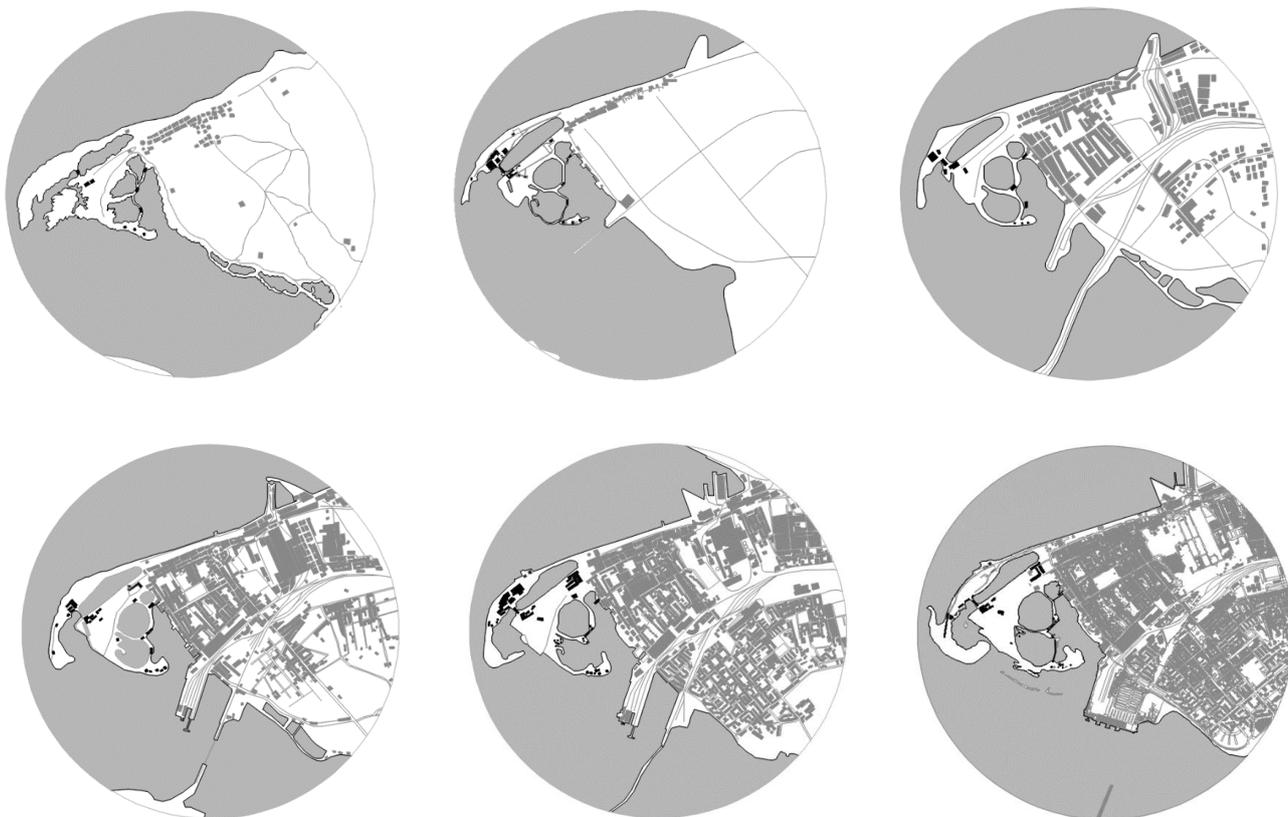
. Enquadramento histórico

A cidade do Barreiro teve início numa simples aldeia ribeirinha, cujos vestígios datam desde o século XIII. Com uma localização estratégica face ao Tejo e a Lisboa, banhada a norte pelo rio Tejo e a poente pelo rio Coina, desde cedo que esta proximidade e relação com o rio foi aproveitada para benefício da cidade, através de atividades ligadas à água (pesca, salicultura, moagem).

Caracterizada pela sua tradição industrial, entre os séculos XV e XVIII, são construídos ao longo da margem poente do Barreiro (na Alburrica), vários moinhos de maré, que produziram farinhas até ao século XIX. Nos finais do século XVIII e meados do século XIX surgem os moinhos de vento. Aqui, iniciou-se o primeiro complexo industrial do Barreiro, fruto da indústria artesanal. Apesar de atualmente inativos e deixados ao abandono, revelam-se o ex-libris da cidade. O grande arranque industrial do Barreiro iniciou-se no século XIX, com a inauguração do primeiro troço ferroviário (Barreiro-Vendas Novas), que daria origem ao eixo central de comunicações ferroviárias entre o norte e o sul do país. Assim, em 1861, constrói-se a primeira estação de caminhos-de-ferro (atuais oficinas da EMEF). Dada a excessiva afluência de pessoas e bens, é inaugurada em 1884 a estação ferro-fluvial do Barreiro, dotada da estação de caminho-de-ferro Sul/Sueste e de um cais fluvial acessível, que possibilitava um transporte mais cómodo de pessoas e mercadorias entre as duas margens. Em 1995, é inaugurado o terminal rodo-fluvial do Barreiro. A antiga estação Sul e Sueste perde alguma importância, ficando remetida apenas ao transporte ferroviário. Em 2008, quando o novo terminal incorpora a vertente ferroviária, a antiga Estação perde todas as funções para a qual foi criada, ficando desocupada. Esta ligação foi, portanto, determinante para a entrada de outro tipo de indústrias, uma vez que a exploração dos recursos existentes noutros pontos do país, tornou-se mais acessível. No final do séc. XIX, instalaram-se várias unidades fabris corticeiras nos terrenos envolventes à Quinta Braamcamp, fazendo do Barreiro numa das maiores produtoras de cortiça do país até então.

Em 1907, é construído o maior centro fabril ligado à indústria de Químicos. A *Companhia União Fabril* (CUF), instala-se no extremo norte do concelho tirando partido da linha de caminho-de-ferro, que lhe permitia receber matérias-primas do sul e escoar produtos por via marítima e férrea. Esta indústria, foi a principal responsável pelo desenvolvimento económico do Barreiro. Durante a primeira metade do século XX o Barreiro viveu o seu apogeu industrial, deixando marcas até aos dias de hoje, não só através das grandes instalações industriais, como também através dos vários bairros operários, surgidos pela necessidade de alojar as centenas de pessoas que vinham de fora em busca de trabalho.

30. Evolução territorial do Barreiro.
Elaboração própria baseada nas
cartas militares de 1816, 1830, 1930,
1950, 1993, 2018



Na segunda metade do século XX, a crise económica/política nacional, deu origem ao início da desindustrialização, acabando com quase todas as indústrias em Portugal e afetando profundamente várias cidades, inclusive o Barreiro. Este facto, gera inevitavelmente desemprego e liberta os espaços para outras atividades. Assim, o Barreiro assistiu ao desaparecimento da sua maior fonte de riqueza. Apesar da tentativa de terciarização do concelho através da fundação da Quimiparque em 1977, foi inevitável a quebra de habitantes e a redução drástica da capacidade de criar riqueza.

Atualmente o Barreiro encontra-se num período de declínio e estagnação, tanto urbano como social. A desindustrialização deixa vários vestígios, considerados património e uma herança da industrialização portuguesa, que, deixados ao abandono, marcam negativamente a imagem e paisagem da cidade. Simultaneamente, com a terciarização e urbanização do concelho, a cidade foi-se expandido em áreas cada vez mais distanciados do núcleo primitivo. Desde então, o núcleo histórico entrou num processo de declínio, sendo hoje fundamentalmente uma área residencial degradada, em processo de desertificação, com vários hectares abandonados que impossibilitam a vivência dos espaços, fragmentando a cidade.



31. Vista aérea do Barreiro na zona da CUF, 1938

. Análise social

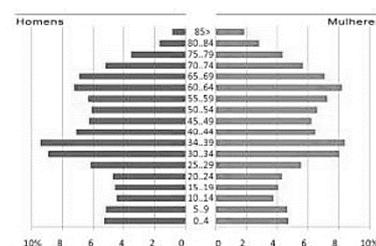
Na sequência da breve caracterização dos principais dados demográficos do concelho do Barreiro, apresentados em *Sociedade envelhecida*, importa agora identificar e compreender as principais problemáticas sociais⁵⁵ sentidas no concelho, diretamente relacionadas com as estruturas existentes de apoio à população. Neste sentido, o conhecimento e a referência desta realidade revela-se pertinente,

Nas últimas décadas, a evolução demográfica da AML, na maioria dos seus concelhos, demonstra uma clara tendência para a estabilização do volume global da população residente. No entanto, o Concelho do Barreiro contrapõe esta tendência, sendo o único a registar um decréscimo populacional, onde a variação da população entre 2001 e 2011 é praticamente nula. Até esta data, a população do Barreiro crescia de década para década, resultado do seu acentuado desenvolvimento industrial no início do séc. XX e da conseqüente chegada de milhares de trabalhadores vindos de outras regiões do país. A pirâmide etária demonstra que estamos perante uma estrutura etária adulta, sendo que cerca de 73% da população tem idade superior a 25 anos e 57,6% tem idade compreendida entre os 25 e os 64 anos, concluindo-se que a grande maioria da população residente tem idade ativa. Isto indica que se a tendência se mantiver, nos próximos 50-100 anos, o Barreiro apresentará uma população maioritariamente envelhecida e em idade desativa.

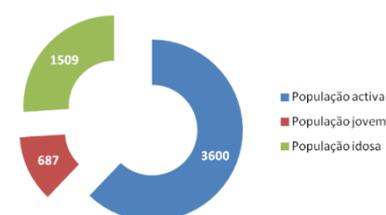
Quanto aos equipamentos e às respostas sociais para idosos, as típicas respostas de apoio à terceira idade existentes no concelho do Barreiro são os centros de dia (5), centros de convívio (4), lares de idosos pertencentes à rede solidária (2) e à rede privada lucrativa (7) e serviços de apoio domiciliário. Segundo a informação disponível no “*Diagnóstico social do concelho do Barreiro*”, o Barreiro é o concelho da península de Setúbal que regista a menor taxa de cobertura de respostas sociais para idosos e ainda o que regista a maior taxa de utilização da rede solidária, o que significa que a capacidade de respostas sociais encontra-se praticante esgotada. Inclusivamente, a oferta da resposta de Lar de Idosos é residual e é claramente insuficiente para cobrir a procura. Tendo em conta o panorama demográfico que a cidade enfrenta, que tende a acentuar-se, a disponibilidade de oferta de respostas sociais para idosos, assume-se de extrema importância e urgência.

Relativamente aos equipamentos de apoio existentes para crianças e jovens, estes revelam-se igualmente insuficientes para atender a todas as necessidades, levando ao recurso ao ensino privado (nem sempre acessível a todos) ou a estabelecimentos sediados noutros concelhos confinantes.

⁵⁵ Informação disponível no “*Diagnóstico social do concelho do Barreiro*” e no “*Plano de desenvolvimento social do Barreiro 2010-2012*” e estudo desenvolvido no âmbito do “plano para a igualdade – cmb”



32. Pirâmide etária do concelho do Barreiro



33. Estrutura da população ativa

. Mobilidade e acessibilidades

. Rede rodoviária

Situado no meio das duas travessias do Tejo – 25 Abril e Vasco da Gama – o Barreiro carece de uma ligação rodoviária com Lisboa que seja mais breve, pois é o concelho do Arco Ribeirinho Sul onde as deslocações pendulares rodoviárias para a capital são mais demoradas, atingindo em média os 40 minutos. A construção de determinadas infraestruturas poderá influenciar, positivamente a realidade do território municipal, sendo estas a construção do IC 32, que faz a ligação entre Almada e Montijo/Alcochete e a construção da Terceira Travessia do Tejo (TTT), que ligará Chelas e Barreiro.

. Transportes públicos de passageiros

Este território conta com uma interface de transportes, que articula ligações rodoviárias urbanas (Transportes Coletivos do Barreiro-TCB) e ligações rodo-ferro-fluviais regionais como a TST, CP e Soflusa. O Barreiro usufrui de uma boa ligação fluvial a Lisboa, com uma duração de viagem de cerca de 20 minutos, atualmente através de um terminal moderno, com boas funcionalidades e grande oferta de estacionamento. Prevê-se a realização da ponte entre o Barreiro e o Seixal, cuja travessia será feita por Metro de Superfície. Esta obra irá permitir uma melhoria da acessibilidade⁵⁶.

. Espaços verdes

O espaço verde, independentemente das características que o definem ou para que é criado, apresenta-se como contraponto às condições de vida em meio urbano, sendo cada vez mais reconhecida a importância destes espaços para minorar os problemas resultantes da crescente densificação e artificialização das cidades. Neste contexto, o Barreiro encontra-se numa situação crítica, resultante da enorme industrialização que sofreu nas décadas anteriores. À semelhança de todas as cidades industriais, o Barreiro sofreu um rápido crescimento demográfico e uma consequente densificação da sua estrutura urbana. Este fator, aliado à falta de uma política de ordenamento e planeamento, contribuiu para que o Barreiro se caracterizasse por ser uma cidade densamente ocupada, com escassas áreas verdes. As mais relevantes no território do Barreiro são a Alburrica, o Parque da Cidade, o Passeio Augusto Cabrita e o Parque Municipal.

⁵⁶ Esta ligação tomará a mesma localização da antiga ponte ferroviária conhecida por Ponte dos Ingleses, construída em 1933 e destruída em 1969 devido à colisão de um navio proveniente da Siderurgia Nacional.

. Equipamentos coletivos

Os equipamentos coletivos são elementos essenciais na estruturação do tecido urbano e social, destinando-se à prestação de serviços à coletividade. Salienta-se a escassez de equipamentos educativos, de saúde e a fraca rede desportiva. Destacam-se alguns equipamentos de relevância concelhia: o Mercado 1º de Maio, o Fórum Barreiro, o Hospital do Barreiro, a Piscina Municipal, o Auditório Municipal Augusto Cabrita.

. Património

Relativamente ao património religioso destacam-se a Igreja de Santa Cruz (Matriz), Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja da Misericórdia.



34. Igreja de Santa Cruz, Igreja Nossa Senhora do Rosário e Igreja da Misericórdia. Elaboração própria

Tendo sido o período industrial a grande alavanca de desenvolvimento deste território, é notório que a maioria do património histórico existente remeta a esse período. Uns desativados outros reconvertidos noutros usos, são vários os elementos urbanos industriais e ferroviários que perduram. Contudo, a maioria em situação de abandono e decadência, não demonstram a grandiosidade daquele período, essencialmente devido à falta de integração e fragmentação da cidade, que acabou por tornar esta herança degradada e inacessível.

Do património ferroviário destacam-se a Estação de Caminhos-de-ferro Sul e Sueste (1884), Oficinas de Caminhos-de-ferro EMEF (1861, 1ª estação ferroviária), terminal rodo-ferro-fluvial do Barreiro (1995), rotunda das máquinas (estacionamento para reparação dos comboios), bairro operário ferroviário (23 moradias unifamiliares de um só piso com traça característica).

35. Património ferroviário:
 Oficinas caminho-de-ferro
 EMEF (1ª estação, 1861);
 Estação caminho-de-ferro
 Sul e Sueste (1884);
 Terminal rodo-ferro-fluvial
 do Barreiro (1995-
 presente); Rotunda das
 Máquinas; Doca Seca

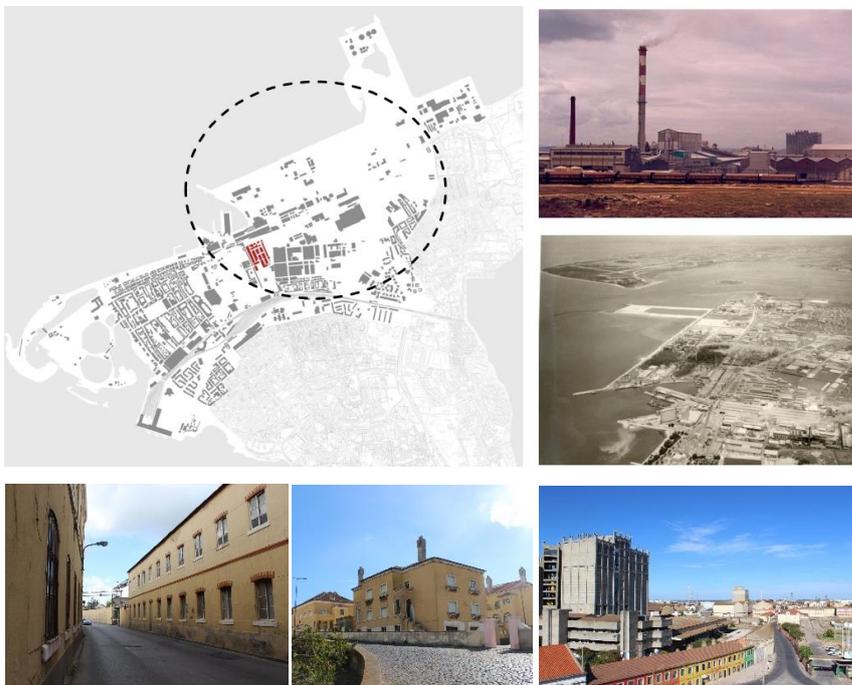


Do Património corticeiro, podemos observar escassos exemplares, que se encontram na Alburrica. Maioritariamente em ruínas, existem os esqueletos de antigas fábricas, a Quinta de recreio, situada na Quinta Braamcamp, e a Sociedade Nacional de Cortiças.

36. Vista aérea da Quinta
 Braamcamp e Fábricas de
 cortiça (1935)



Da indústria química, avistam-se os imensos terrenos abandonados da CUF, atualmente com a maioria das unidades fabris desativadas, as chaminés das antigas fábricas, o bairro operário (moradias em banda de um piso, com traça característica).



37. Zona do atual Quimiparque: fábricas e bairro operário (fotografias antigas e fotografias atuais, tiradas pela autora)

Da indústria artesanal, distingue-se o Moinho de Maré do Braamcamp, Moinho de Maré Grande, Moinho de Maré Pequeno, Moinho de Vento Gigante, Moinho de Vento Poente, Moinho de Vento Nascente e Moinho de Vento do JIM e as casas/armazéns dos pescadores.



38. Moinhos de Vento e de Maré. Imagens e elaboração própria

4. PROJETOS DE REFERÊNCIA

O conjunto de projetos de referência selecionados, surgem como fonte de reflexão e inspiração para a elaboração da proposta arquitetônica. A escolha dos projetos realizou-se de acordo com a pertinência e relação que estes estabelecem com o âmbito de estudo, ou seja, apresentam-se projetos cujo programa, materialidade e atmosfera que estabelecem, se assemelha de alguma forma ao projeto que se propõe. Portanto, apresentam-se a seguir, seis projetos de referência, diretamente relacionados com as gerações estudadas, crianças e idosos, e ainda projetos que proporcionam espaços onde todas as gerações coabitam. Houve a preocupação de apresentar projetos tanto nacionais como internacionais.

4.1. FREDERIKSVEJ KINDERGARTEN

LOCAL: Frederiksberg, Dinamarca

AUTORIA: COBE

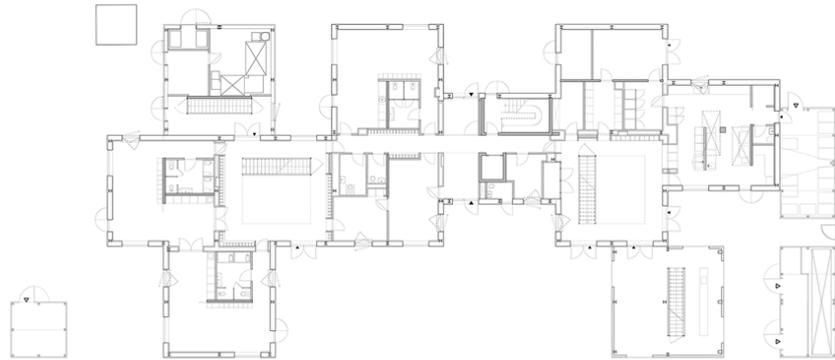
ANO: 2015

USO: capacidade para 182 crianças, desde berçário até seis anos de idade

PISOS: 3 pisos

Localizado num bairro em Copenhaga, o projeto agora analisado insere-se no sítio de um antigo infantário, que foi demolido por não ter a capacidade necessária que o bairro requeria. Assim, este surge como substituto, um novo edifício com o mesmo uso, mas com a capacidade de albergar muito mais crianças.

Desde início, que o objetivo principal dos arquitetos foi o de criar um espaço único, que promovesse e estimulasse a aprendizagem e criatividade das crianças, contrariando o ambiente tradicional comum dos espaços que servem esta geração. Como tal, o programa organiza-se e distribui-se por 11 volumes agregados e desfasados entre si, cuja forma é alusiva à visão ingénua que as crianças têm de uma casa: uma forma retangular com um telhado de duas águas e uma chaminé. Assim, o conjunto pretende simular uma pequena cidade para as crianças, composta por várias "casas" que dão a ilusão de estar separadas. Estas decisões formais resultam numa grande variedade de espaços interiores, adaptados às necessidades das diferentes idades e que primam por ser estimulantes para as crianças. O "formato da casa" é também utilizado noutros pormenores como em pequenos nichos para as crianças brincarem ou em pequenos espaços de arrumação de brinquedos. Os dois átrios, localizados em cada extremo do conjunto, conectam os diferentes pisos e salas e funcionam também como pontos de reunião. Além disso, os diversos programas de jogos/brincadeiras centram-se ao redor de dois jardins de inverno que dão lugar a pequenos espaços individualizados, onde as crianças podem estabelecer os seus próprios nichos de brincadeiras dentro do edifício.



39. (foto superior) Planta piso tipo do edifício

40. (foto ao centro) Alçado, ligação com o recreio exterior

41. (fotos inferiores) Perspetivas interiores, sala semiexterior e átrio de acesso às salas, respetivamente

4.2. JARDIM DE INFÂNCIA BICESSE

LOCALIZAÇÃO: Freguesia de Alcabideche, Cascais

AUTORIA: Atelier Central Arquitetos, Lda.

ANO: 2005

USO: *para* crianças, dos 4 meses aos 6 anos (capacidade: 85)

PISOS: 1 piso

Localizado no Cabeço de Bicesse, em Cascais, num terreno elevado face à via de acesso, insere-se numa área com baixa densidade habitacional e recentemente urbanizada. O edifício destaca-se dos restantes pela sua linguagem arquitetónica contemporânea, cujos volumes são intencionalmente desenhados com formas básicas e regulares, com o objetivo de incorporar elementos do mundo imaginário das crianças.

O programa funcional pode ser dividido em três áreas, que se organizam a partir de um eixo longitudinal – o corredor interior – que estabelece a fronteira entre as zonas administrativa e de serviços, e os espaços das crianças. Este eixo é assinalado por uma claraboia translúcida que ao longo de todo o seu comprimento ilumina o interior do edifício. A Norte deste, adjacente à entrada, estão os espaços administrativos, que incluem a sala da diretora, posto médico, sala de reuniões, casa de banho e arrumos, e mais afastado da entrada, situam-se serviços como a cozinha, espaço funcionários e outros espaços de apoio. Para além de ser um espaço de circulação, o corredor interior, inclui uma zona de espera adjacente à entrada e ao volume administrativo, e o refeitório das crianças, iluminado pelo pátio Norte.

A Sul, encontram-se as salas de atividades, as casas de banho e os arrumos respetivos. Na extremidade Este do edifício localiza-se a sala do berçário, sucedem-se, duas salas de creche e duas salas do jardim-de-infância, terminando no espaço comum do ginásio. O acesso às salas de atividades é possível através dos espaços de banho ou diretamente. As casas de banho incluem wc's, lavabos e fraldário, e servem salas duas a duas. Cada sala de atividades tem uma área de arrumos a Norte e armários encastrados numa das paredes laterais. A fachada Sul destas salas dá acesso ao jardim. Completamente envidraçada, esta fachada tem dois tipos de proteções solares. No interior, portadas em madeira com 3 metros de altura, que permitem cobrir por completo o vão envidraçado. E no exterior, uma pala que se projeta e protege a radiação solar direta e da chuva.

A biblioteca é um espaço comum de acesso livre, frequentado em três momentos diferentes: uma visita semanal com toda a turma para requisitar livros; para sessões de leitura; e visitas com os pais. O ginásio, localizado em frente à biblioteca, acolhe diversas atividades como aulas de ginástica, dança, música e exposições. Este é apoiado por arrumos encastrados na parede Norte e uma zona delimitada por uma cortina.

O espaço escolar inclui ainda dois espaços de recreio exteriores. Um mais privado, a Norte, acessível a partir do refeitório. O segundo, a Sul, acessível diretamente a partir de todas as salas de atividades, como também a partir do eixo de circulação, nos dois extremos laterais do edifício.



42. (foto superior) Planta do piso

43. (lado esquerdo ao centro) Sala do pré-escolar

44. (lado direito ao centro) Fachada Sul e recreio exterior

45. (foto inferior) Alçado principal



4.3. RESIDÊNCIAS SÉNIOR ERIKA HORN

LOCALIZAÇÃO: Graz, Áustria

AUTORIA: Dietger Wissounig Architekten

ANO: 2015

USO: Residências Sênior (capacidade: 105 residentes)

PISOS: 2 pisos

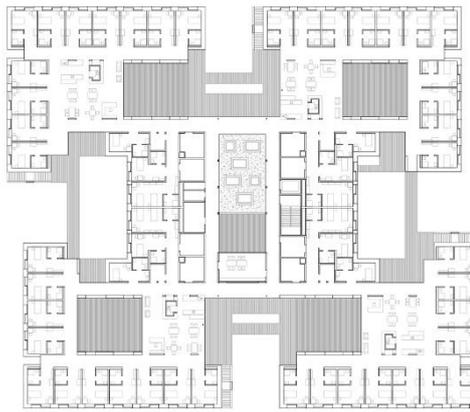
Alojamentos: 98 apartamentos, 2 tipologias

Este edifício, destinado a alojar todo o tipo de idosos, está localizado no distrito Andritz, em Graz. Desenvolve-se em dois andares e caracteriza-se por ser um volume quadrangular compacto, vazado estrategicamente em alguns pontos. O lema desta instituição é o viver em comunidade, oferecer a máxima qualidade de vida, liberdade e autonomia ao idoso, permitindo que este viva como se estivessem na própria casa, ao mesmo tempo que se fornece apoio e segurança. Estas premissas foram alcançadas através da divisão do programa em "comunidades habitacionais".

Assim, este projeto divide-se em sete "comunidades", três no térreo e quatro no piso superior. Cada comunidade integra quartos, cozinha, área de comer e de estar. Ou seja, é formada por uma área de refeições comum, equipada com uma cozinha integral, e um espaço lounge, servindo de ponto de encontro e interação, e serve 14 residentes, alojados nos quartos que se situam ao seu redor. Ao todo, cada comunidade tem 13 quartos individuais e um quarto duplo, e, inclui ainda, um quarto de enfermagem, que garante a supervisão permanente. Esta característica possibilita uma atmosfera familiar e estimula o companheirismo, permitindo que os residentes possam participar nas atividades domésticas. Além das comunidades, no foyer, localizado no piso térreo, organizam-se atividades religiosas e/ou espetáculos. Os quartos, maioritariamente tipo *single*, têm a particularidade de conectar com o exterior a partir de uma fachada envidraçada que se divide em dois momentos. De um lado tem uma porta envidraçada, que permite o acesso a uma pequena varanda, e do outro lado, um banco, no interior, e uma floreira localizada do lado de fora. Os espaços exteriores são ajardinados, contêm zonas de cultivo e possuem caminhos em madeira, pontuados com bancos que convidam as pessoas a permanecer no espaço e a dar passeios ao redor do edifício.

Além de tudo isto, este projeto distingue-se pela sua materialidade. Possui uma estrutura em madeira laminada cruzada, que constitui as paredes e tetos, formando uma estrutura portante. Esta, é deixada aparente na maior parte do edifício, obtendo-se uma fachada exterior exclusivamente em madeira de cedro não tratada. Além das fachadas, os revestimentos interiores são igualmente revestidos a madeira, exceto na zona dos quartos, em que as portas de acesso são pintadas de branco, para ajudar os moradores a encontrar as entradas mais facilmente. Para

reforçar esta atmosfera aconchegante, as vigas em madeira são deixadas à vista no teto das salas comuns. A escolha da madeira, a variedade de pontos de vista bem como a quantidade espaços de estar interiores e no jardim, contribuem para um ambiente confortável, familiar e estimulante.



46. (página oposta, lado superior esquerdo)
Percursos exteriores

47. (página oposta, lado superior direito)
Planta piso dos quartos

48. (página oposta, lado esquerdo ao centro)
pormenor fachada exterior dos quartos

49. (página oposta, lado direito ao centro)
Perspetiva geral do edifício



4.4. RESIDÊNCIAS SÉNIOR CASAS NA CIDADE

LOCALIZAÇÃO: Benfica, Lisboa

AUTORIA: *Atelier* Risco – Manuel Salgado, Marino Frei, Jorge Estriga, João Almeida

ANO: 2006

USO: Residências Sénior (capacidade: 228 residentes)

PISOS: 8 pisos

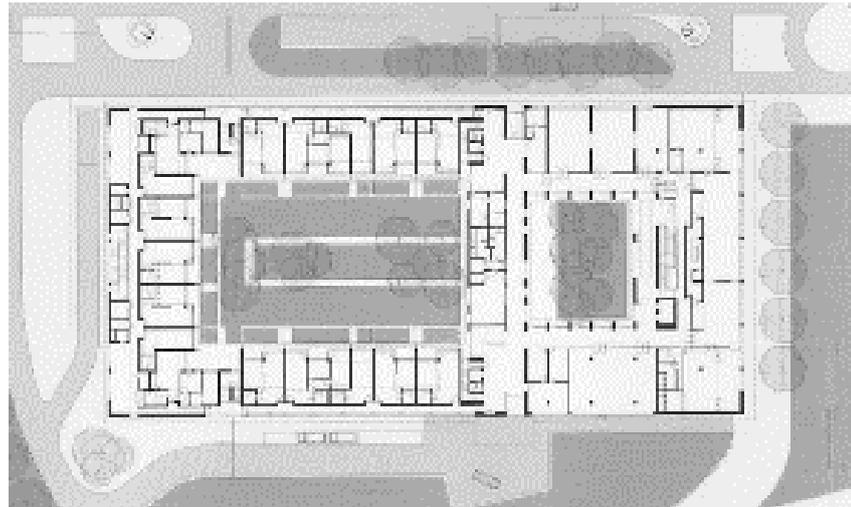
Alojamentos: 115 apartamentos, 3 tipologias

As residências assistidas Casas na Cidade, pertencem ao grupo Luz Saúde e situam-se em Benfica, num terreno delimitado por três vias de grande afluência, numa zona mista em termos de usos. Esta localiza-se adjacente ao Hospital da Luz, que assegura o apoio médico e de enfermagem às residências. Estas residências apresentam-se como uma solução residencial que preza o conforto, segurança e privacidade dos residentes, através da adoção de estratégias que se assemelham mais a um estabelecimento hoteleiro do que de saúde.

A dimensão do lote determinou a solução compacta de volume regular em forma de 8. Possui um embasamento de três pisos (um enterrado) e duas torres em banda de 3 pisos, pousadas nas extremidades do embasamento. Houve desde início a intenção oferecer espaços verdes. Esta vontade levou à criação dos dois pátios interiores ajardinados: um mais público, que serve as áreas sociais e é aberto aos visitantes, o outro mais privado, reservado aos residentes, e no qual os fogos se organizam e possibilitando pequenos terraços privativos. As entradas do edifício reforçam esta divisão, situam-se na zona central do volume e funcionam como eixo que separa programaticamente o piso térreo numa zona pública e uma zona privada. Assim, o edifício desenvolve-se em dois pisos subterrâneos e sete elevados. Nos pisos enterrados (-1 e -2), situam-se as áreas técnicas, arrecadações e estacionamento. Nos pisos 0 a 5 distribuem-se as áreas destinadas aos residentes. Nos pisos 0 e 1 situa-se a receção e a maioria das áreas comuns: 3 salas de restauração e uma cafetaria com esplanada, sala multiusos, 3 salas de estar com valências distintas, ginásio, gabinetes médicos, cabeleireiro e serviços de estética. Todos estes espaços mantêm o contacto visual com o exterior, quer seja através das aberturas nas fachadas quer seja pelos pátios. Nos restantes pisos distribuem-se os quartos, exceto nos pisos 6 e 7, que são exclusivamente para uso da administração e áreas técnicas.

Este edifício oferece uma enorme variedade de tipologias de habitação, com vista a servir todo o tipo de idoso: apartamentos de carácter mais reservado virados para um pátio interior, para pessoas que valorizam espaços térreos e verdes, e apartamentos em torre virados para a cidade, para pessoas que preferem a habitação comum. Ao todo, apresentam-se 3 tipologias de quarto: quartos duplos com instalações sanitárias privativas, apartamentos com 1 quarto e apartamentos com 2 quartos e

kitchenette. Relativamente aos materiais, possui uma estrutura em betão armado. A fachada do embasamento é revestida a ardósia negra clivada, que se desvanece no contraste com a restante fachada revestida a mármore de Estremoz bujardado. Os acabamentos interiores são na sua maioria paredes pintadas de branco, painéis de revestimento em madeira e pavimento em material cerâmico.



50. (foto superior) Planta piso térreo

51. (foto central) Vista do pátio interior

52. (foto inferior) Vista geral exterior do complexo

4.5. CENTRO SOCIAL PADRE RUBINOS⁵⁷

LOCALIZAÇÃO: Corunha, Espanha

AUTORIA: Elsa Urquijo Arquitectos

ANO: 2014

USO: Centro social, Residências para sem-abrigo, Igreja, Residências Sênior, Infantário

Este complexo social localiza-se no centro histórico da cidade de Corunha. Caracteriza-se por ter um programa extenso e bastante completo, onde vários equipamentos sociais são agrupados em torno de uma grande praça central que, tal como a igreja, é aberta ao público. A ideia de pátio repete-se ao longo do complexo, como elemento articulador dos diferentes espaços, que possibilita a transparência e continuidade visual. A arquitetura do complexo é de linhas horizontais, de linguagem sóbria e ordenada, transmitindo um ambiente sereno.

As residências para sem-abrigos, situam-se na parte oeste do complexo, separadas propositadamente das outras funções. Desenvolve-se em 2 pisos, sendo que o térreo integra as salas de refeições, salas de apoio social e o andar superior é reservado aos quartos. O centro social, é composto por um auditório, salas de *workshops* e os espaços administram todo o complexo.

A Residência para idosos desenvolve-se em 3 pisos. No piso térreo, distribuem-se os espaços administrativos e as áreas comuns e sociais como as várias salas de estar e atividades, iluminadas por dois pátios interiores que dividem o espaço. Do outro lado dos pátios, encontra-se uma ala destinada ao tratamento: sala de fisioterapia, piscina de hidroterapia, cabeleireiro, dentista, psicólogo e outros gabinetes médicos gerais. As salas de estar e de atividades, bem como o refeitório, possuem grandes vãos envidraçados orientados para um pátio exterior que estabelece ligação visual direta com as salas do infantário. A residência destina-se a todo o tipo de idoso, servindo desde idosos totalmente dependentes a idosos independentes, apresentando 3 tipologias de quartos.

O infantário desenvolve-se num único piso e destina-se a crianças dos 0 aos 3 anos. Possui uma sala polivalente/ginásio, espaços administrativos, duas salas de berçário, e cinco salas de creche. Além disso tem um pátio exterior privado, acedido pelo corredor de distribuição interior ou pelo refeitório. A transparência e a ligação espacial entre as salas de aula permitem um uso polivalente das mesmas.

⁵⁷ O nome desta fundação tem origem num padre jesuíta homônimo que, em 1946, inaugurou um abrigo para pessoas carenciadas. Alguns anos depois, ao abrigo juntaram-se um jardim-de-infância e, em 1971, uma residência para idosos.



53. (foto superior) Planta piso térreo

54. (foto central) Vista do pátio interior

55. (foto central mais a baixo) Vista geral exterior do complexo

56. (fotos inferiores respetivamente) Perspetivas interiores do Lar de idosos, do infantário e da igreja



4.6. CENTRO PAROQUIAL E COMUNITÁRIO SENHORA DA BOA NOVA

LOCALIZAÇÃO: Estoril, Portugal

AUTORIA: Arq. Filipa Roseta e Francisco Vaz Monteiro

ANO: 2010

ÁREA:

USO: Igreja, Centro Paroquial, Auditório, Infantário, Escola Primária, Centro de Dia para Idosos, Refeitório e Ginásio

Situado no antigo “Bairro do Fim do Mundo”, área anteriormente povoada por barracas e bastante degradada, este projeto surge da vontade de criar uma nova identidade para este espaço, uma referência urbana, social e comunitária, a fim de libertar o bairro do estigma negativo.

À semelhança do projeto anterior, mas agora em contexto nacional, também este projeto apresenta um programa social bastante vasto. É composto por três edifícios interligados por um pátio que reúne uma série de funções sociais. No edifício destinado ao centro comunitário (A) desenvolvem-se o infantário (Berçário, Creche, Jardim de Infância), centro de dia para idosos, refeitório geral e ginásio. No edifício da igreja, desenvolve-se também o centro paroquial e um auditório (B). Resta outro edifício, onde se desenvolve uma escola primária (C). O refeitório, apesar de seccionado por gerações, estabelece percursos que levam as crianças a atravessar o centro de dia enquanto se dirigirem até ele, possibilitando que haja uma interação momentânea. Esta também acontece quando se realizam as atividades dos mais novos, onde os idosos são convidados a participar/assistir. Assim como o refeitório, também o pátio é um espaço onde acontecem eventos comunitários, um lugar onde a comunidade se pode reunir e interagir.



57. (foto superior) Vista aérea do complexo

A. Infantário, Centro de Dia para idosos, Refeitório e Ginásio

B. Igreja, Centro Paroquial e Auditório

C. Escola Primária

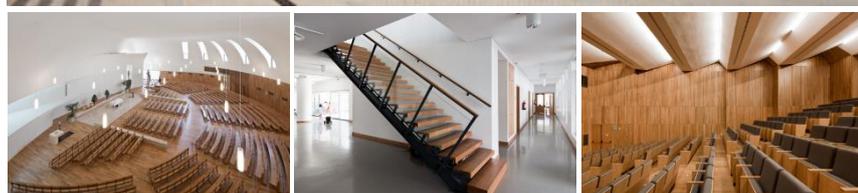
58. (foto central) Vista do pátio interior



59. (foto central mais abaixo) perspectiva

60. (fotos inferiores respetivamente)

Perspetivas interiores da igreja, da escola primária e do auditório





61. Planta de Localização do Lugar – Alburrica. Elaboração da autora

5. A PROPOSTA

5.1. O LUGAR

5.1.1. ALBURRICA

Localizada na ponta Noroeste do concelho do Barreiro, Alburrica abrange o território limitado a norte pelo estuário do rio Tejo e a sul pelo seu afluente rio Coina. Com uma localização privilegiada, esta área incide sobre uma parte importante da frente ribeirinha da cidade do Barreiro, uma zona de particular interesse patrimonial e paisagístico, com vistas privilegiadas para a capital e que se relaciona diretamente com o núcleo histórico do Barreiro.

Classificada pelo Plano diretor Municipal (PDM) como *espaço verde de recreio e lazer*, recomenda-se, para esta área, espaços afetos ou destinados predominantemente ao recreio e lazer da população (equipamentos e comércio), bem como à proteção do meio ambiente e enquadramento paisagístico, como forma de valorizar este lugar e de garantir a sua preservação. Esta classificação é reforçada pelo reconhecimento nacional da sua singularidade e sensibilidade, estando abrangida pelo Regime de Reserva Ecológica Nacional (REN). Dentro desta especificidade, Alburrica pertence ao grupo de Praias e Restingas, inserida numa zona de Estuário e zonas Húmidas Adjacentes, incluindo Ilhéus e Sapais. Dada a sua localização, encontra-se sob jurisdição terrestre da Administração do Porto de Lisboa (APL).

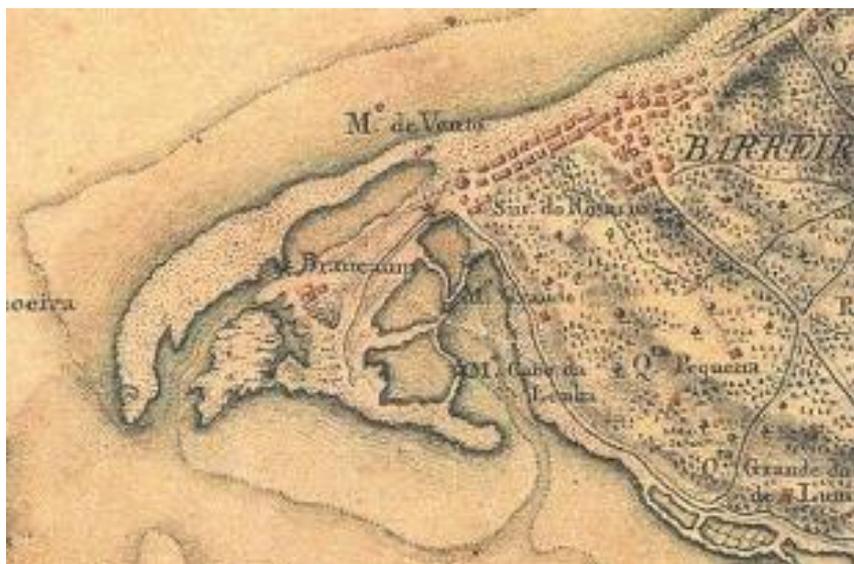


62. Alburrica vista da Rua Miguel Pais. Fotografia da autora

. Enquadramento histórico

Alburrica foi o berço das primeiras ocupações humanas no Barreiro. Desde que há memória, desempenhou um papel importante como recetora de variadíssimas atividades, que sustentaram as populações e definiram as suas tradições. Devido ao seu posicionamento na orla ribeirinha e às características locais propícias, Alburrica começou por ser uma zona de salinas, direcionando-se mais para o desenvolvimento da indústria moageira, que conviveu desde sempre com a atividade piscatória e de produção de peixe nas enormes caldeiras. Assim, a partir do século XVI até meados do séc. XVIII, foram construídos quatro moinhos de maré e respetivas infraestruturas, a que mais tarde, no século XIX, se vieram juntar três moinhos de vento, cuja localização é de extrema autenticidade. Outro aspeto importante, que se prende com a história de Alburrica, mais concretamente, com a Ponta do Mexilhoeiro, é o antigo Cais de Embarque que aqui se situou até à construção da nova estação ferro-fluvial Sul/Sueste, em 1884, e o antigo matadouro municipal, situado perto do atual clube dos motoqueiros do Barreiro.

Beneficiando do arranque industrial, iniciado com o caminho-de-ferro em 1861, Alburrica define-se, no final do século XIX, como um importante centro corticeiro, referenciado desde 1865. Destacam-se duas empresas que empregaram centenas de operários, a *Sociedade Nacional de Cortiças* (SNC), fundada em 1885 pelos irmãos Reynolds, quando estes adquiriram a Quinta Braamcamp, e a *O. Herold & C^a.*, fundada em 1893. No período pós 1^a Guerra Mundial, a perda de mercados tradicionais (Rússia, Alemanha e Áustria) levaram ao colapso desta indústria no concelho. Atualmente, poucos são os vestígios das fábricas que laboraram junto e na Quinta Braamcamp. A presença destas atividades foi preponderante para que Alburrica ficasse votada ao esquecimento, passando a ter apenas um impacto industrial e laboral que não permitiu valorizar ou conservar este território.



63. Extrato da carta dos Arredores de Lisboa - 1816

. Enquadramento ambiental e paisagístico

O Barreiro caracteriza-se por ser uma cidade essencialmente urbana e relativamente consolidada. Em contrapartida, Alburrica apresenta-se como uma área de exceção à cidade densamente construída, caracterizando-se por ser uma zona de carácter natural e ecológico, única na cidade, devido à proximidade ao rio e ao facto de conter um vasto património industrial de interesse histórico, que hoje se encontra em risco de desaparecer. Assume-se, assim, como espaço de uso público que permite um contacto muito próximo com a natureza e com o plano de água, como contraponto à artificialidade do espaço construído da cidade e dos núcleos fabris.

A sua relevância ambiental, deve-se ao facto de corresponder a um complexo natural em forma de península com várias lagoas, onde se formaram pequenas praias fluviais. À exceção de parte do território consolidado da Quinta Braamcamp, as restantes áreas são constituídas morfologicamente por formações arenosas fluviais do tipo restinga, enquadrando-se na categoria de praias estuarinas. Atualmente este espaço, encontra-se bastante degradado. As margens do rio revelam fortes alterações na sua configuração, como consequência da acentuada erosão costeira e assoreamentos, que estão a pôr em risco instalações e património existente na proximidade das praias e o desmoronamento das suas delimitações, impedindo que as margens ribeirinhas apresentem uma imagem aprazível. Este processo, que tende a ser progressivo, é justificado pelas correntes do rio, pela circulação dos transportes públicos fluviais, e por um desinvestimento na manutenção e qualificação de toda a frente ribeirinha.



64. Praia fluvial do Clube Naval, com vista privilegiada para a capital. Fotografia da autora

. Estrutura viária

. Rede rodoviária

Existem dois percursos destinados à circulação automóvel, um mais consolidado e asfaltado, a Rua do Clube Naval Barreirense, que vai desde o Passeio Ribeirinho Augusto Cabrita até à entrada da Ponta do Mexilhoeiro e, o outro percurso, começa na Rua Bento de Jesus Caraça, desde a frente à Escola Secundária Alfredo da Silva até à frente de rio, formalizando-se ao longo do limite da Quinta Braamcamp. As características dos dois tipos de percurso identificam também dois tipos de circulação. O percurso que acede à Ponta do Mexilhoeiro caracteriza-se pelo seu carácter de circulação rápido permitindo o abastecimento da unidade industrial e o acesso rodoviário à Ponta do Mexilhoeiro, onde existe uma concentração de barcos de pesca e de recreio atracados. O outro percurso, existe associado a uma qualificação do espaço público, servindo o acesso a uma infraestrutura de restauração e um parque infantil junto ao areal.



65. Rua do Clube Naval Barreirense. Percurso muito pouco qualificado para circulação pedonal. Fotografia da autora

. Modos suaves - pedonal e cicláveis

Apesar deste território apresentar condições que favorecem amplamente uma utilização mais frequente dos modos suaves (território maioritariamente plano) toda a área em questão carece de percursos qualificados para estas deslocações. Desde a descontinuidade dos percursos existentes, à obstrução dos percursos pedonais pelo estacionamento ilegal ou pela existência de muros que limitam as propriedades privadas, a circulação interna neste espaço está bastante dificultada. Em 2014, foram inaugurados uns passadiços que ligam diretamente a malha da cidade à Alburrica. O seu traçado inicia-se junto ao Largo do Moinho Pequeno, passando por todos os moinhos de maré e terminando nos moinhos de vento.



66 e 67. Passadiços inaugurados em 2014. Interligam os moinhos de vento e qualificam o espaço público

Fotografia da autora

. Estacionamento

Quanto ao estacionamento, este revela-se insuficiente. Existem duas situações específicas relacionadas com o ordenamento do estacionamento automóvel: Ordenado segundo marcação no pavimento e desregrado segundo bolsas de ajuntamento espontâneas. A primeira situação pode encontrar-se associada ao percurso de pavimento betuminoso, processando-se o estacionamento ao longo da faixa da frente de rio sobre marcas no pavimento, existindo ainda uma bolsa programada com lugares de estacionamento fronteira à entrada das instalações da fábrica. Quanto às bolsas de estacionamento desregrado, podem encontrar-se um total de três, distribuídas pela Ponta do Mexilhoeiro, pelo espaço em frente da Escola Secundária Alfredo da Silva e próximo da frente de rio junto às instalações de um pequeno bar.

. Relação com a área envolvente

As áreas envolventes à área de intervenção, são a rua Miguel Pais e Av. Bento Gonçalves, intimamente ligadas com Alburrica, pela sua proximidade física e continuidade da frente ribeirinha. A rua Miguel Pais, caracteriza-se por conter edifícios maioritariamente da década de 70, virados na sua maioria, de traseiras para o rio, com fachadas pouco cuidadas e logradouros privados⁵⁸. Para Sul da Rua Miguel Pais, encontram-se implantados, a trinta graus com a rua, três blocos de apartamentos, com sete pisos. Ainda mais a Sul, compreende-se a área ocupada pelos edifícios da Delegação Marítima e a Doca-Seca⁵⁹ com algum interesse histórico e patrimonial.



68 e 69. Vistas da Alburrica sobre a envolvente (traseiras dos edifícios da Rua Miguel Pais). Fotografia da autora

A frente ribeirinha norte, até à década cinquenta, do século XX, era apenas um extenso areal. A consolidação desta frente urbana iniciou-se com a construção, de uma via rodoviária, a atual Avenida Bento Gonçalves e com a implementação de um espaço verde de lazer, o Passeio Augusto Cabrita. Nesta área verde, existem vários espaços destinados às atividades desportivas e de lazer, tais como a Piscina Municipal, o Clube de Xadrez, o Clube de Vela, um campo de jogos, um parque infantil e espaços relacionados com atividades comerciais de restauração e bebidas. Importa ainda referir, que a frente urbana Norte da Cidade do Barreiro tem o seu limite edificado na frente urbana do Barreiro Antigo. Pautada por um declínio social, e envelhecimento da população, esta área tem vindo a ser alvo de um processo de degradação física e social que originam o abandono dos edifícios e o fraco apelo ao investimento privado.

. Enquadramento do edificado e património

Os edifícios considerados de interesse patrimonial localizados na zona de Alburrica restringem-se unicamente aos moinhos de vento e de maré. Apesar de esquecidos, os moinhos de maré e vento são um elemento caracterizador da identidade coletiva da cidade, uma vez que simbolizam os aspetos fundamentais e estruturantes da identidade do Barreiro: a forte ligação ao rio e à indústria. As primeiras referências aos engenhos moageiros na zona da Alburrica, que aproveitavam a energia das marés para a

⁵⁸ Esta realidade é característica duma época em que o rio, por circunstâncias várias, não era apelativo à integração na vida urbana.

⁵⁹ Construída entre 1890 e 1910, destinava-se à manutenção e reparação da frota, que fazia a ligação fluvial Barreiro-Lisboa. Atualmente é utilizada por pescadores.

moagem de cereais e arroz, datam o século XVI. Estes mantiveram-se em funcionamento até finais do século XIX, servindo de fonte de abastecimento do concelho e localidades vizinhas. Hoje permanecem mas apresentam elevados sinais de degradação. O Moinho de maré do Cabo de Pêro Moço é o moinho mais antigo, com referências anteriores a 1534, e portanto, o que apresenta hoje maior estado de degradação. O Moinho de maré Grande foi edificado em 1652. O Moinho de maré Pequeno foi edificado em meados do século XVII. Por fim, o Moinho de Maré do Braamcamp, edificado nos terrenos da Quintado Braamcamp anteriormente ao terramoto de 1755, foi posteriormente reconstruído e teve vários proprietários ao longo dos anos, sabendo-se que a partir de 1897 foi apropriado como edifício da SNC. Até há pouco tempo era o que se apresentava em melhor estado de conservação, no entanto, em 2011, um incêndio degradou-o. Posteriormente aos moinhos de maré, foram surgindo os moinhos de vento, que aproveitavam as condições benéficas dos ventos marítimos. O Moinho do Jim, construído em 1827 na praia norte, o Moinho de Vento Gigante, construído em 1852, possuía um sistema de velas idêntico ao do Moinho de Vento do Jim (tipologia holandesa) e os Moinhos de Vento Nascente e Poente, ambos construídos em 1852.



70. Moinho de Maré Braamcamp, estado atual. Fotografia da autora

O restante edificado existente na Alburrica tem funções diversificadas. Deste território fazem parte, a Escola Secundária Alfredo da Silva (um equipamento escolar), uma indústria corticeira desativada SNC, algumas habitações e abrigos precários ocupados pelos pescadores, bem como as respetivas embarcações, o Clube Naval Barreirense, do qual faz parte uma escola de remo e um restaurante/café. Este último, encontra-se junto a uma praia fluvial, com um extenso areal. Além desta, Alburrica tem outra praia fluvial, com um estabelecimento de restauração, esplanada de apoio e um parque infantil, bastante usada para veraneio na época balnear, apesar da má qualidade da água. O território é ainda pontuado por algumas peças

mobiliárias urbanas e alguns elementos de circuito de manutenção. Uma grande parte do território é ocupado por uma Quinta privada, a chamada Quinta Braamcamp, que tem origem ainda na época dos Descobrimentos e na qual se insere a proposta arquitetónica.



71 e 72. Estado atual da SNC – terreno absoluto, paredes soltas e restos de materiais pertencentes às antigas fábricas de cortiças. Fotografias da autora



73 e 74. Abrigos precários dos pescadores e vista da Ponto do Mexilhoeiro para a Quinta Braamcamp. Fotografias da autora



75 e 76. Clube Naval e praia fluvial adjacente, com extenso areal e com um campo de voley. Fotografias da autora



77. Pormenor da Quinta Braamcamp, estado atual. Fotografia da autora

5.1.2. QUINTABRAAMCAMP

Como se depreende da análise acima, Alburrica é o fruto da humanização, exploração agroindustrial e das potencialidades do estuário. Estas características fazem da zona de estudo um local único, propício à construção de quintas de recreio.

Comumente localizadas em áreas rurais próximas das cidades, as quintas de recreio, aliam cenários de prazer a ambientes de produção, de trabalho e exploração agropecuária e industrial. Assim, o conceito “*Quinta de recreio*” é aplicado para referir uma unidade rural, de tamanho variável, que inclui várias áreas, quer para cultivo e produção, quer para lazer e habitação. Neste contexto, a *Quinta de recreio* é entendida como residência secundária, que permitia que a Nobreza interagisse com a Natureza, ao mesmo tempo que vigiava as suas propriedades. É, portanto, neste contexto que se insere a Quinta Braamcamp.



78. Quinta Braamcamp, 1920



79. Vista para Sul da Quinta Braamcamp, 1935

. Enquadramento histórico

Em meados do século XVIII, Vasco Lourenço Veloso decide reedificar o Moinho Braamcamp, do qual era proprietário, em virtude de ter ficado bastante destruído pelo terramoto de 1755. Em 1804, os seus herdeiros decidem vender o moinho a Venceslau Braamcamp, Barão do Sobral. Este, inicia a produção de bichos-da-seda (1804-1820) nos terrenos da Quinta Braamcamp, ao mesmo tempo que decide construir nas proximidades uma casa de habitação, com o intuito de servir de casa de férias (Quinta de recreio). Desde cedo ligada às mais variadas indústrias, sabe-se que, em paralelo com a produção de bichos-da-seda, a Quinta Braamcamp e os seus terrenos foram palco das mais variadas atividades. Em 1804-1828 era produzido trigo, por volta de 1828 foi edificada uma fábrica de bolachas, ao mesmo tempo que eram produzidas farinhas nos moinhos. Sabe-se também que as caldeiras foram palco da produção de espécies marinhas, tendo existido um viveiro de peixes junto ao moinho de maré. Em 1837, sabe-se que a Quinta foi vendida à família inglesa Wheelhouse. O fabrico de cortiça na Quinta Braamcamp iniciou-se em 1882 quando os irmãos Reynolds compraram a Quinta à família Wheelhouse. A atividade agrícola manteve-se durante algum tempo a par da atividade corticeira. Em 1897, foi adquirida pela SNC, que adaptou os edifícios e o moinho às suas atividades industriais (em escritório e armazéns), função mantida até 2009, até ser adquirida pelo Millennium BCP por processo de insolvência da SNC. Atualmente é propriedade da Câmara Municipal do Barreiro, que a adquiriu em Dezembro de 2016. Hoje, as estruturas existentes e moinho de maré, encontram-se em risco de desabar e desaparecer.



80. Depósito de cortiça da Quinta Braamcamp. Em segundo plano o Clube Naval Barreirense, 1935

. Enquadramento funcional e morfológico



81. Levantamento das estruturas edificadas, feito pela própria. Fotografia da autora.



82. Portão de acesso à quinta. Em segundo plano a escola Alfredo da Silva. Fotografia da autora



83. Percursos desqualificados de acesso ao terreno da Quinta.

Importa agora conhecer brevemente o desenho da Quinta, do seu projeto edificado e paisagístico. A compreensão do funcionamento da Quinta Braamcamp servirá essencialmente para entender a memória do lugar. Os dados disponíveis são escassos, as datas são incertas e não existe qualquer registo de desenhos técnicos que nos permitam saber ao certo a evolução das estruturas edificadas da Quinta e respetiva evolução funcional. Este facto obrigou a que fosse feito um levantamento pela própria, no entanto foi apenas efetuado o levantamento das estruturas consideradas relevantes para a proposta arquitetónica. Portanto, a informação recolhida foi adquirida através de entrevistas informais à população do Barreiro, registos fotográficos, documentos escritos e da análise *in situ*, que permitiram a interpretação própria dos factos.

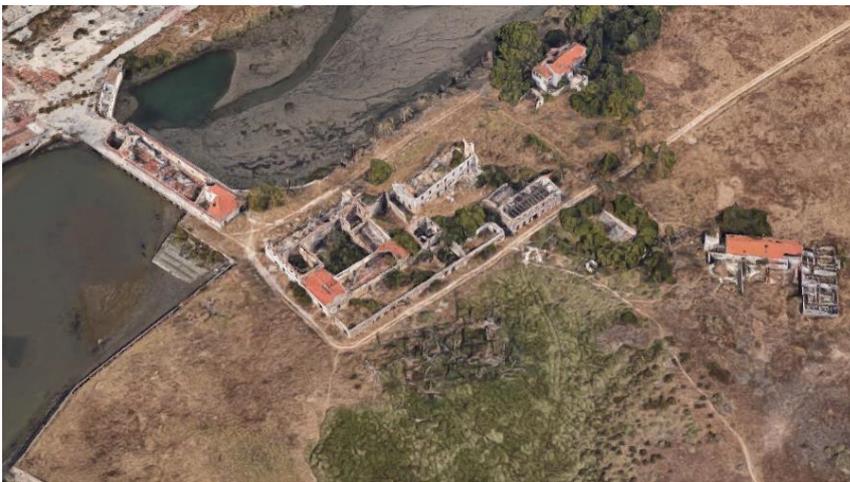
Como tal, a Quinta localiza-se no centro da Alburrica. O acesso à propriedade era feito originalmente por um portão, ainda presente, situado no final da Rua Bento de Jesus Caraça, junto à frente da Escola Secundária Alfredo da Silva. Tratando-se de uma propriedade privada, encontra-se delimitada por um muro que acompanha o terreno em toda a sua extensão, no entanto, este encontra-se atualmente aberto em determinadas zonas, possibilitando a entrada de qualquer pessoa. Como se pode constatar, a propriedade encontra-se hoje totalmente exposta à entrada de estranhos, justificando o seu atual estado de degradação. Por se inserir originalmente em ambiente rural e industrial, carece, ainda hoje, de percursos qualificados.

Originalmente, sabe-se que a Quinta era composta por casa de habitação, armazéns e um pátio central, moinho de maré, fábrica de bolachas, terras de cultivo e diversas árvores⁶⁰. Atualmente, conserva parte da antiga casa solarenga, instalações agrícolas (armazéns) e um moinho de maré. Estas estruturas encontram-se no entanto em estado de ruína, devido à ocorrência de sucessivos incêndios. Apesar de reduzida a informação sobre o lugar, sabemos que no início da sua construção, a Quinta terá sido habitação de veraneio e cultivo de uma família aristocrata. Com o decorrer do tempo, as estruturas edificadas e os seus usos foram-se alterando, em função das necessidades e vontades dos diferentes proprietários que teve. Verifica-se portanto, pela análise das preexistências, que este objeto arquitetónico foi alvo de modificações posteriores à sua origem, alterações estas que não foram possíveis datar e identificar com exatidão, dificultando a leitura do edificado. Atualmente este encontra-se devoluto e em ruína, estimando-se que teria, no seu estado original uma área de implantação de aproximadamente 2 000 m².

⁶⁰ Guia Documental da Casa Reynolds / Sociedade Nacional de Cortiças, editado pelo Espaço Memória - Arquivo Municipal do Barreiro | CMB



84. Estrutura edificada da Quinta de recreio em 2001



85. Atuais ruínas da estrutura edificada da Quinta de recreio

Segundo Amílcar Pires, numa Quinta de recreio o edifício estruturante á a "casa senhorial" ou "casa do proprietário", cujo acesso geralmente é feito através de um pátio, de perímetro regular, denominado de "espaço de honra". Posto isto, segundo as fontes disponíveis e a análise *in situ* feita às ruínas preexistentes, apercebemo-nos da existência do referido "espaço de honra", de forma regular, em torno do qual parte dos volumes edificados se organizam. Infelizmente, é praticamente nula a informação que se tem deste espaço, uma vez que o desabamento das estruturas o obstrói por completo. Direccionando a observação para a "Casa Senhorial", assume-se que esta se desenvolvia em dois corpos separados, ambos distribuídos por dois pisos. Um, desenvolvido em torno do pátio, partilhando-o com as instalações de apoio às atividades agrícolas, e outro, mais a nascente isolado do restante edificado⁶¹. Com base em fotos antigas, percebe-se que a entrada principal era feita através de um corpo avançado, marcado por duas pilastras, que daria acesso ao pátio. Sabe-se também que as salas principais situavam-se no primeiro piso, e tinham janelas acompanhadas por conversadeiras a cotas que permitiam usufruir da paisagem.

⁶¹ Julga-se que se encontra isolado por ter sido construído posteriormente.

86. Fachada Principal, antes do incêndio. O corpo saliente, mascava a entrada da Casa.



87. Conversadeiras, atualmente. Fotografia da autora

Apesar de ser comum na época uma lógica de fachadas em que os vãos e cantarias do piso superior se apresentavam mais ricos do que no piso inferior, no presente caso de estudo isso não é totalmente evidente. O exterior do conjunto apresenta-se na sua generalidade pouco ornamentado e com uma arquitetura singela, levando-nos a crer que muito provavelmente isto se deve à origem modesta da família e ainda à forte ligação com a produção agrícola. Curiosamente, as fachadas dos armazéns são as que apresentam uma maior regularidade e simetria. No conjunto edificado preexistente, destaca-se ainda o uso de dois tipos de cantarias, em pedra, presente nos dois corpos que assumimos como pertencentes à habitação, e em tijolo, onde assumimos que se desenvolviam os armazéns de apoio à produção. Acredita-se, que estas incoerências, se devem às sucessivas transformações e ampliações que as estruturas foram sofrendo ao longo do tempo, que dificultam hoje a análise deste conjunto edificado.

Posto isto, e recuperando os propósitos iniciais sobre a temática da intergeracionalidade, apresenta-se de seguida uma proposta de intervenção na Quinta. A seleção deste 'lugar', surge não só por este ser um vazio que carece ser reabilitado, como também por se localizar uma zona propícia à implantação dos programas selecionados.



88. Preexistências. Fotografias da autora



89. Ruínas da Quinta Braamcamp. Fotografia da autora

*“A única maneira de preservar o património é viver com ele e usá-lo, mesmo que esteja danificado em alguns lugares”.*⁶²

⁶² Eduardo Souto de Moura in entrevista ao Expresso sobre a sua obra São Lourenço do Barrocal

5.2 O PROJETO

Intervir numa cidade com tradição, pressupõe assumir a justaposição estratificada de diversos tempos de ocupação e os marcos que os mesmos vão deixando na cidade. Assim, olhar para uma cidade construída, com passado associado, pressupõe o prévio entendimento da sua identidade, aliada à sua memória. Assumindo-se que a história e memória de um lugar são fatores preponderantes e a ter em consideração quando se pensa intervir na cidade, a escolha de reabilitar a Quinta Braamcamp nasce do reconhecimento do seu valor patrimonial, bem como do desejo de que ela continue a ocupar um lugar na vida e na memória da população, e que, com a implementação de novos usos, dê resposta às necessidades das várias gerações que habitam a cidade.

5.2.1 ESTRATÉGIA URBANA

A proposta urbana visa a revitalização deste território, através de uma série de intervenções de regeneração urbana que se traduzem na criação de um programa que tenciona responder às necessidades do lugar e da população. Portanto, o programa definido para Alburrica caracteriza-se pela sua multidisciplinaridade e tem como objetivo principal (re)integrar a Alburrica nos circuitos de vivência diária da cidade e, com isto, (re)aproximar a cidade do Rio.

A estratégia urbana incide essencialmente na preservação, quer no seu carácter natural quer no seu património arquitetónico. Optou-se portanto por uma estratégia mais virada para o restauro e reabilitação patrimonial e ambiental. Na prática isto traduz-se na proposta de recuperação das caldeiras e das suas margens e dos moinhos de maré e vento. Além disso propõe-se o aumento de espaços verdes e zonas arborizadas, que melhoram a fruição dos percursos e proporcionam espaços de estadia e lazer qualificados.

Enquanto resposta à intenção de tornar o espaço mais acessível, propõem-se novas ligações, através da criação de novos percursos pedonais e cicláveis, que articulam os vários programas e permitem ao transeunte viajar pela história deste lugar, ao mesmo tempo que geram espaços ao longo do seu desenvolvimento, pontos de paragem para observação e contemplação da paisagem (miradouros). Além disso, propõe-se uma nova delimitação viária, articulada com a já existente, e novos espaços para estacionamento.

A proposta procurou também que o programa incrementasse melhorias na vida da comunidade. Propôs-se assim a dinamização social e cultural do lugar através da implementação de novos usos, que respondem às necessidades do lugar e da população. Na Quinta Braamcamp propõe-se a reabilitação das ruínas pertencentes à antiga Quinta de recreio, onde incidirá a proposta arquitetónica. Na sua envolvente propõe-se a criação de um espaço de carácter essencialmente natural, que fomente o desenvolvimento de programas educativos e de lazer

destinados à comunidade. Portanto, propõe-se a reorganização das zonas verdes para campos de hortas urbanas; a criação de um parque urbano de grandes dimensões, que oferece espaços de lazer, parque de merendas e estacionamento; e por fim, a implementação de um tanque para aquacultura, reativando a produção de bivalves com vista à exportação, a criar dinâmicas económicas, sociais e de emprego. Propõe-se ainda a reestruturação do Largo Nossa Senhora do Rosário, que estabelece a ligação entre a cidade e Alburrica, assumindo-se como a entrada para o Lugar de intervenção. Neste sentido, propõe-se a criação de um lugar de encontro, um espaço flexível, onde se desenvolve um mercado sazonal. Propõe-se ainda a edificação de um novo centro náutico, situado na mesma zona do atual, como resposta à insuficiência de espaços qualificados para a prática de desportos náuticos. Para finalizar, propõe-se a reabilitação dos apoios de pesca, com vista à criação de um porto palafítico.



90. Proposta urbana esquemática. Elaborado pela autora

5.2.2 ESTRATÉGIA ARQUITETÓNICA

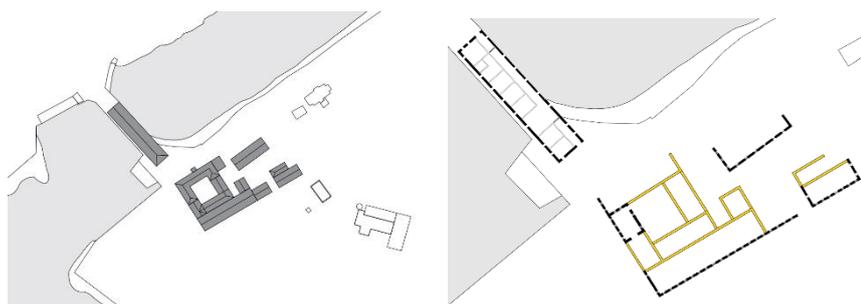
A proposta arquitetónica, e a definição do seu programa, partem do desejo de criar um lugar distinto para usufruto da população, que lhe ofereça espaços de lazer e permanência, que potenciem interações entre as diferentes gerações. A par desta vontade, visa-se preservar o património, a memória do lugar e as suas características. A escolha do lugar surge, pela vontade de reabilitar um espaço dotado de memória, propício à implantação dos programas selecionados.

5.2.2.1. CONCEITOS ESTRUTURANTES

O conceito base do projeto apoia-se na reabilitação e restauração das estruturas preexistentes da Quinta Braamcamp. Atualmente em ruína, bastante degradadas e completamente expostas às intempéries, optou-se inicialmente por clarificar a sua leitura e a relação que estas estabeleciam com a envolvente. Esta vontade refletiu-se na demolição de alguns elementos, que se apresentavam completamente degradados, dispersos e desconexos. Portanto, numa primeira fase selecionaram-se as estruturas preexistentes a manter, conservando as que se revelavam em melhor estado de conservação e que assumiam maior presença no lugar.

91. (lado esquerdo) Volume edificado original

92. (lado direito) Ruínas a manter a preto; ruínas a demolir a amarelo.



Numa segunda fase, procedeu-se à construção de novos corpos, que surgem como vontade de encerrar e completar as preexistências. Estas, assumem-se como “peças soltas” na paisagem, elementos que, devido ao estado de ruína, se apresentam dispersos e desconetados uns dos outros. Posto isto, propõe-se a edificação de novas volumetrias, que encostam, cosem e encerram os elementos preexistentes, permitindo consolidar e unificar o conjunto. O desenho do novo edificado, rege-se pelos alinhamentos que as preexistências sugerem.

A par desta estratégia, define-se um programa com usos bastante diversificados, que leva à distribuição do mesmo por três espaços distintos, separados entre si:

- O centro escolar, de apoio à 1ª infância;
- O centro recreativo-cultural, entendido como o espaço *intergeracional*;
- As residências sénior.

A nascente⁶³ encontram-se as residências sénior, que surgem num volume totalmente novo, desenhado na continuidade dos alinhamentos das preexistências. A ponte encontra-se o centro escolar que se desenvolve maioritariamente em volumes preexistentes reabilitados, aos quais se acrescentam e interligam dois volumes novos. A implantação oposta destes dois espaços foi propositada, uma vez que permite assegurar e garantir a sustentabilidade do conceito relação intergeracional. A interação entre estas duas gerações deve ser pontual, para que nenhuma perca a sua identidade.

No centro destes dois espaços, desenvolve-se um equipamento recreativo-cultural de pequena escala. O seu conjunto incorpora dois volumes preexistentes reabilitados, ligados por um novo que os une formalmente e programaticamente. Este núcleo tem o propósito de oferecer espaços destinados a atividades vocacionadas para toda a comunidade. É entendido conceptualmente como *Espaço intergeracional*, onde ocorre a interação das várias gerações, inclusive a terceira geração, fundamental para que as relações entre diferentes gerações se estabeleçam de forma positiva e sustentável.

No seu conjunto, o complexo revela-se discreto e integrado na paisagem. A proposta volumétrica caracteriza-se por ser de baixa construção, predominantemente de linhas horizontais, com vista a respeitar o lugar.

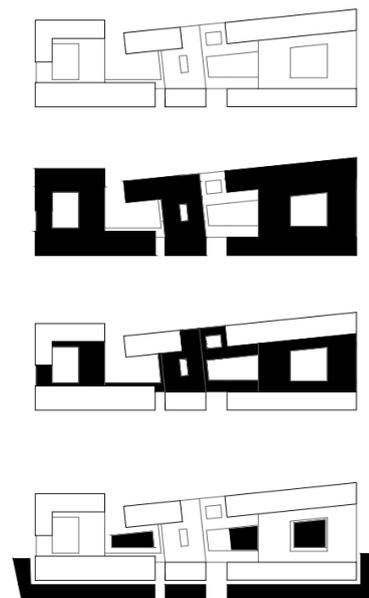
. Layer vegetal

Desde início que houve a vontade de dar continuidade à estrutura verde do território, relacionando a proposta com a paisagem e o lugar. A par desta vontade, ambicionava-se um espaço que fosse lido como um todo, apesar de albergar vários usos que necessitavam de estar separados. Posto isto, na tentativa de concretizar estas vontades, propõe-se uma cobertura vegetal que coroa as coberturas do piso térreo, entendida conceptualmente como uma *layer vegetal* contínua que amarra todas as volumetrias e que configura um sentido de união ao complexo. Este elemento, além de unificar visualmente os diferentes programas que a proposta incorpora, assegurando a sua separação, e de reforçar a horizontalidade da proposta, possui passagens ao nível térreo, que originam um conjunto edificado, que embora pareça fechado sobre si mesmo, permite a entrada e o usufruto da população, tornando a proposta permeável a toda a comunidade. Além disso, os pisos superiores possuem vistas diretas para os terraços vegetais oferecendo um ambiente confortável.

. Os pátios

Pretendia-se que os programas estivessem em constante relação com a paisagem, que oferecessem vistas privilegiadas, boas condições de luz e ventilação. Nesse sentido, as volumetrias assentam no terreno de maneira a conceberem espaços vazios, oferecendo espaços de pátio, que possibilitam o contacto direto

⁶³ Coordenadas indicadas por aproximação, por forma a facilitar a leitura do conjunto.



93. Conceitos estruturantes do projeto



94. Escola Secundária, centro desportivo e centro cultural, Lile, França, de Chartier Dalix, 2015

com o exterior através das fachadas transparentes que caracterizam o piso térreo. Neste projeto criam-se quatro pátios. Dois deles são privados, um destinado a proporcionar um espaço exterior para tempos de recreio das crianças e o outro, ajardinado, reservado às residências. Os outros dois pátios têm um caráter público, proporcionam locais de interação entre gerações e para usufruto de toda a comunidade. Num deles concebe-se uma área ajardinada e no outro, um espelho de água, que convida a entrar no centro recreativo-cultural. Além disto, este elemento remete para a ideia de terreiro, comum às quintas de recreio.

. Memória do rio

Na tentativa de enfatizar a memória do rio e a relação com a água, característica das quintas de recreio, introduzem-se pequenos apontamentos de água no espaço exterior do complexo, no interior do pátio que estabelece a ligação entre os idosos e no centro recreativo-cultural.

5.2.2.2 ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL

A organização funcional do programa surge da conjugação dos conceitos estruturantes estabelecidos e citados anteriormente.

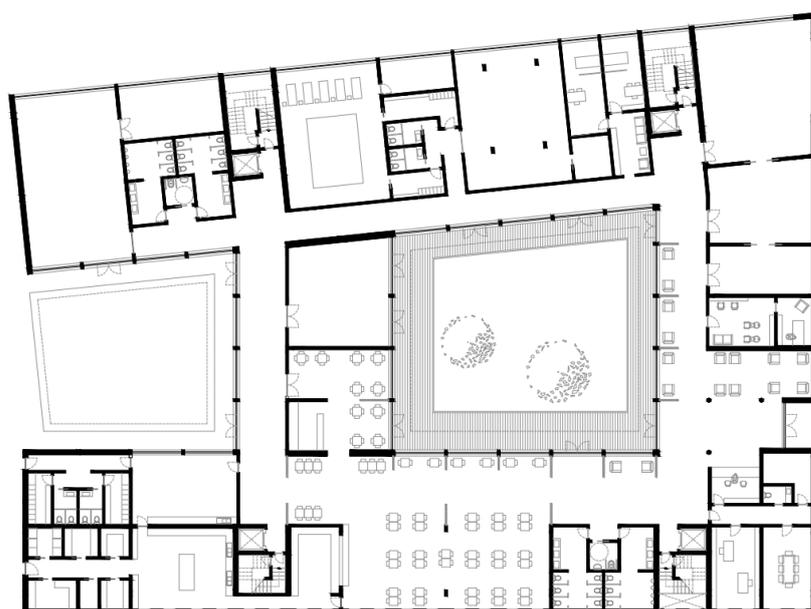


95. Planta geral da proposta, com os três espaços diferenciados

. Residências assistidas

Destinado aos idosos, este espaço surge como resposta à escassez de equipamentos desta natureza na cidade. Encontrando-se o Barreiro numa fase de estagnação e, conseqüentemente, com uma população maioritariamente envelhecida, torna-se fundamental assegurar equipamentos que apoiem e respondam às atuais necessidades desta geração. Este equipamento desenvolve-se em três pisos, sendo possível habitar a primeira cobertura, que é essencialmente ajardinada e possui espaços de estar. A entrada para este equipamento estabelece-se a partir de um recuo na fachada sudeste. No piso térreo concentram-se os espaços comuns, articulados por uma circulação horizontal, que se desenha à volta de um pátio interior. Encontra-se a receção, um cabeleireiro, salas de estar, de leitura, de Tv, de atividades, polivalente, espaço de refeições e cafetaria. Neste projeto procurou-se oferecer diferentes espaços de estar,

uns virados para o interior, com ligação direta ao pátio interior ajardinado, e outros virados para o exterior do edifício, possibilitando vistas para o rio. No lado norte do edifício encontram-se espaços destinados ao tratamento e reabilitação do idoso, localizados estrategicamente virados para o rio: sala de fisioterapia/ginásio, piscina de hidroterapia, um gabinete médico e outro de enfermagem. Os espaços administrativos e de serviços, localizam-se estrategicamente perto da via de acesso, para permitir entradas de serviço e de cargas e descargas. Este piso é ainda servido por duas instalações sanitárias, localizadas em lados opostos, e espaços de arrumo de apoio às atividades desenvolvidas. Tal como acontece com as I.S, localizam-se duas circulações verticais nos extremos opostos do embasamento, que dão acesso aos pisos dos quartos.

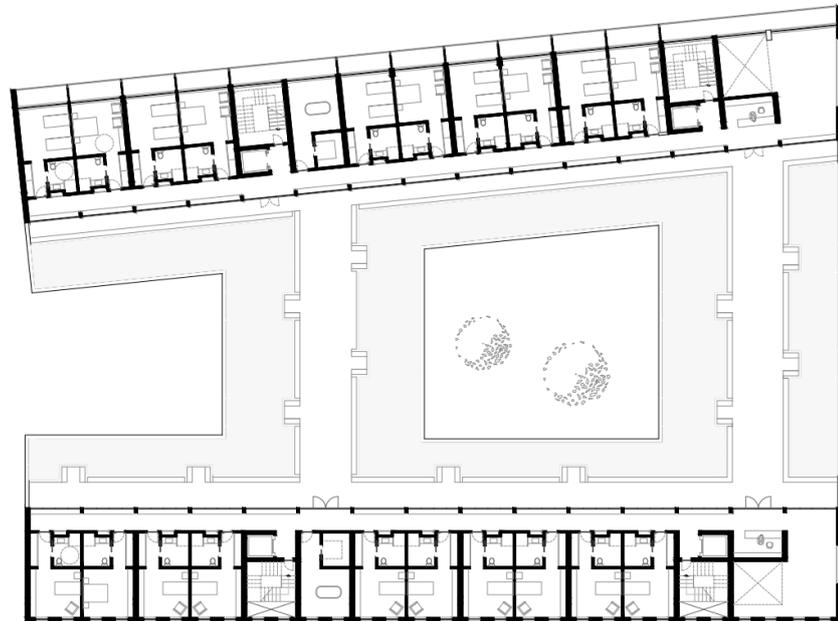


96. Planta piso térreo das residências sénior

Nas extremidades do embasamento de um piso, pousam dois volumes em banda, de dois pisos, onde se desenvolvem os quartos. Estes dois volumes estão ligados apenas pela cobertura vegetal do piso térreo, que proporciona um espaço exterior junto aos quartos. Em cada piso, existe uma sala destinada aos banhos assistidos, uma zona de arrumo, um balcão de enfermagem, para assegurar a supervisão e uma sala de convívio, garantindo espaços de estar para todos os idosos, até para os mais dependentes que poderão ter mais dificuldades em deslocar-se ao piso térreo.

Os quartos variam em relação à sua localização. As duas bandas, desenhadas segundo os alinhamentos das preexistências, possuem empenas distintas, como resultado das empenas dos volumes preexistentes. Esta particularidade resulta na possibilidade de oferecer diferentes tipos de quartos, que servissem diferentes utentes, cujas necessidades e gostos variam. Na banda a norte encontram-se os quartos duplos ou para casal, todos com varandas e vistas privilegiadas para o rio e para a

capital. Na banda a sul, oferecem-se quartos individuais, sem varanda⁶⁴ no primeiro piso e com varanda, no segundo piso. O conceito dos quartos reside na incorporação de um espaço para dormir, um espaço de banho e espaço para arrumo de objetos pessoais. Todos os quartos estão adaptados a pessoas com mobilidade reduzida.



97. Planta piso tipo das residências sénior

. Centro escolar

O volume destinado às crianças, visa oferecer um espaço para esta faixa etária, em falta na cidade, e visa completar programaticamente a Escola Alfredo da Silva, localizada nas proximidades. Alberga as faixas etárias correspondentes ao berçário, creche e jardim-de-infância (crianças dos 0 aos 6 anos).

O acesso a este edifício é feito por um novo volume envidraçado, encostado às fachadas preexistentes a noroeste. Completamente transparente e com acesso direto ao pátio interior, o átrio, funciona como espaço de transição, ao mesmo tempo que pode servir de espaço de reunião, onde reuniões informais entre as crianças, funcionários e pais podem acontecer. Na sequência deste, num outro volume em parte preexistente e de um só piso, situa-se o balcão da receção e os espaços administrativos: arquivo, gabinete da direção, gabinete da enfermaria e sala dos educadores/reuniões. Ainda no mesmo volume, encontra-se o refeitório, e respetiva cozinha, apoiado por instalações sanitárias, que servem simultaneamente o espaço de recreio interior. Estes dois espaços têm a particularidade de possuir vistas tanto para o exterior como para os pátios interiores, ao mesmo tempo que permitem o contato direto com uma parede preexistente, que devido à sua espessura, possibilita que seja

⁶⁴ Em entrevistas informais a vários idosos foi concluído que alguns deles não gostam de varandas

habitada. Além disso, a estrutura da sua cobertura inclinada, em asnas de madeira, é deixada à vista, conferindo ao espaço um caráter amplo, estético e estimulante. A zona de recreio, divide-se em dois espaços diferentes, um exterior e outro interior. O primeiro, concebido para proporcionar um espaço onde estas podem brincar ao ar livre e o segundo, o espaço de recreio interior, destinado aos dias em que o ambiente exterior não é apropriado. Ambos servidos por instalações sanitárias localizadas na sua proximidade e um espaço para arrumos.



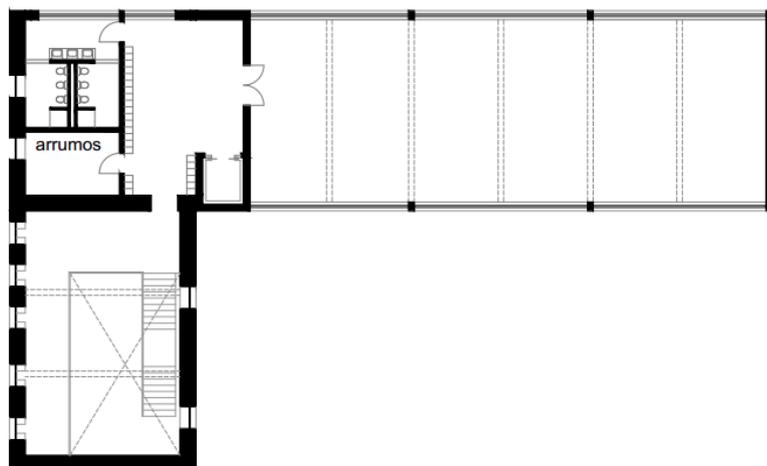
98. Planta piso térreo do Centro escolar

A conceção e distribuição das salas de aula foi feita tendo em conta os diferentes grupos etários. Uma vez que se acomoda crianças com idades bastante distintas, cujas características e necessidades variam, justifica-se que os espaços sejam adequados às suas especificidades e que possibilitem diferentes vivências. Partindo deste pressuposto, o berçário (sala dos 0-1 ano) localiza-se junto à creche (sala do 1-2anos e sala dos 2-3anos). Tratando-se de crianças mais pequenas, as salas são colocadas viradas para o exterior, estabelecendo apenas o contato visual com este, assegurando a segurança e supervisão das crianças. Além desta diferença, as salas oferecem, além do espaço de brincar/atividades, um espaço de descanso⁶⁵. As salas destinadas ao jardim-de-infância (sala dos 3 anos, sala dos 4 anos e sala dos 5 anos) são colocadas estrategicamente junto ao recreio exterior, que funciona como espaço complementar à sala-de-aula. Apesar destas estarem agrupadas tendo em conta as idades, partilham determinadas características: nas paredes dos corredores de acesso às salas são dispostos bengaleiros para as crianças guardarem os seus pertences, as paredes divisórias das salas possuem portas de correr que podem ser abertas e permitir a interação das diferentes turmas. Além disso, sempre que possível, as salas de aula partilham uma instalação sanitária.

⁶⁵ Este faz parte da rotina obrigatória das crianças com idades compreendidas entre os 1 e os 3anos. Nas restantes idades é um espaço opcional.

Esta instituição possui ainda dois espaços considerados opcionais ao programa dito tradicional. Concebe-se o espaço *memória*, que corresponde ao lugar simbólico do infantário, uma vez que se localiza num volume preexistente encerrado por quatro paredes (único em todo o conjunto). Este, para além de conter uma escadaria de acesso ao piso superior, que se desenvolve em linha reta junto a uma das paredes preexistentes, destina-se a funcionar como espaço de brincar, aprendizagem e estímulo, onde as crianças podem viver um grande número de experiências e sensações. Possui vários recantos que permitem que estas estabeleçam pequenos espaços de brincadeiras individualizados, fundamentais ao seu desenvolvimento pessoal. Além disso, estimula-se o toque e a exploração da preexistência, ou seja, pretende-se que as crianças descubram que este espaço fez parte do passado. Para tal, mantem-se parte das ruínas à vista, permitindo, através da sua textura, estimular a criança. As janelas presentes neste espaço têm ainda a particularidade de possuir conversadeiras, que funcionam como pequenos recantos que possibilitam a individualidade das crianças, ao mesmo tempo que servem para observar a paisagem. No seguimento deste espaço, encontra-se o *espaço de leitura* onde as crianças podem ler livros ou onde se podem realizar sessões de leitura. O sistema de circulação utilizado, ao redor do pátio, facilita a acessibilidade e visibilidade dos espaços educativos, colaborando com o trabalho dos docentes e participando no desenvolvimento da autonomia das crianças – que se movimentam livremente entre salas e este espaço comum.

O segundo e último piso é reservado à sala polivalente que pode funcionar como ginásio. Este é ainda apoiado por um espaço de arrumos e instalações sanitárias.



99. Planta piso superior do Centro escolar

. O Centro Recreativo-Cultural - Espaço Intergeracional

O Centro Recreativo-Cultural, de pequena dimensão, surge como complemento dos programas desenvolvidos nos espaços anteriormente especificados. A sua localização, central neste conjunto, é estratégica e reforça o seu propósito: ser o local onde a interação entre as várias gerações acontece. O objetivo deste espaço é propor o funcionamento simultâneo de espaços destinados à aprendizagem, cultura, produção e lazer que, por meio de atividades e eventos, incentivam o contacto entre diferentes gerações, que podem ocorrer tanto no interior do edifício, como nos pátios exteriores. Pretende dirigir-se ao público da terceira idade, ao público jovem, bem como a toda a população. Em suma, pretende-se um programa flexível e que vá ao encontro das necessidades da comunidade local.

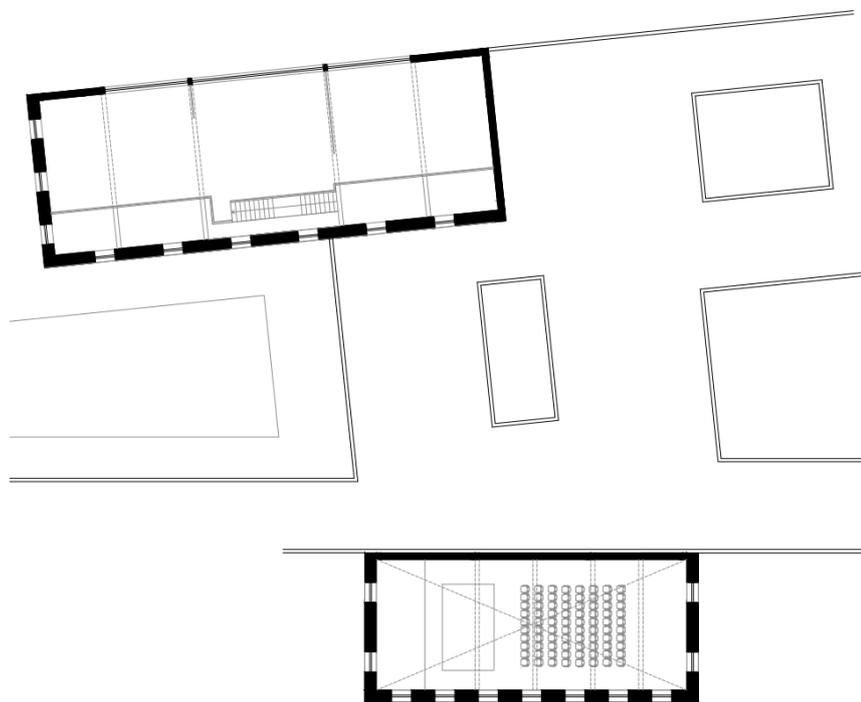


100. Planta piso térreo do Centro Recreativo-Cultural.

Assim, ao todo compreende uma galeria, um auditório, um espaço de produção, um restaurante e Museu. As três primeiras valências formam um conjunto e distribuem-se em três volumetrias, duas delas preexistentes e de dois pisos, unidas por um novo volume central, de um só piso. A entrada deste espaço estabelece-se a partir do pátio público situado junto às residências, e é feita a partir do novo volume. Este, caracteriza-se fundamentalmente pelas suas fachadas transparentes, pelo rasgo central existente na cobertura e pela sua planta livre, pontuada por pilares em betão à vista. Funciona como *foyer* e galeria, assumindo um caráter polivalente. A galeria, destina-se a albergar exposições temporárias. Além destes usos, alberga também um espaço de receção e cafetaria, espaço lounge, espaço administrativo e instalações sanitárias que servem todo o centro.

No volume a norte, em parte preexistente, encontram-se os espaços de produção: salas dedicadas a *workshops*, que

funcionam também como oficinas, onde se desenvolvem as mais variadas atividades. Este volume desenvolve-se em dois pisos, constituindo o segundo uma mezzanine que, ao ser afastada da parede preexistente, gera um espaço de circulação com pé-direito duplo, onde também se encontra a escada de acesso ao piso superior. Este espaço é adaptável, pode funcionar como um espaço amplo, oferecendo uma única sala com maior capacidade ou, através de divisórias móveis, pode ser dividido e oferecer três salas mais pequenas. Esta característica torna o espaço versátil e rentável. Além disso, oferece um espaço para arrumos. No volume a sul, também em parte preexistente, projeta-se uma sala polivalente de pé-direito duplo, destinada a eventos e espetáculos, apoiada por um espaço de arrumos, pequeno camarim e instalação sanitária.



101. Planta piso superior do Centro Recreativo-Cultural.

Apesar de se encontrar fora da linearidade dos edifícios deste conjunto, propõe-se ainda a reabilitação e reconversão do moinho de maré num restaurante-museu. Este é encarado como parte integrante e complemento do centro cultural aqui proposto, podendo, tal como este, ser utilizado por toda a comunidade. Portanto, este espaço é pensado como um espaço de restauração, que possa servir os idosos e as suas famílias, os funcionários e ainda apoiar eventos ocorridos no centro recreativo-cultural. Pensa-se também num espaço museológico alusivo à memória do lugar.

. Espaço público

Os dois pátios de carácter público que se formam por entre os edifícios, são encarados neste projeto, como um espaço complementar aos usos desenvolvidos no interior destes, ou seja, como espaços de lazer e/ou permanência assim como de passagem. Este espaço contribuiu ainda para introduzir elementos naturais no projeto, assim como proporcionar espaços de interação social ao ar livre.

Além dos espaços verdes que caracterizam a envolvência, predominantemente arborizada e relvada, com um parque e as hortas urbanas na proximidade, projeta-se um estacionamento público descoberto junto à entrada do complexo, que oferece 80 lugares. O seu acesso é feito pela via rodoviária proposta.

5.2.2.3. MATERIALIDADE

A vontade de preservar e valorizar a memória do lugar e o património arquitetónico preexistente é extensível à escolha dos materiais a aplicar no projeto. As paredes preexistentes serão revestidas a reboco pintado de branco, tal como eram originalmente. Aproveitam-se as cantarias em pedra e reconstróem-se as antigas coberturas com estrutura em asna de madeira, revestidas no exterior a telha lusa, mantendo-se o aspeto formal da cobertura tradicional inclinada de duas águas nos volumes preexistentes. Com vista a atingir uma atmosfera estimulante e ampla, as asnas em madeira são deixadas visíveis em algumas zonas do centro destinado às crianças e do centro recreativo-cultural.



102. *El Pintado Tidal Mill*, em Ayamonte, Espanha, de Manuel Gallego, 1996

Relativamente ao novo edificado, pretendia-se que este oferecesse uma nova imagem ao lugar e que contrastasse com as preexistências. Por isso, optou-se pela escolha da madeira, como material principal, betão e vidro. A madeira reveste todas as fachadas e alguns acabamentos interiores, o betão é utilizado enquanto material estrutural e, em certos casos, deixado aparente, e, por fim, o vidro que oferece vãos envidraçados de grande dimensão, à frente dos quais são colocadas lâminas em madeira, que caracterizam as fachadas do complexo. Seguindo a mesma linha de pensamento que levou à configuração da cobertura vegetal, a escolha da madeira surge da vontade de trazer mais um elemento da natureza para o projeto. As fachadas possuem uma linguagem texturada, que se assume como uma pele constituída por elementos verticais em madeira que acompanham as formas de cada volume. Estes elementos, para além de criarem sombreamento, proporcionam dinamismo à fachada, por meio de painéis móveis, que permitem ser ajustados consoante as necessidades dos usuários. Esta solução é extensível a toda a intervenção, com vista a uniformizar o conjunto.

A madeira está presente também nos caixilhos, em revestimentos interiores e ainda em paredes divisórias leves, que subdividem alguns dos espaços de estar dos idosos. Nos quartos é aplicado soalho de madeira, que lhes confere um ambiente mais acolhedor.

A madeira, para além da leveza e conforto que transmite, funciona para contrabalançar a artificialidade do betão, utilizado no embasamento. Este, além de adotado como material estrutural, é deixado aparente em determinadas zonas. Pretende-se que tanto os pilares como a laje que sustenta a cobertura vegetal, se apresentem em betão à vista de cor neutra, por forma a contrastar com a madeira.

Destaca-se ainda a utilização do vidro, que permite o contato com o ambiente exterior, entrada da ventilação e iluminação natural. No interior da proposta, o piso térreo apresenta-se maioritariamente transparente, oferecendo um grande contato com o exterior e os pátios.

Os elementos vegetais que compõe a cobertura, juntamente com a madeira e o betão, criam uma ambiência agradável.



103. Materialidade: Betão
Sydney's Harbord Diggers
Club, Sydney, de Chrofi,
2014



104. Materialidade: Madeira
Lanserhof Tegernsee,
Alemanha, dos Ingenhoven
architects, 2014



105. Materialidade: Madeira
Apartamentos Esherpark,
Zurique, atelier E2A, 2015

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente reflexão, elaborada em contexto académico, procurou, desde o início, a consciencialização das circunstâncias demográficas, sociais e urbanas atuais. Estamos perante uma sociedade que caminha cada vez mais para o seu envelhecimento e onde há falta de contacto intergeracional. Como tal, requerem-se novas iniciativas, que possibilitem reaproximar as diferentes gerações, ao mesmo tempo que se combate a segregação da geração idosa. Posto isto, este projeto final de mestrado propõe a implementação de um programa intergeracional, que se assume como uma estratégia para criar uma sociedade coesa a partir da promoção de interações entre pessoas de diferentes idades, ao mesmo tempo que ultrapassa estereótipos negativos que se tem face ao envelhecimento.

Apresenta-se uma proposta que visa a aproximação e troca entre gerações, por meio de várias atividades culturais e de lazer, desenvolvidas num edifício mais atraente e dinâmico, que responde a um programa de carácter multidisciplinar. Este, propõe o funcionamento de espaços flexíveis e que se adaptam às necessidades da sociedade, e que promovem simultaneamente, o contacto e o coabitar de diferentes gerações. Em suma, encara-se a arquitetura como meio de ligação entre as gerações, cuja interação pode ser encorajada pelo que é construído. Ou seja, a partir da sua conceção podemos proporcionar espaços agradáveis e adaptados, proporcionando momentos de interação entre diferentes gerações.

A intervenção sobre o lugar centrou-se na reabilitação das ruínas da Quinta Braamcamp. A escolha de devolver ao território este lugar, repleto de memória e simbolismo, resultou na reinterpretção e na valorização do edificado preexistente. Posto isto, e considerando-se *a priori*, que intervir em património, implica adaptá-lo às necessidades atuais das sociedades e do território, a intervenção nas estruturas preexistentes da quinta, implicou a reorganização das preexistências e a introdução de novos volumes, que surgem como vontade de encerrar e completar as preexistências, permitindo consolidar e unificar o conjunto, ao mesmo tempo que se reafirma a Quinta enquanto espaço que alberga vários usos para usufruto de toda a comunidade. Posto isto, conclui-se que a articulação do "novo" com o "velho", juntamente com a implementação de novos usos, resulta não só na valorização do edificado da quinta, como também na valorização do território. A requalificação da Alburrica permite a redescoberta do património arquitetónico e do lugar, assim como a ligação ao rio.

Em suma, fica a vontade de que esta reflexão possa inspirar a criação de espaços desta natureza e que contribua para a consciencialização da intergeracionalidade, vista como um exemplo de uma abordagem aos desafios impostos pela sociedade atual.

. BIBLIOGRAFIA

CONTEXTO SOCIODEMOGRÁFICO

AA.VV. - *Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento Da População Portuguesa (1950-2011): Evolução e Perspetivas*; Direção Mário Leston Bandeira; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.

ROSA, Maria João Valente - *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*; Coleção Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos; Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.

LUGARES PARA IDOSOS

MONTOYA, Alberto – *Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitetónicos*; Porto: FAUP, 2010.

QUEVEDO, Ana María Fenegra – *Residências para idosos: critérios de projeto*; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura.

AA.VV. – *Arquitectura Vejez y Calidad de Vida. Satisfacción Residencial y Bienestar social*; in *Journal of Behavior, Health & Social Issues*; Volume 2, nº 2, 2010; pág. 57 a 70. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282221720006>

AA.VV. – *Visión histórica del concepto de vejez desde la edad media*; in “Cultura de los cuidados”; 1º Semestre 2002, Ano VI, Nº11.

LUGARES PARA CRIANÇAS

BIGODE, Luísa – *Espaços para a infância – O projeto centrado na criança*; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado.

BLAY, Teresa ROMANÍA; *Arquitectura y educación: perspectivas y dimensiones*; revista española de pedagogia año LXII, n.º 228; Universidad de Barcelona.

DUDEK, Mark – *Métodos maestros – Un recorrido histórico por la enseñanza pré-escolar*; in *Rv. Arquitectura Viva - Primera infancia – Doce escuelas en España, dos en Italia e dos en Japón*; nº126, 2009, pág. 25 a 29.

ESLAVA, Clara – *“Ambientes para la infancia: escuelas entre experiencia y proyect”*; in *Rv. RELAdEI - Revista Latinoamericana de Educación Infantil*; vol3, Ago 2014; pág. 51 a72

FERNANDES, José Manuel – *Espaços para crianças e histórias de crianças e espaços*; in *Rv. Arquitetura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento - Equipamentos Colectivos para a 1ª e para a 2ª Infâncias*; nº147, Novembro 1982; pág. 42 a 47.

LUGARES INTERGERACIONAIS

AMERICAN PLANNING ASSOCIATION – *Multigenerational planning. Using smart growth and universal design to link the needs of children and the aging population*", 2011.

<https://www.planning.org/research/family/briefingpapers/pdf/multigenerational.pdf>

GARCÍA, Sergio; Pablo Martí – *Arquitectura intergeneracional y espacio público*; in Santiago, nº86, 2014; pág. 62; Disponível em <http://www.scielo.cl/pdf/arq/n86/art09.pdf>

GENERATIONS OF HOPE DEVELOPMENT CORPORATION – *Guidance and reference series: Architecture and Site Design Guidelines. Volume 3, 2008.* Disponível em: http://ghdc.generationsofhope.org/docs/GR_3_Architecture_and_site_design_guidelines.pdf

MAGALHÃES, Andrea et al. - *Laços intergeracionais no contexto contemporâneo*; em Pontificia Univesidade Católica do Rio de Janeiro; pp. 171-177; Maio, 2011.

OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de – *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*; Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2011; Dissertação de Mestrado.

OSÓRIO, Vera Sanches - *Um habitar entre gerações: A Reabilitação da Quinta de Santa Theresa como Lugar Intergeracional*; Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2016; tese final de mestrado

SANTOS, Divina de Fátima dos – *Relações Intergeracionais: palavras que estimulam*; São Paulo: Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 2010; Tese de Mestrado em Gerontologia

THINKPUBLIC – *Conceber acções comunitárias sustentáveis para comunidades de todas as idades.* Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: <http://intergenerationall.org/wpcontent/themes/intergenerationall/downloads/intergenerationall-pt.pdf>

VALÉRY, Françoise Dominique; *Possibilidades e limites da coabitação intergeracional em natal: reflexão sobre espaços e tempos sociais.*

VLIET, Willem Van – *Creating Livable Cities for All Ages: Intergenerational Strategies and Initiatives.* in UN Habitat's Global Dialogue on Harmonious Cities for All Age Groups at the World Urban Forum IV; Nanjing, 2008. Disponível em: <http://www.colorado.edu/cye/sites/default/files/attachedfiles/CYEWPI2009%20website%20verson.pdf>

REABILITAÇÃO//MEMÓRIA/

AA.VV. - *Memória, Arquitectura e projecto, reflexão e Propostas para uma reabilitação sustentada do património urbano e arquitetónico*; By the book; Lisboa, 2016.

LOURO, Margarida - *Memória da cidade destruída. Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016.

GUERRA, Isabel et al. - *A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo*; em *Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN*, pp. 14-57; Lisboa, Outubro de 2005.

MOREIRA, Graça; *Requalificação Urbana. Alguns Conceitos Básicos*; FA.UTL

INDUSTRIALIZAÇÃO/DESINDUSTRIALIZAÇÃO/VAZIOS URBANOS

AA.VV. - *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitetura de Lisboa*; Lisboa; Caleidoscópio, 2007.

FARIA, Miguel Figueira; MENDES, José Amado; *Industrialização em Portugal no séc. XX. O caso do Barreiro; Centenário da CUF no Barreiro, 1908-2008*; Instituto de investigação pluridisciplinar; Universidade Autónoma de Lisboa (UAL); Atas do Coloquio internacional

GUERRA, Paula; *Tecido urbano atual: continuidade ou descontinuidade?*; Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Vol. 1 Nº 2; Editora: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Sociologia; Páginas: 45-75;

SANTOS, Maria Eugénia de Jesus; *Arquitetura e assentamentos fabris na margem sul do estuário do tejo (1851-1966)*; tese de doutoramento em Arquitetura; Faculdade de Arquitetura, Universidade técnica de lisboa; Lisboa, 2013.

BARREIRO

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO (CMB) - *Programa Reabilitação Urbana Barreiro Antigo*; CMB, Departamento de planeamento e gestão urbana; Barreiro, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO (CMB) - *Regeneração Programada da área Ribeirinha de Alburrica, REPARA*; CMB, Departamento de planeamento e gestão urbana; Barreiro, 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO (CMB) - *Estratégia de reabilitação urbana para o Barreiro*; CMB; Divisão de Gestão e Regeneração Urbana; Barreiro, Setembro, 2014.

LUSÍADA - *Workshop Estejo: Alburrica*; Lisboa, 2012.

FERNANDES, André - *Dinâmicas de Revitalização de Frentes Ribeirinhas no Período Pós-Industrial: o Arco Ribeirinho Sul do Estuário do Tejo*; Tese de Doutoramento em Geografia e Planeamento Territorial; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Lisboa, 2014.

REGULAMENTOS E NORMAS

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL - *Decreto-Lei n.º 163/2006* in Diário da República 1.ª série, n.º152, 8 de Agosto de 2006; pág. 5670 a 5689.

MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E DA SEGURANÇA SOCIAL – *Portaria n.º 67/2012* in Diário da República 1.ª série, n.º58, 21 de Março de 2012; pág. 1324 a 1329.

MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E DA SEGURANÇA SOCIAL – *Portaria n.º 262/2011* in Diário da República 1.ª série, n.º167, 31 de Agosto de 2011; pág. 4338 a 4343.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – *Legislação*; Lisboa: Ministério da Educação, 1997 Lei n.º 5/97 – Lei Quadro da Educação Pré-Escolar

Despacho Conjunto n.º 268/97 – Normas de instalações

Despacho Conjunto n.º258/97 – Normas de equipamento e material

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – *II- Alguns referenciais técnicos para a construção/ampliação/ requalificação de escolas na perspectiva do centro escolar;*

. CRÉDITOS DE IMAGEM

1. Vista aérea da Alburrica, 1960

In <https://www.cm-barreiro.pt>

2. Evolução da Estrutura Etária da População do Barreiro 1991-2011

In INE, Censos 2011

3. Evolução do Índice de Envelhecimento 1991 – 2011

In INE, Censos 2011

4. Idosos em plena fruição do lugar, Alburrica.

Fotografia da Autora

5. Enfermaria Ourscamp em inícios do século XIII

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.30

6. Hospital, publicado por J. N. L. Durand em 1809

In MONTOYA, Alberto – *Habitar na Velhice - Evolução dos dispositivos arquitetónicos*; Porto: FAUP, 2010, p.3

7 e 8. Asilo para pobres de Francis Head, em 1835 (planta e perspectiva)

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.35

9 e 10. Fachada principal e Planta piso tipo do St. Luke's Infirmary, em Minnesota, de Reinhold Melander

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.45

11 e 12. Fachada principal e Planta piso tipo do lar em Evanston, Illinois, de Childs & Smith

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.45

13. Planta piso tipo do lar para idosos St. Vincent

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.49

14. Planta tipo dos apartamentos do conjunto de residências Needham, em Massachusetts, de William Hoskins Brown Associates

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.54

15. Planta piso tipo do Seattle First Methodist Homes, em Seattle, de John Graham & Company

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.55

16. Planta piso tipo dos apartamentos da Península Volunteers, California, de Skidmore, Owings e Merrill

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.57

17. Planta piso térreo do projeto de usos mistos de Walter Thiem

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.59

18. Planta dos apartamentos The Given States, Asheville, de William Morgan

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.63

19. Planta de cobertura do San Rafael Commons, Califórnia, projeto de Kaplan, McLaughlin & Diaz

In QUEVEDO, Ana María Fenegra – “Residências para idosos: critérios de projeto”; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2002; Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura, p.75

20. Crianças em plena harmonia com o espaço construído

In <http://www.cobe.dk/project/frederiksvej-kindergarten>

21. Primeira escola Waldorf (1919), Estugarda, de Rudolph Steiner

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.21.

22 e 23. Planta e Alçado Sul do infantário Steiner Nant-Y-Cwm, (1989) no País de Gales, de Christopher Day

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.29.

24. Case dei bambini (1928), em Altona. Salas de atividades que proporcionam diferentes áreas funcionais e estão adaptadas à escala das crianças

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.23.

- 25, 26 e 27.** Planta, Alçado principal e sala de aula do primeiro jardim-escola João de Deus (1911), em Coimbra, de Raul Lino
In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.24
- 28.** Interação entre geração idosa e mais nova
In www.olhares.sapo.pt/vovo-foto6243675.html
- 29.** Planta de Localização do Território – Barreiro.
Elaboração da autora
- 30.** Evolução territorial do Barreiro.
Elaboração própria baseada nas cartas militares de 1816, 1830, 1930, 1950, 1993, 2018
- 31.** Vista aérea do Barreiro na zona da CUF, 1938
In <https://www.cm-barreiro.pt>
- 32.** Pirâmide etária do concelho do Barreiro
In INE, Censos 2011
- 33.** Estrutura da população ativa
In INE, Censos 2011
- 34.** Igreja de Santa Cruz, Igreja Nossa Senhora do Rosário e Igreja da Misericórdia.
Elaborado pela autora
- 35.** Património ferroviário.
Elaborado pela autora
- 36.** Vista aérea da Quinta Braamcamp e Fábricas de cortiça (1935)
In Guia documental da Casa Reynolds/Sociedade Nacional de Cortiças, Espaço memória, arquivo Municipal CMB
- 37.** Zona da atual Quimiparque: fábricas e bairro operário.
Fotografias da autora.
- 38.** Moinhos de Vento e de Maré.
Imagens e elaboração própria
- 39.** Planta piso tipo do edifício Frederikvej Kindergarten,
In <http://www.cobe.dk/project/frederiksvej-kindergarten>
- 40.** Alçado, ligação com o recreio exterior do edifício Frederikvej Kindergarten,
In <http://www.cobe.dk/project/frederiksvej-kindergarten>
- 41.** Perspetivas interiores, sala semiexterior e átrio de acesso às salas, respetivamente do edifício Frederikvej Kindergarten,
In <http://www.cobe.dk/project/frederiksvej-kindergarten>
- 42.** Planta do piso
In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.106

43. Sala do pré-escolar

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.112

44. Fachada Sul e recreio exterior

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.105

45. Alçado principal

In BIGODE, Luísa – “Espaços para a infância” – O projeto centrado na criança”; Lisboa: IST, 2013; Tese de Mestrado, p.103

F46. Percursos exteriores

In Revista detail, Março 2017, p. 50-59

47. Planta piso dos quartos

In Revista detail, Março 2017, p. 50-59

48. Pormenor fachada exterior dos quartos

In Revista detail, Março 2017, p. 50-59

49. Perspetiva geral do edifício

In Revista detail, Março 2017, p. 50-59

50. Planta piso térreo

In <http://www.casasdacidade.pt/lisboa/pt/>

51. Vista do pátio interior

In <http://www.casasdacidade.pt/lisboa/pt/>

52. Vista geral exterior do complexo

In <http://www.casasdacidade.pt/lisboa/pt/>

53. Planta piso térreo

In Revista detail, Março 2017, p. 66-75

54. Vista do pátio interior

In Revista detail, Março 2017, p. 66-75

55. Vista geral exterior do complexo

In Revista detail, Março 2017, p. 66-75

56. Perspetivas interiores do Lar de idosos, do infantário e da igreja

In Revista detail, Março 2017, p. 66-75

57. Vista aérea do complexo

In <https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova>

58. Vista do pátio interior

In <https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova>

59. Perspetiva

In <https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova>

60. Perspetivas interiores da igreja, da escola primária e do auditório

In <https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova>

61. Planta de Localização do Lugar – Alburrica.

Elaboração da autora

62. Alburrica vista da Rua Miguel Pais.

Fotografia da autora

63. Extrato da carta dos Arredores de Lisboa - 1816

In <https://www.cm-barreiro.pt>

64. Praia fluvial do Clube Naval, com vista privilegiada para a capital.

Fotografia da autora

65. Rua do Clube Naval Barreirense. Percurso muito pouco qualificado para circulação pedonal.

Fotografia da autora

66 e 67. Passadiços inaugurados em 2014. Interligam os moinhos de vento e qualificam o espaço público.

Fotografia da autora

68 e 69. Vistas da Alburrica sobre a envolvente (traseiras dos edifícios da Rua Miguel Pais).

Fotografias da autora

70. Moinho de Maré Braamcamp, estado atual.

Fotografia da autora

71 e 72. Estado atual da SNC – terreno absoluto, paredes soltas e restos de materiais pertencentes às antigas fábricas de cortiças.

Fotografias da autora

73 e 74. Abrigos precários dos pescadores e vista da Ponto do Mexilhoeiro para a Quinta Braamcamp.

Fotografias da autora

75 e 76. Clube Naval e praia fluvial adjacente, com extenso areal e com um campo de voley.

Fotografias da autora

77. Pormenor da Quinta Braamcamp, estado atual.

Fotografia da autora

78. Quinta Braamcamp, 1920

In Guia documental da Casa Reynolds/Sociedade Nacional de Cortiças, Espaço memória, arquivo Municipal CMB

79. Vista para Sul da Quinta Braamcamp, 1935

In Guia documental da Casa Reynolds/Sociedade Nacional de Cortiças, Espaço memória, arquivo Municipal CMB

- 80.** Depósito de cortiça da Quinta Braamcamp. Em segundo plano o Clube Naval Barreirense, 1935
In Guia documental da Casa Reynolds/Sociedade Nacional de Cortiças, Espaço memória, arquivo Municipal CMB
- 81.** Levantamento das estruturas edificadas, feito pela própria.
Fotografia da autora
- 82.** Portão de acesso à quinta. Em segundo plano a escola Alfredo da Silva. Fotografia da autora
- 83.** Percursos desqualificados de acesso ao terreno da Quinta.
Fotografia da autora
- 84.** Estrutura edificada da Quinta de recreio em 2001
In <https://www.bing.com/maps/barreiro>
- 85.** Atuais ruínas da estrutura edificada da Quinta de recreio.
Fotografias da autora
- 86.** Fachada Principal, antes do incêndio. O corpo saliente, mascava a entrada da Casa
In <https://www.cm-barreiro.pt>
- 87.** Conversadeiras, atualmente.
Fotografia da autora
- 88.** Preexistências.
Fotografias da autora
- 89.** Ruínas da Quinta Braamcamp.
Fotografias da autora
- 90.** Proposta urbana esquemática.
Elaborado pela autora
- 91.** Volume edificado original.
Esquema elaborado pela autora
- 92.** Ruínas a manter.
Esquema elaborado pela autora
- 93.** Conceitos estruturantes do projeto.
Esquemas elaborados pela autora
- 94.** Escola Secundária, centro desportivo e centro cultural, Lile, França, de Chartier Dalix
In <https://www.archdaily.com/792076/secondary-school-sport-hall-and-cultural-centerchartier-dalix-architectes>
- 95.** Planta geral da proposta, com os três espaços diferenciados.
Planta elaborada pela autora
- 96.** Planta piso térreo das residências sénior.
Planta elaborada pela autora
- 97.** Planta piso tipo das residências sénior.
Planta elaborada pela autora

- 98.** Planta piso térreo do Centro escolar.
Planta elaborada pela autora
- 99.** Planta piso superior do Centro escolar.
Planta elaborada pela autora
- 100.** Planta piso térreo do Centro Recreativo-Cultural.
Planta elaborada pela autora
- 101.** Planta piso superior do Centro Recreativo-Cultural.
Planta elaborada pela autora
- 102.** *El Pintado Tidal Mill*, em Ayamonte, Espanha, de Manuel Gallego, 1996
In <https://www.archdaily.com/200309/el-pintado-tidal-mill-manuel-fonseca-gallego-javier-lopez-ramon-pico>
- 103.** Materialidade: Betão, Sydney's Harbord Diggers Club, Sydney, de Chrofi, 2014
In <http://www.chrofi.com/project/harbord-diggers>
- 104.** Materialidade: Madeira
Lanserhof Tegernsee, Alemanha, dos Ingenhoven architects, 2014
In <https://www.archdaily.com/540787/lanserhof-tegernsee-ingenhoven-architects>
- 105.** Materialidade: Madeira
Apartamentos Esherpark, Zurique, atelier E2A, 2015
In <http://www.e2a.ch/projects/housing/escherpark#>

ANEXOS

ANEXO I - O LUGAR

. Cartografia, iconografia, fotografias

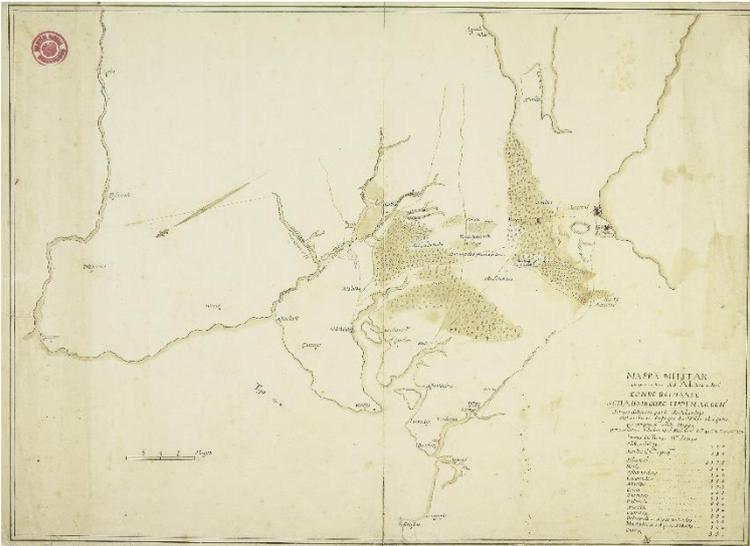
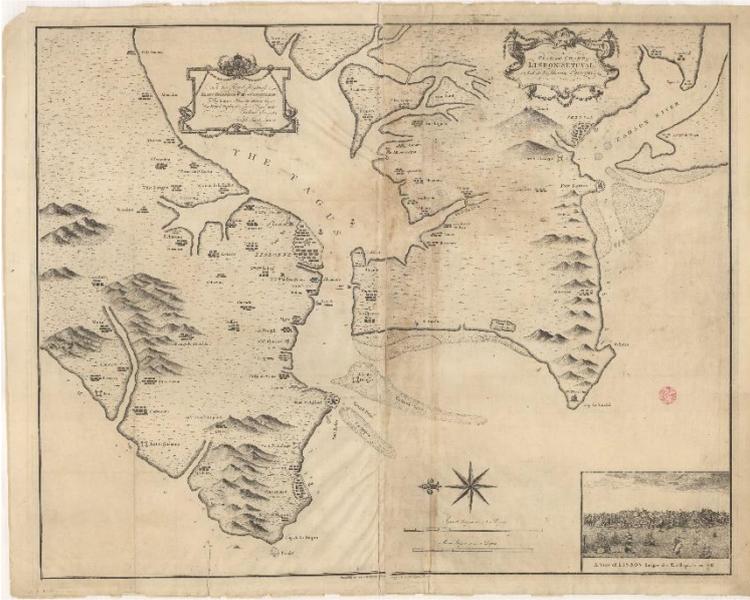
ANEXO II – PROCESSO DE TRABALHO

. Esquços, maquetes de Estudo

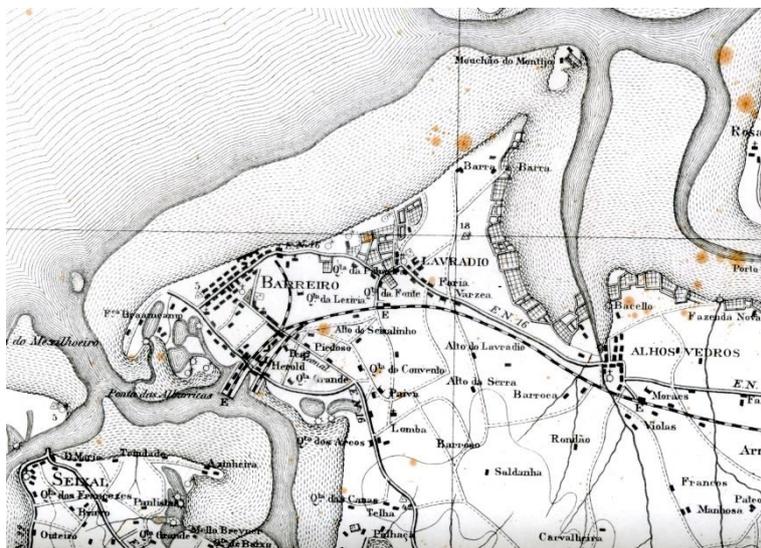
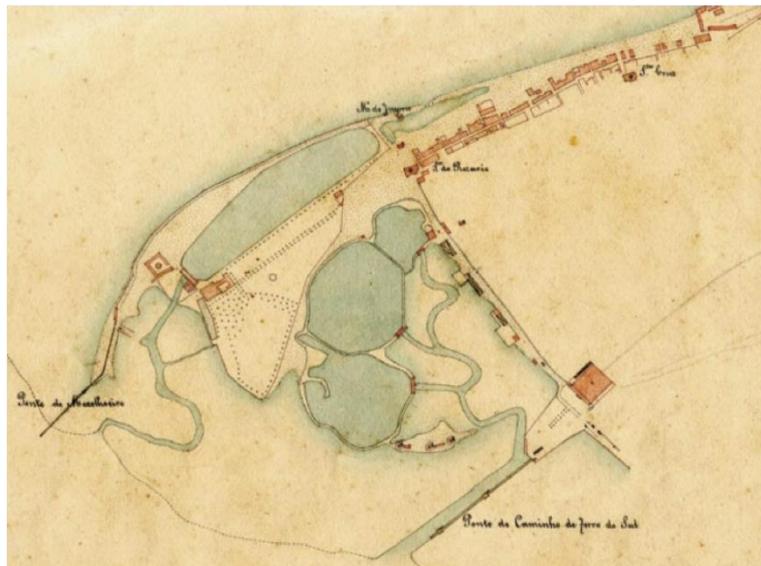
ANEXO III – PEÇAS DESENHADAS FINAIS

. Painéis Finais, maquetes finais

. ANEXO I - O LUGAR



Cartografia – evolução da cidade do Barreiro – 1771, 1773, 1816

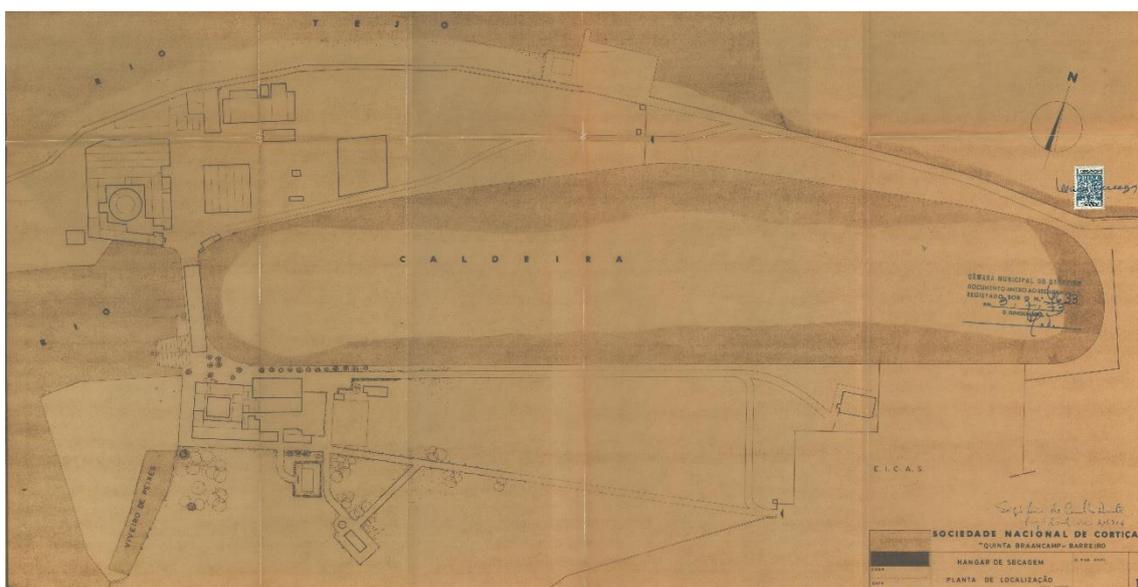
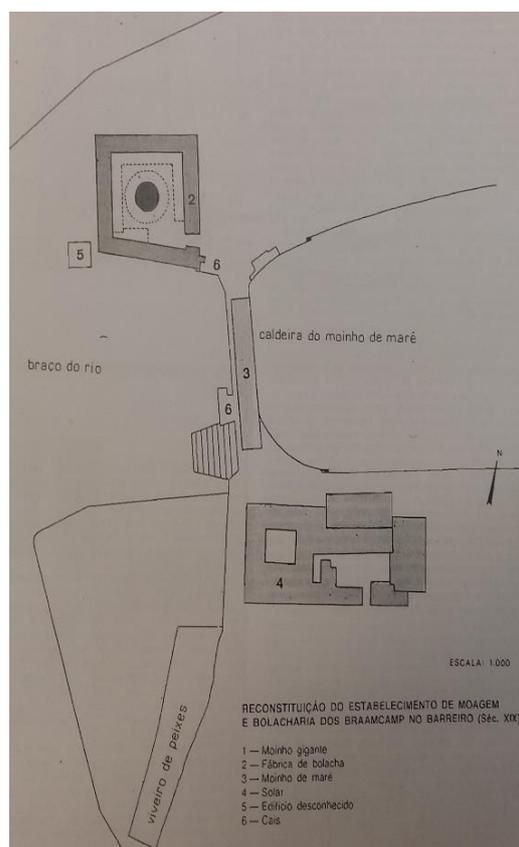


Cartografia – evolução da cidade do Barreiro – 1825, 1902, 1940

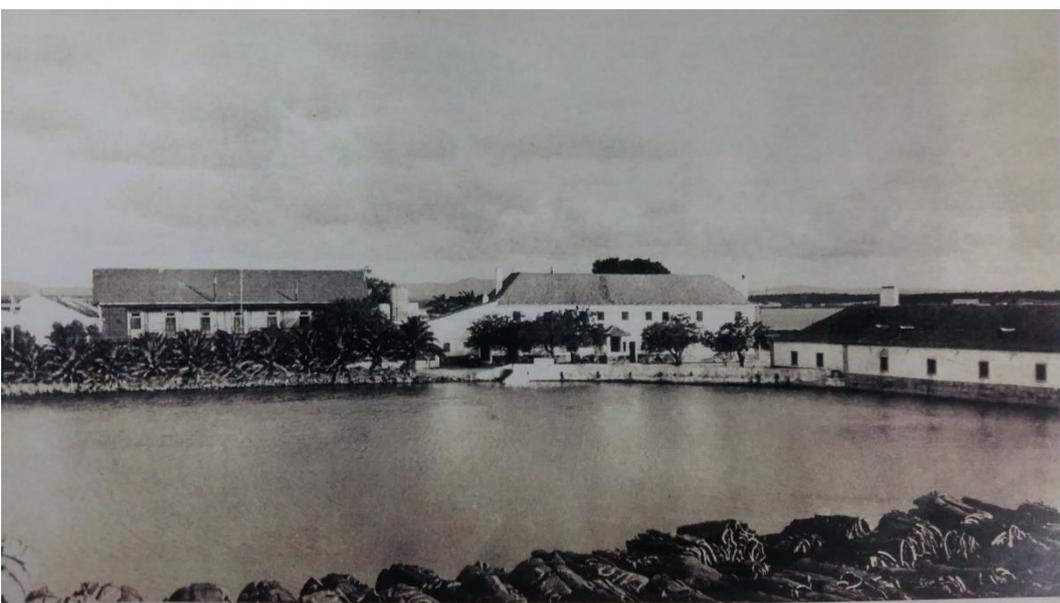


Fotografias – Alburrica e Quinta Braamcamp em meados do século XX

Fotografias e desenhos Técnicos – Quinta Braamcamp em meados do século XX; Reconstituição do estabelecimento de moagem e bolacharia dos Braamcamp, séc. XIX (direita); Planta de localização de 1883 (em baixo).



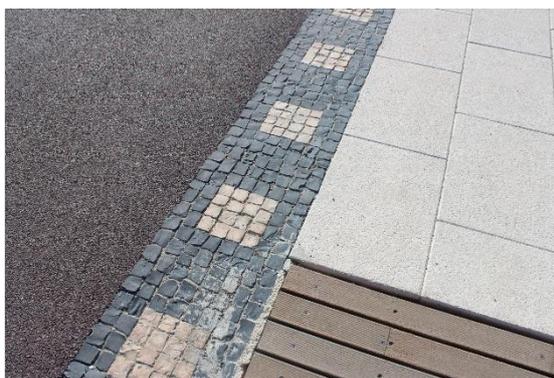
Fotografias – Quinta Braamcamp em 1920; vista do tanque de piscicultura a Sudeste (a cima); vista Sul da quinta (em baixo)



Fotografias – Vista Este da Quinta Braamcamp, Pré-incêndio, 2009



Registo Fotográfico. Imagens da autora - Alburrica





Registo Fotográfico.

Imagens da autora – Estabelecimentos públicos mais próximos da Quinta Braamcamp: Igreja de Nossa Senhora do Rosário; Escola Alfredo da Silva; Clube Naval Barreirense.

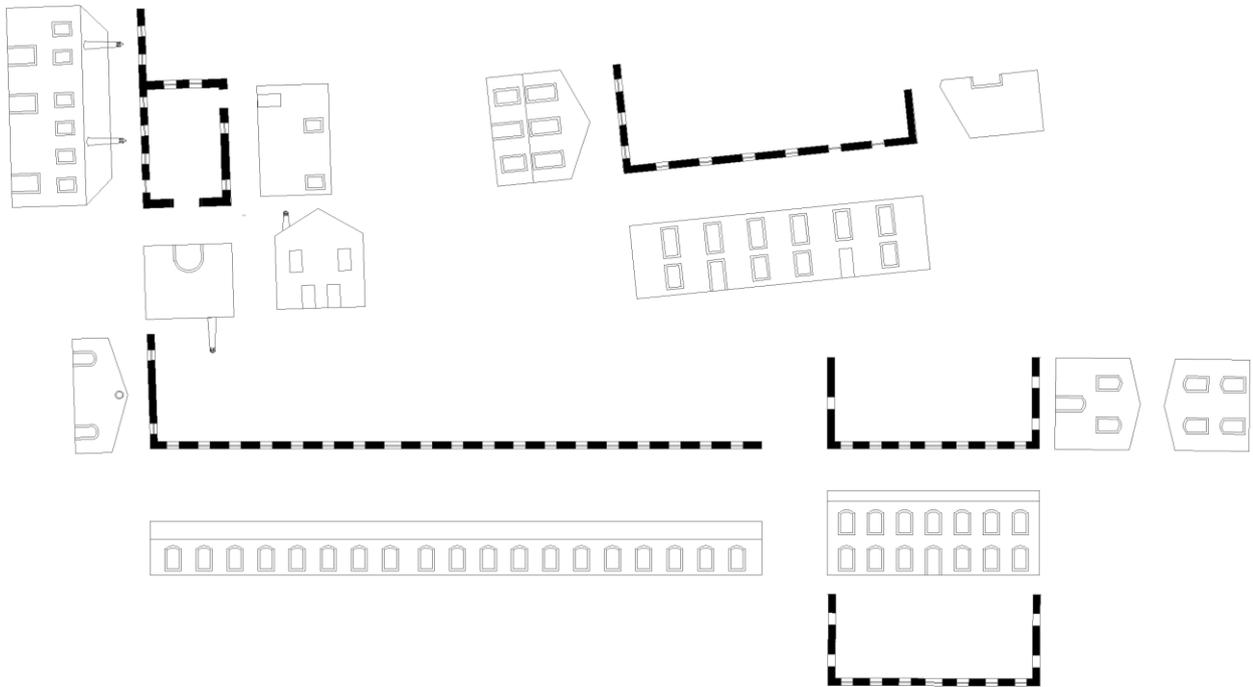
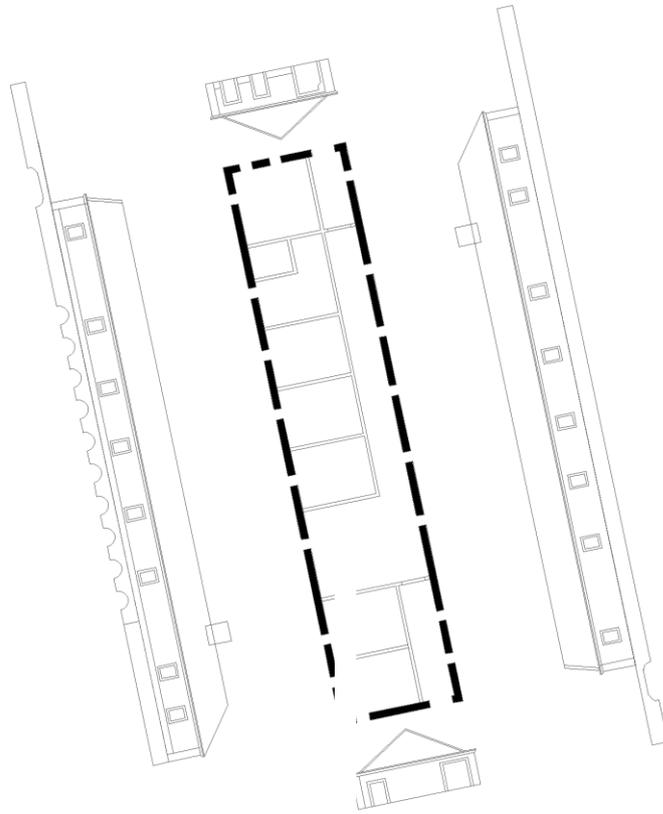
Registo Fotográfico. Imagens da autora – Alburrica, Zona dos Pescadores



Levantamento das pré-existências - medições



Levantamento das pré-existências – desenhos técnicos produzidos pela autora









Registo Fotográfico.
Imagens da autora –
Estado atual da Quinta
Braamcamp e
envolvente – acesso ao
terreno da Quinta



Registo Fotográfico.
Imagens da autora –
Estado atual do edifício
onde se localizava a
Quinta de Recreio

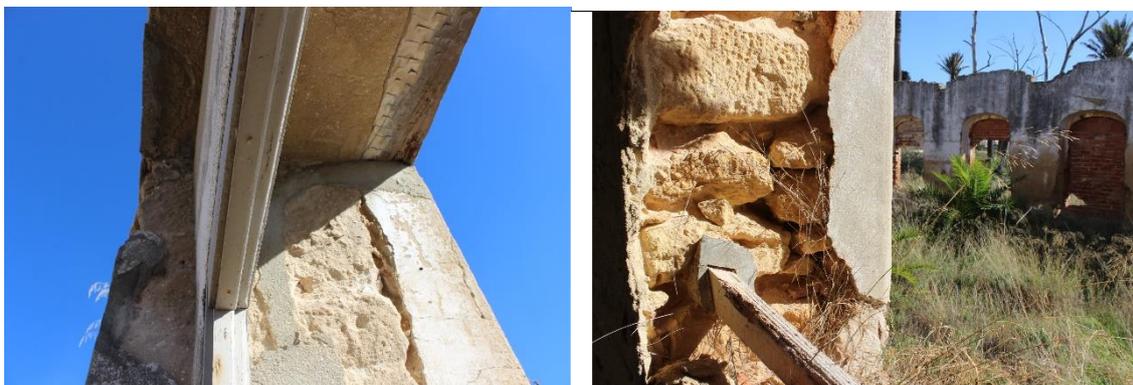
Registo Fotográfico. Imagens da autora – Estado atual do edifício onde se localizava a Quinta de Recreio – ruínas do volume a Norte





Registo Fotográfico.
Imagens da autora –
Estado atual do edifício
onde se localizava a
Quinta de Recreio –
ruínas do volume Sul

Registo Fotográfico. Imagens da autora – Estado atual do edifício onde se localizava a Quinta de Recreio – Materialidade





Registo Fotográfico.
Imagens da autora –
Estado atual do edifício
onde se localizava a
Quinta de Recreio –
ruínas do volume Sul

Registo Fotográfico. Imagens da autora – Estado atual do edifício onde se localizava a Quinta de Recreio – edifício principal



. REFERÊNCIA AOS INSTRUMENTOS DE GESTÃO TERRITORIAL COM INCIDÊNCIA NA ÁREA DE INTERVENÇÃO - análise e síntese das propostas

Na tentativa de alteração da atual imagem do concelho, fortemente marcada pela industrialização do século passado, que por sua vez conduziu a um declínio económico e social⁶⁶, o município do Barreiro tem vindo a desenvolver um conjunto de estudos e estratégias, na tentativa de implementar ações que requalifiquem e valorizem de novo a cidade. Estas estratégias surgem no âmbito dos instrumentos de gestão e de ordenamento do território, a diferentes escalas e planos de ação. Destas, destacam-se as seguintes, que se relacionam de forma direta com a área de intervenção.

A nível nacional, segundo o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT)⁶⁷ o Barreiro, inserido na região de Lisboa e Vale do Tejo, é encarado como o centro da AML, devido à sua localização privilegiada, ao potencial que tem no âmbito da conectividade nacional e internacional e a posição de importante interface de transportes e devido às suas capacidades endógenas a nível portuário e de turismo/lazer. Como tal, o PNPOT visa a concretização de projetos que valorizem as características únicas deste território (TTT, MST, aeroporto, etc.), além da conservação e valorização da biodiversidade, recursos e património natural, paisagístico e cultural, através de estratégias sustentáveis.

A nível regional, destaca-se o Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROT-AML)⁶⁸, que classifica o território do Barreiro como *área crítica urbana a articular e/ou qualificar*. Além disso, diz-nos que a sua posição no estuário e na AML criam condições para a regeneração deste espaço através da instalação de atividades dinâmicas e inovadoras, amigas do ambiente, classificando-o a nível da Rede Ecológica como *Área Vital e Estruturante Primária* do Estuário. Desta forma, destaca a importância dos espaços ribeirinhos na requalificação da vida metropolitana e tem como principais objetivos: requalificar os espaços urbanos ribeirinhos e as margens do estuário; preservar e recuperar os valores naturais de grande diversidade e riqueza ecológica que constituem o estuário do Tejo, potenciando a sua utilização para fins de turismo, recreio e lazer; reconverter as áreas industriais em declínio ou abandonadas numa área com serviços de apoio às atividades económicas e com espaço público qualificado⁶⁹.

⁶⁶ Sensos de 2001 o traduzem, sendo o Barreiro o único município da AML a perder habitantes.

⁶⁷ PNPOT – Lei nº 58/2007 de 4 de Setembro - é o sistema de gestão territorial que faz de charneira entre o âmbito nacional e o municipal, definindo estratégias e opções de desenvolvimento territorial.

⁶⁸ PROTAML – RCM nº 68/2002 de 8 de Abril

⁶⁹ ALBURRICA E BRAAMCAMP_TERRITÓRIOS "IN RIO" _ European concurso

A nível local destaca-se o PDM (Plano Diretor Municipal do Barreiro⁷⁰), atualmente em processo de revisão, que classifica a área de intervenção como *espaço verde de recreio e lazer e de proteção e enquadramento*, e a nível de Unidades Operativas de Planeamento e Gestão (UOPG), tem como uso dominante a estrutura verde e a habitação e usos compatíveis equipamentos e comércio. Relativamente aos objetivos são enunciados os seguintes: melhorar as acessibilidades internas e externas, viabilizando novas ligações aos concelhos vizinhos e à estrutura viária regional e nacional; desenvolver e qualificar as redes de equipamentos sociais; criar e equipar uma estrutura concelhia de espaços verdes com espaços públicos qualificados.

Seguidamente destacam-se projetos e programas específicos destinados à área de intervenção.

O projeto Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica (REPARA), insere-se na área Noroeste do Concelho do Barreiro (Alburrica), a frente ribeirinha norte e Av. Bento Gonçalves, e ainda a rua Miguel Pais, e constitui a candidatura realizada pelo Município do Barreiro aos fundos comunitários integrados no QREN⁷¹, no âmbito das Operações Integradas para a Regeneração de Frentes Ribeirinhas e Marítimas e Programa Operacional Regional de Lisboa e Vale do Tejo. Esta candidatura é composta por diversas linhas de ação transversais ao tema da regeneração urbana, visando a resolução de vários dos constrangimentos atuais e apontando para intervenções nos domínios da integração e vivência qualificada da frente ribeirinha, acessibilidade e mobilidade, dinâmica económica e social, património e identidade, reforço da imagem e atratividade da cidade⁷². Assim sendo, resumidamente, define objetivos específicos a ser cumpridos em várias fases, dos quais se destacam a criação de percursos pedonais qualificados; implementação de percursos cicláveis articulados com a ciclovia já existente do POLIS e do passeio Augusto Cabrita; espaços de lazer e desporto tais como campo de voley de praia, parque de merendas, snack-bar, esplanada e estacionamento; colocação de mobiliário urbano e infraestruturas de apoio a diversas atividades ao ar livre tais como construção de circuito de manutenção, parque infantil e de apoio à praia (duches e lava-pés); intervenções de recuperação patrimonial e ambiental, tais como a recuperação das caldeiras e das suas margens envolventes (Limpeza) e dos moinhos de maré e vento para a implementação futura de atividades económicas. Salienta-se, ainda, o projeto de implementação de aquacultura e atividade piscatória que pretende reativar a produção de bivalves com vista à exportação, criando dinâmicas económicas, sociais e de emprego e ainda a implementação de projetos no âmbito das energias renováveis sob o princípio da eficiência energética,

⁷⁰ (PDMB – RCM nº26/94 de 4 de Maio)

⁷¹ Quadro de Referência Estratégica Nacional

⁷² REPARA, p. 21

sendo instalados vários sistemas de economia energética ao nível da iluminação pública e outras atividades.

É de salientar ainda a Estratégia regional LISBOA 2020, que propõe a requalificação do arco ribeirinho sul, através de intervenções em áreas necessitadas de reconversão, como é o caso da Alburrica. Neste contexto, surge o projeto PORLisboa⁷³ que assenta na estratégia do QREN para a Regeneração de Frentes Ribeirinhas e Marítimas. Este projeto visa a construção de passadiços sobre a água, que irão estabelecer uma ligação física entre os moinhos de maré e, conseqüentemente, uma ligação alternativa à Alburrica, reforçando a proximidade ao património moageiro através da recriação de um percurso perdido no tempo. Assim, este percurso inicia-se na Rua Miguel Pais, passando pelos três moinhos de maré e culminando nos três moinhos de vento. Através da implementação destas estruturas, foi possível dotar o território de acessos qualificados de âmbito pedonal e ciclável e foi facilitado o acesso à Alburrica, que passa a estar integrada nos circuitos de vivência diária da cidade e da população.

Referem-se ainda outras estratégias propostas para áreas envolventes à área de intervenção, que podem ser úteis e servir de continuidade à futura intervenção.

Com a indústria desactivada no concelho, criou-se um enorme vazio urbano na área da antiga CUF, designada pelo PDM como “Espaços industriais e áreas de reconversão”. Como tal, foi feito um estudo prévio e elaborado o *Plano de urbanização (PU) do território da quimiparque e áreas envolventes* ao abrigo do PROT-AML⁷⁴, que reconhece o Barreiro como uma futura centralidade no alargamento de Lisboa para Sul. Os limites deste PU englobam os terrenos da antiga CUF, respetiva frente ribeirinha, zona atual de interface do cais dos barcos e a linha ferroviária do Barreiro. Para este território, o plano prevê a recolocação do cais de embarque, a recuperação e valorização da frente ribeirinha, incluindo a construção de uma marina, criação de uma rede de espaços públicos qualificados e dotados de espaços verdes de qualidade, a articulação com a cidade consolidada através de uma boa rede de acessibilidade multimodal associada à Terceira Travessia do Tejo (TTT) e ao Metro de superfície do Tejo (MST). Além disso prevê a localização de empresas e a construção de um novo parque habitacional.

Refere-se ainda o *Projecto Municipal para a Reabilitação de Áreas Urbanas 2007 (PROURB)*, cujo diagnóstico orienta para uma estratégia de regeneração urbana na zona do Barreiro Antigo e respectiva frente ribeirinha a norte, atual Passeio Augusto Cabrita. O projecto deste último, finalizado em 2009, foi desenvolvido pelo PMAPE⁷⁵ e resulta de uma parceria conseguida entre a APL⁷⁶ e a

⁷³ Programa Operacional Regional de Lisboa

⁷⁴ Plano de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa

⁷⁵ Projecto Municipal para Acções e Projetos Estratégicos

⁷⁶ Administração do Porto de Lisboa

CMB. Constitui uma intervenção na frente ribeirinha com impactos significativos na qualidade de vida da cidade, através da qualificação do espaço público, zonas verdes e implementação de uma ciclovia. A 2ª fase deste projeto encontra-se ainda por executar, mas visa o prolongamento do passeio ribeirinho e da ciclovia, já iniciados no Passeio Augusto Cabrita, e a realização de obras marítimas de contenção marginal. Constitui uma intervenção de recuperação desta frente ribeirinha, bastante degradada pela erosão costeira, bem como a construção de novas acessibilidades pedonais e cicláveis para aceder dignamente à zona de praia.

Refere-se também a intervenção realizada no âmbito do programa POLIS 2001, iniciada nesse mesmo ano e cujo objectivo é a regeneração da frente ribeirinha do Barreiro. Com este programa, executaram-se obras no Parque Recreativo da cidade, o fecho da retenção marginal da Avenida da Liberdade e o Parque da Cidade com o novo passeio marginal e ciclovia pela frente ribeirinha nas freguesias de Verderena e Santo André, frente de rio que estabelece continuidade com a área de intervenção em análise.

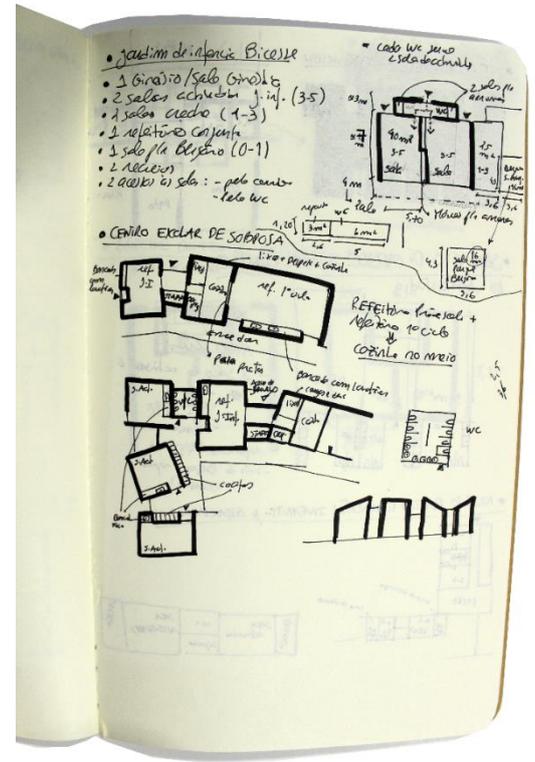
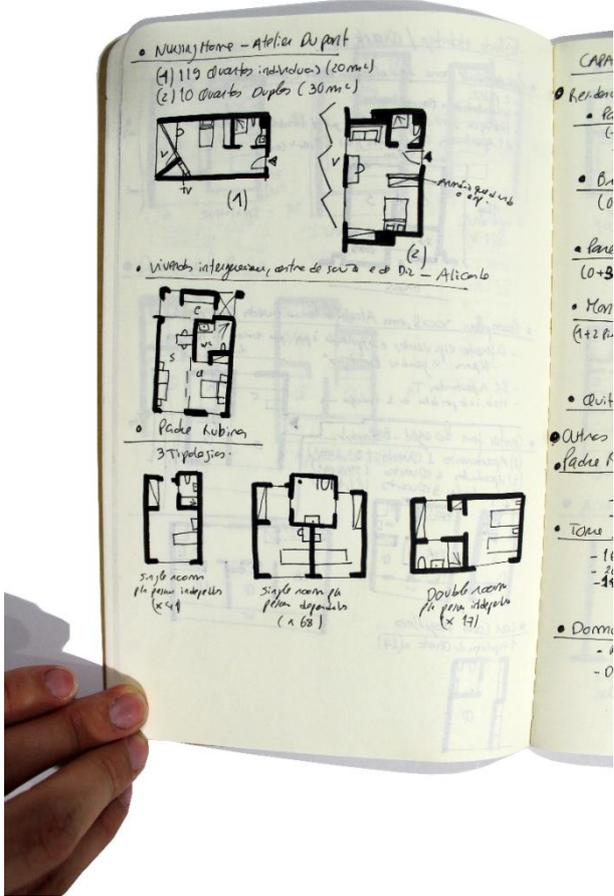
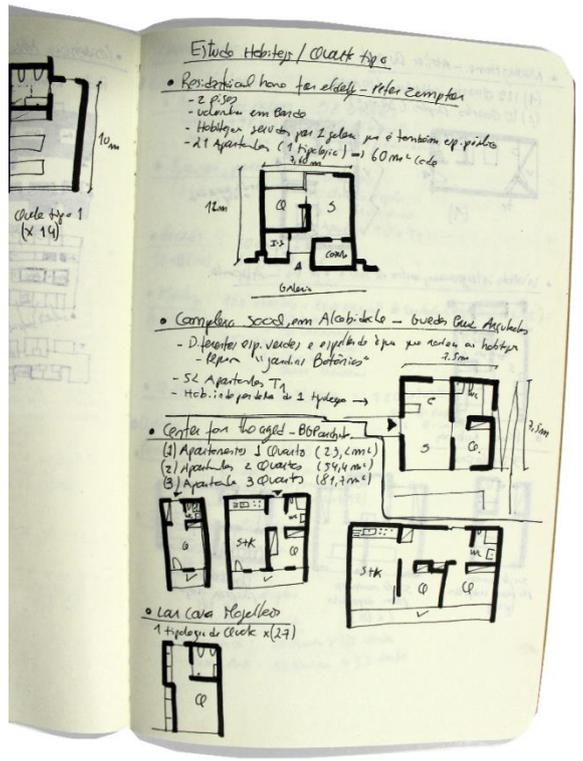
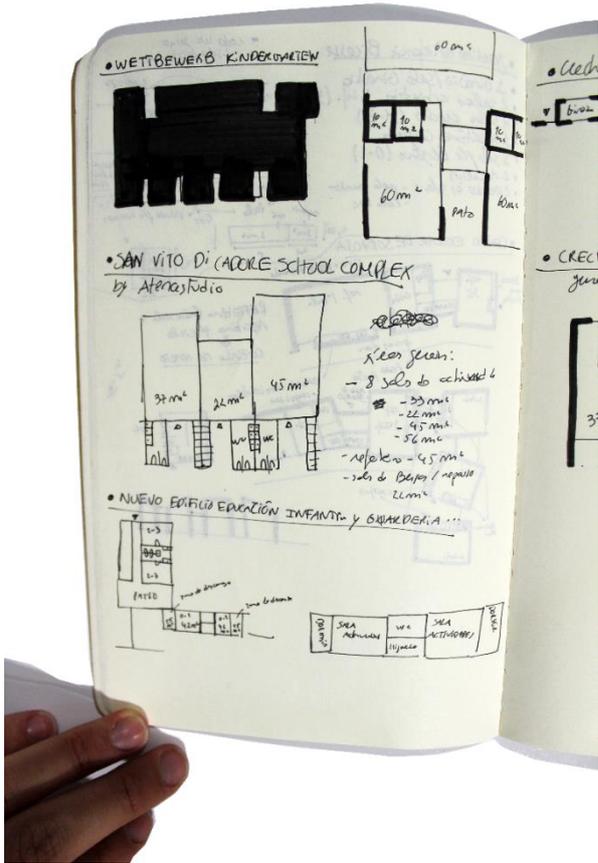
Relativamente à Melhoria da Mobilidade e Acessibilidades, o projecto TTT, estratégia ao abrigo do PROT-AML, trata-se de uma nova ponte rodoferroviária que tem como objectivo ligar a cidade de Lisboa à Península de Setúbal. Refere-se este projecto, uma vez que a sua concretização poderá ter um impacto bastante positivo para a cidade do Barreiro, e área de intervenção, impulsionando a implementação de novos projetos. *A Ponte não servirá apenas para levar pessoas para Lisboa mas também para trazer pessoas de Lisboa para o Barreiro e para o Arco Ribeirinho Sul*⁷⁷. Ainda no âmbito das acessibilidades, o projeto MST trata-se de um projeto intermunicipal que se iniciou em 2003 e que envolve os concelhos de Almada, Barreiro, Moita e Seixal. A 3ª fase deste dará continuidade às 1 e 2ª fase já concluídas e tratar-se-á da linha 4 Fogueteiro-Seixal-Barreiro, com interface principal no Barreiro, localizada ao lado da atual zona do cais dos barcos. O projeto implica a construção de uma ponte ferroviária que liga os concelhos Barreiro e Seixal, hoje afastados pela ribeira de Coia.

⁷⁷ Repara

. ANEXO II – PROCESSO DE TRABALHO

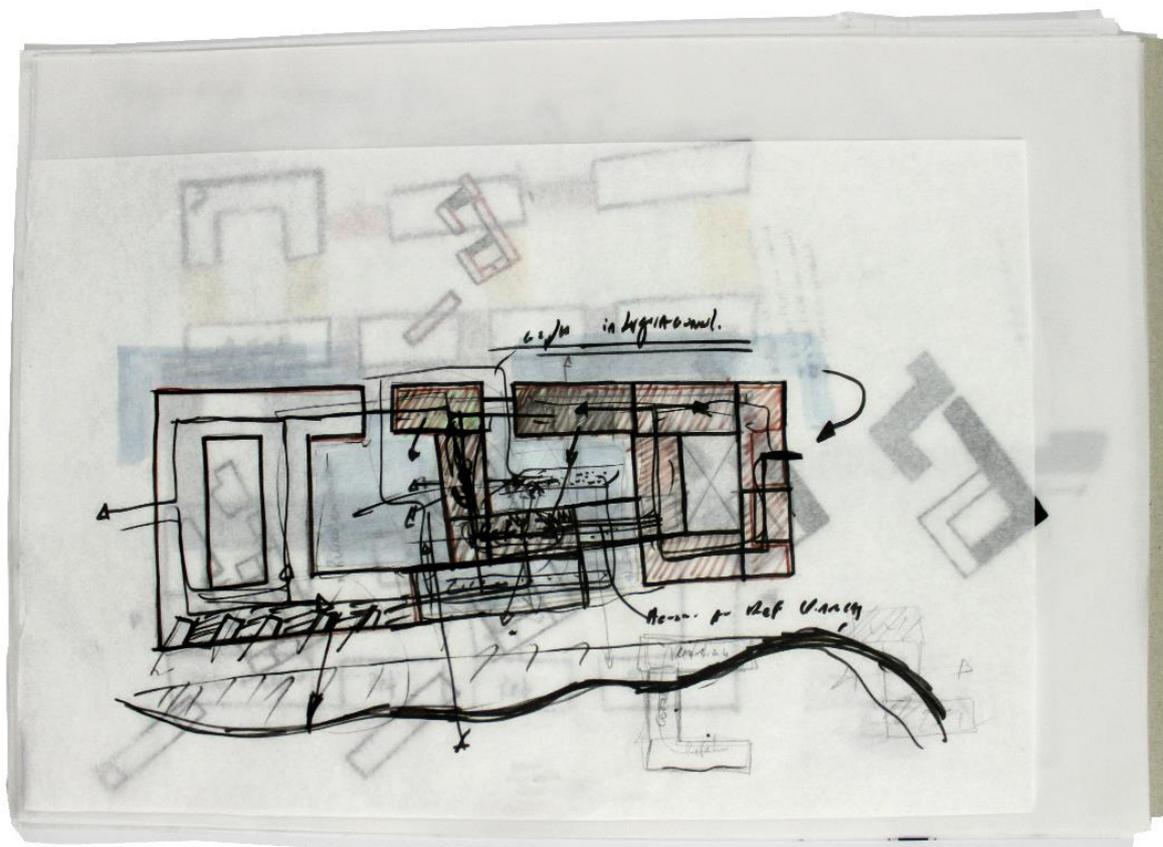


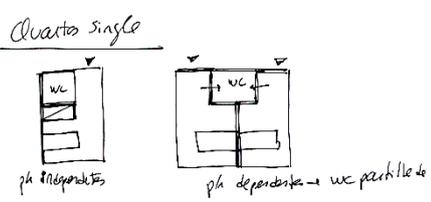
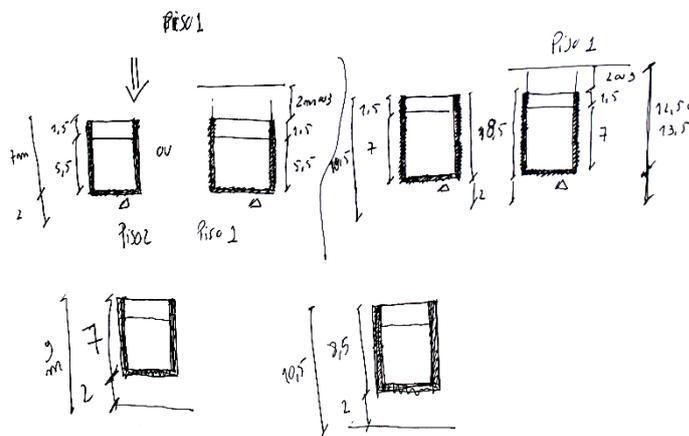
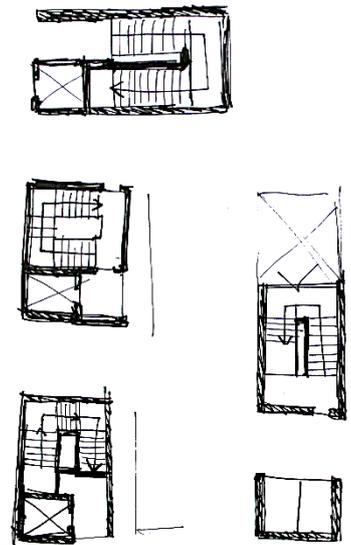
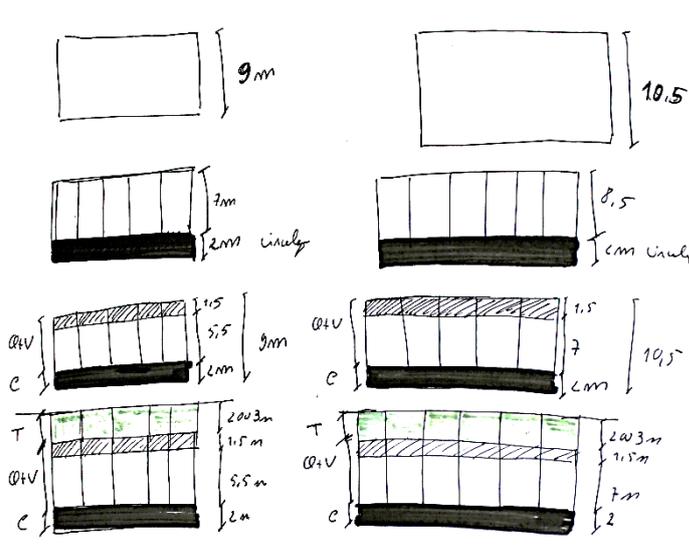
Caderno de esquiços.
Esquiços, análise de
projetos de referência.



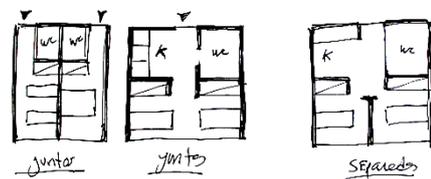
Portefólios. Esquços, análise do território, projetos de referência, desenhos técnicos em todas as fases de projeto







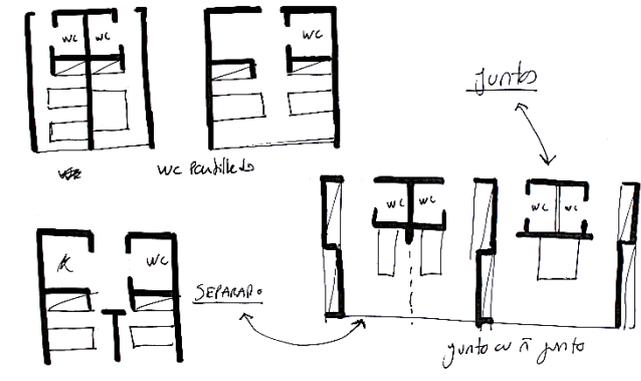
Doble room) Juntas perlas no mismo espacio (casas w perlas dependientes) Separadas (+ privacidad)



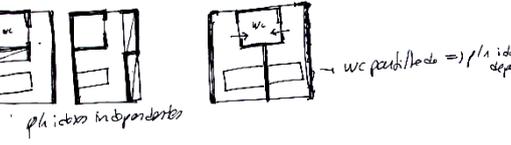
QUARTOS SINGLE



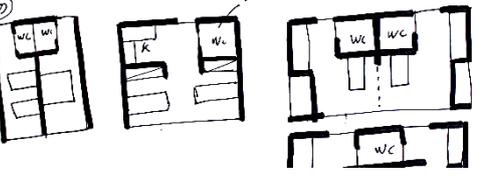
DOUBLE ROOM

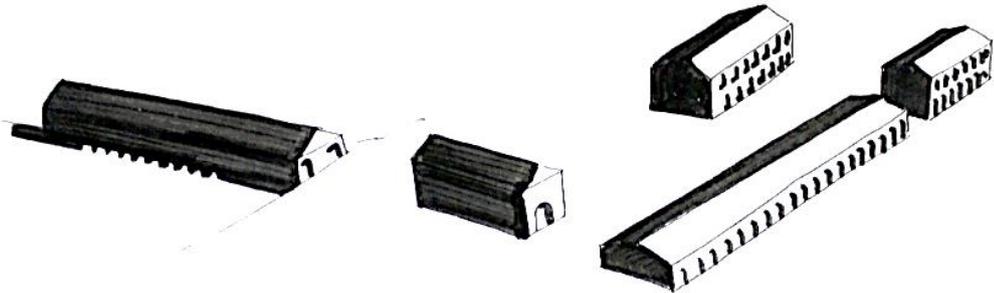
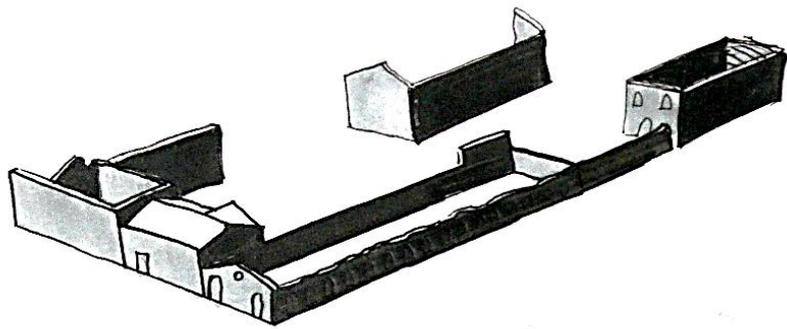
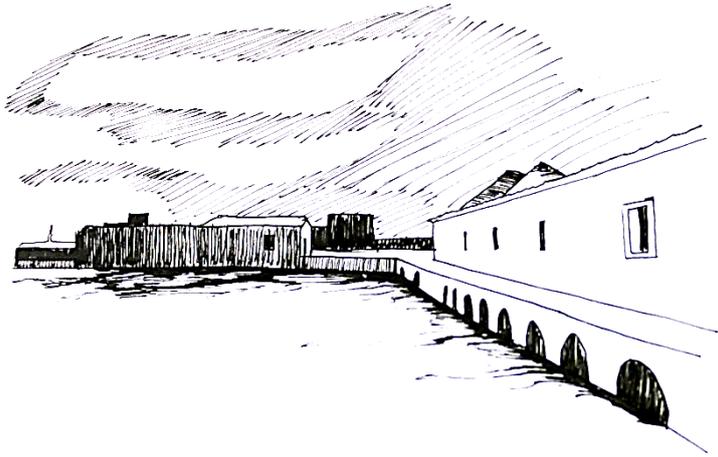


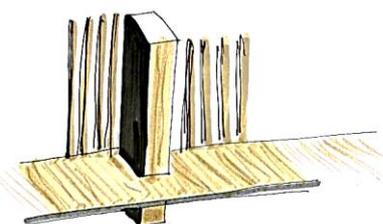
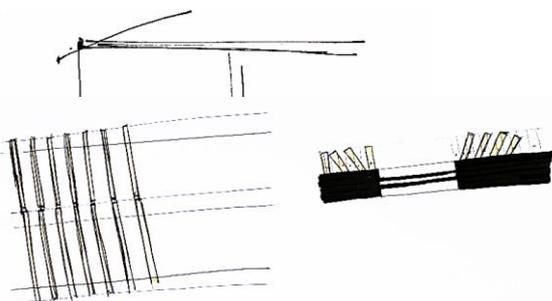
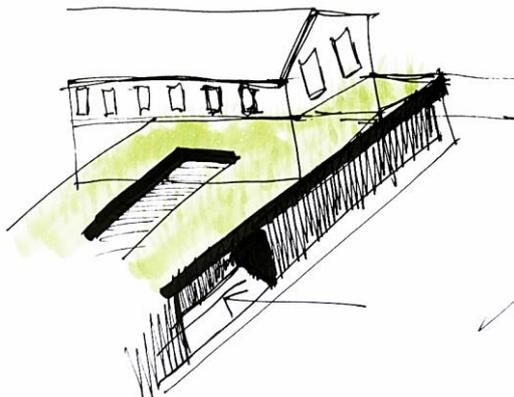
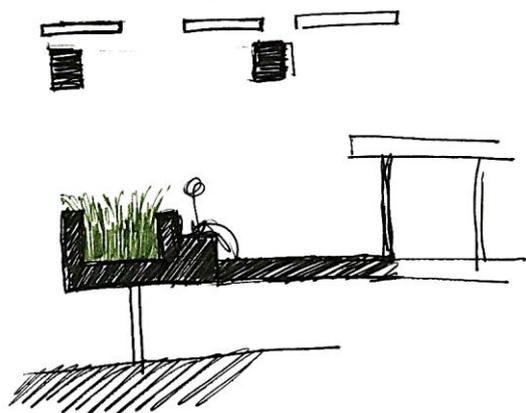
Quartos single



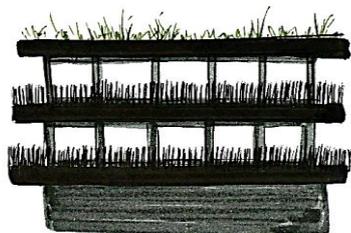
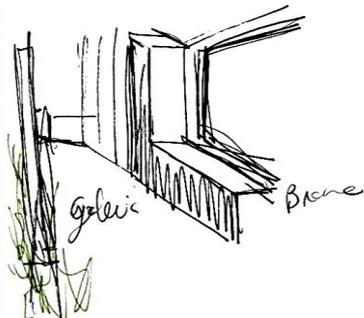
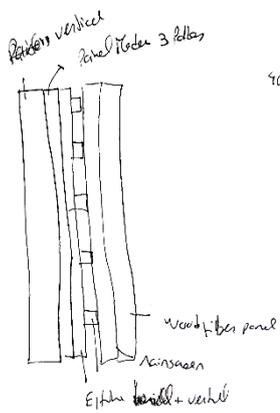
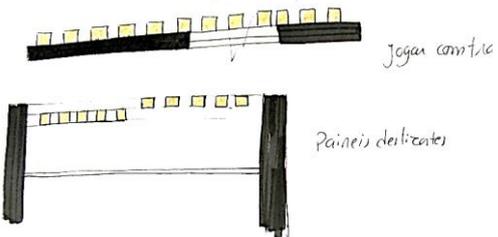
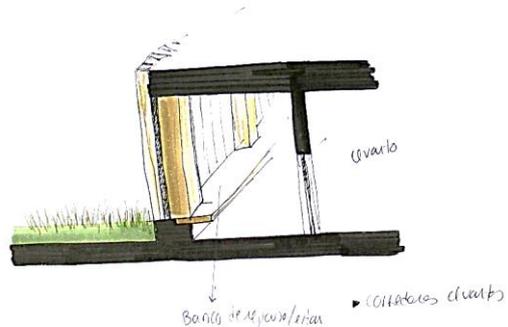
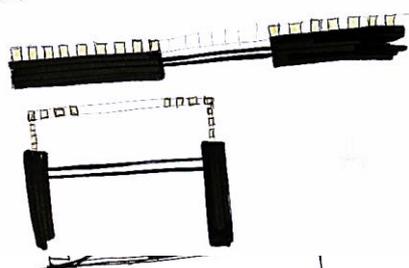
Doble room



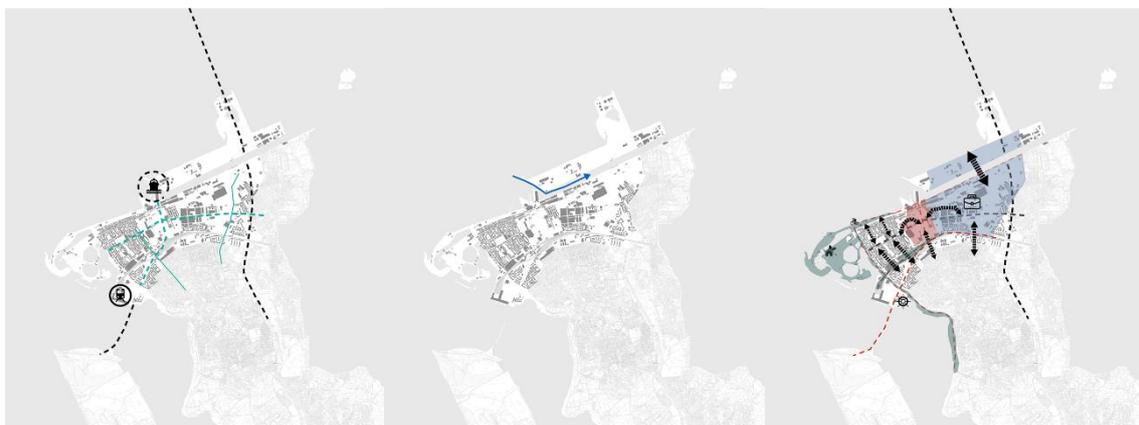
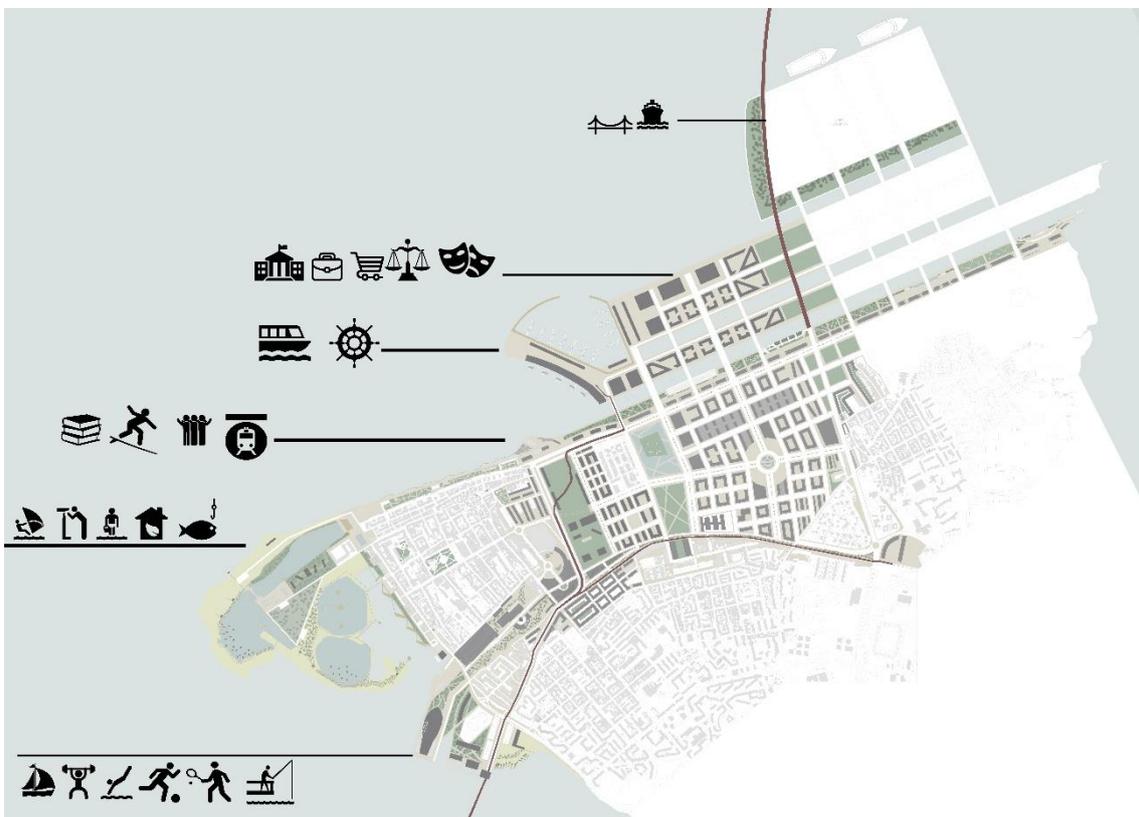




906
24/30/136



Painéis Exame Laboratório de Projeto VI. Proposta de Plano urbano para a cidade do Barreiro (feito em âmbito de grupo)



Painéis Exame Laboratório de Projeto VI. Planta do existente - Alburrica

ESPAÇO INTERGERACIONAL | BARREIRO

LABORATÓRIO DE PROJECTO VI | DOCENTE PEDRO RODRIGUES



ESPAÇO INTERGERACIONAL | BARREIRO

LABORATÓRIO DE PROJECTO VI | DOCENTE PEDRO RODRIGUES



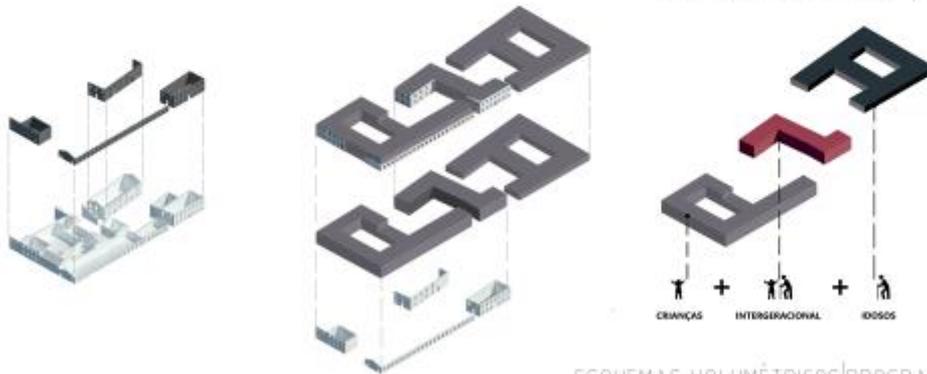
Painéis Exame Laboratório de Projeto VI. Proposta de implantação – Primeira abordagem ao objeto arquitetónico, volumetria – Quinta Braamcamp

ESPAÇO INTERGERACIONAL | BARREIRO

LABORATÓRIO DE PROJECTO VI | DOCENTE: PEDRO RODRIGUES

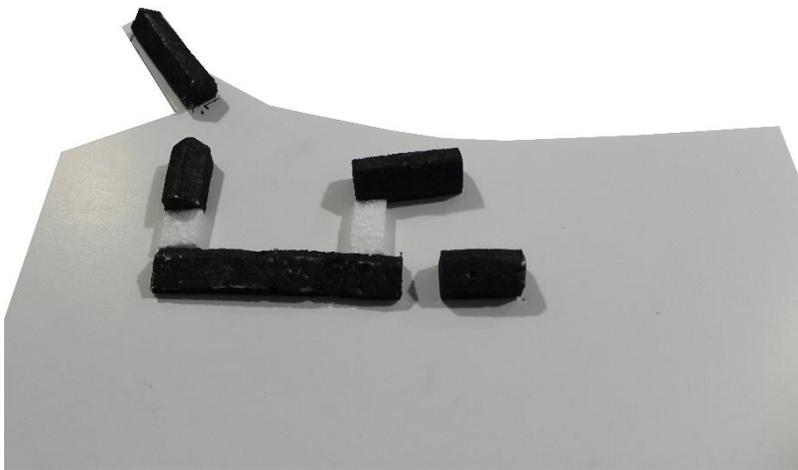
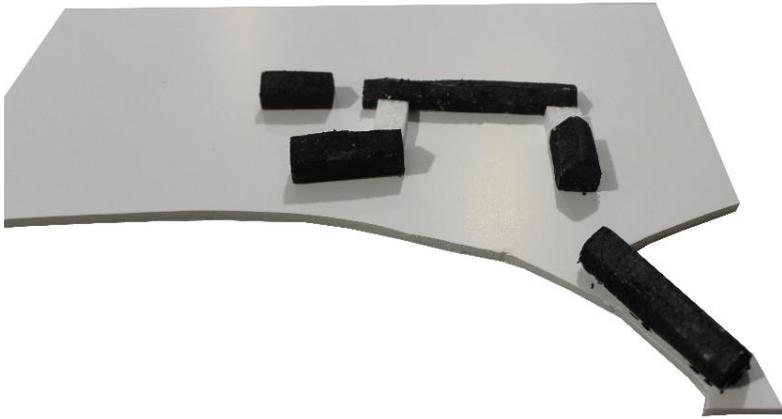


PLANTA DA COBERTURA | 1500

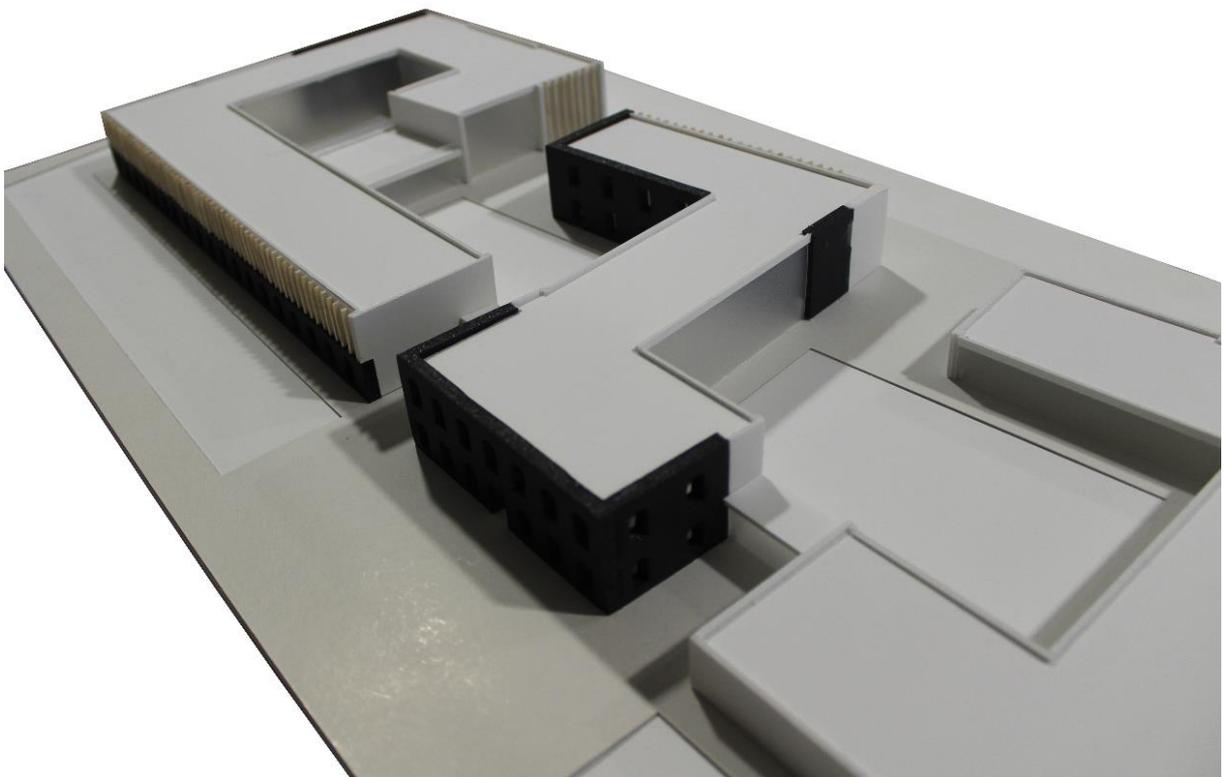


ESQUEMAS VOLUMÉTRICOS | PROGRAMÁTICOS

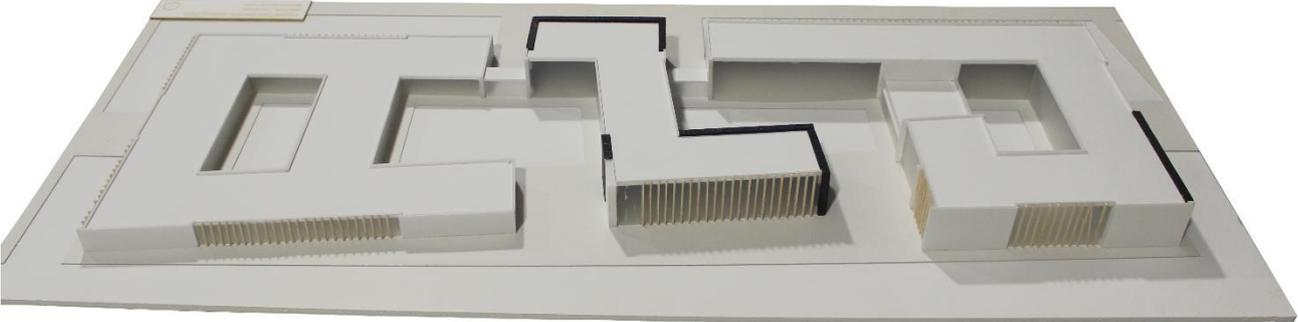
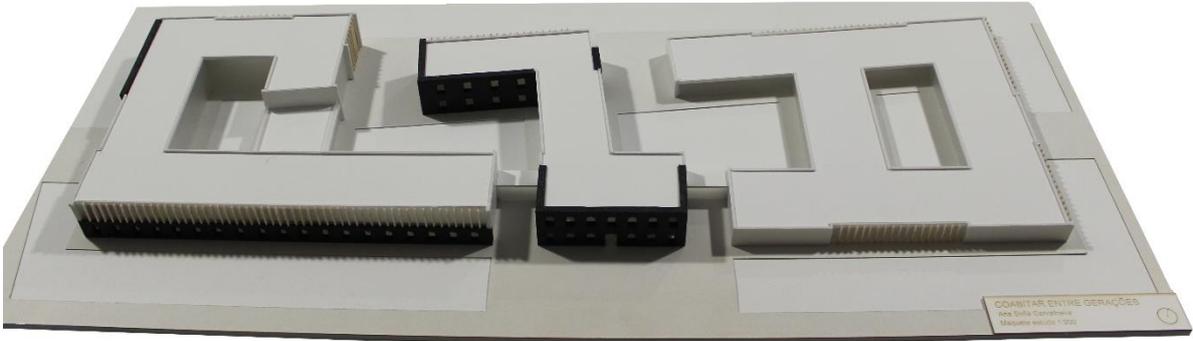




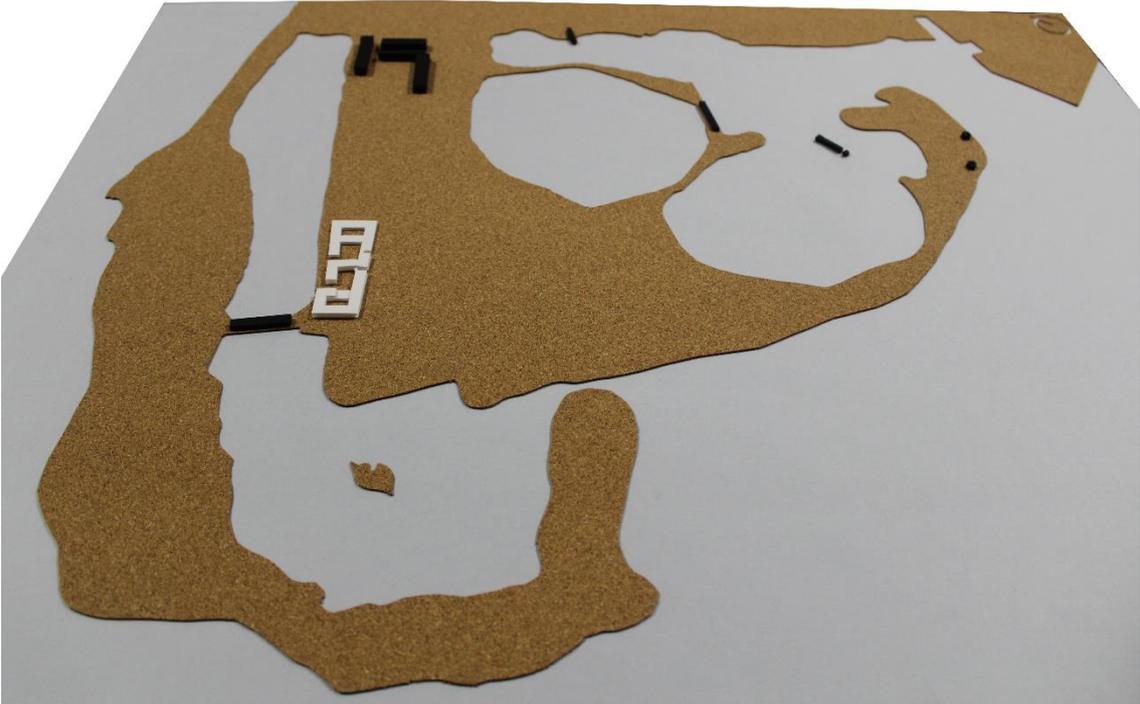
Maquetes de Estudo.
Estudo volumétrico | 1:500

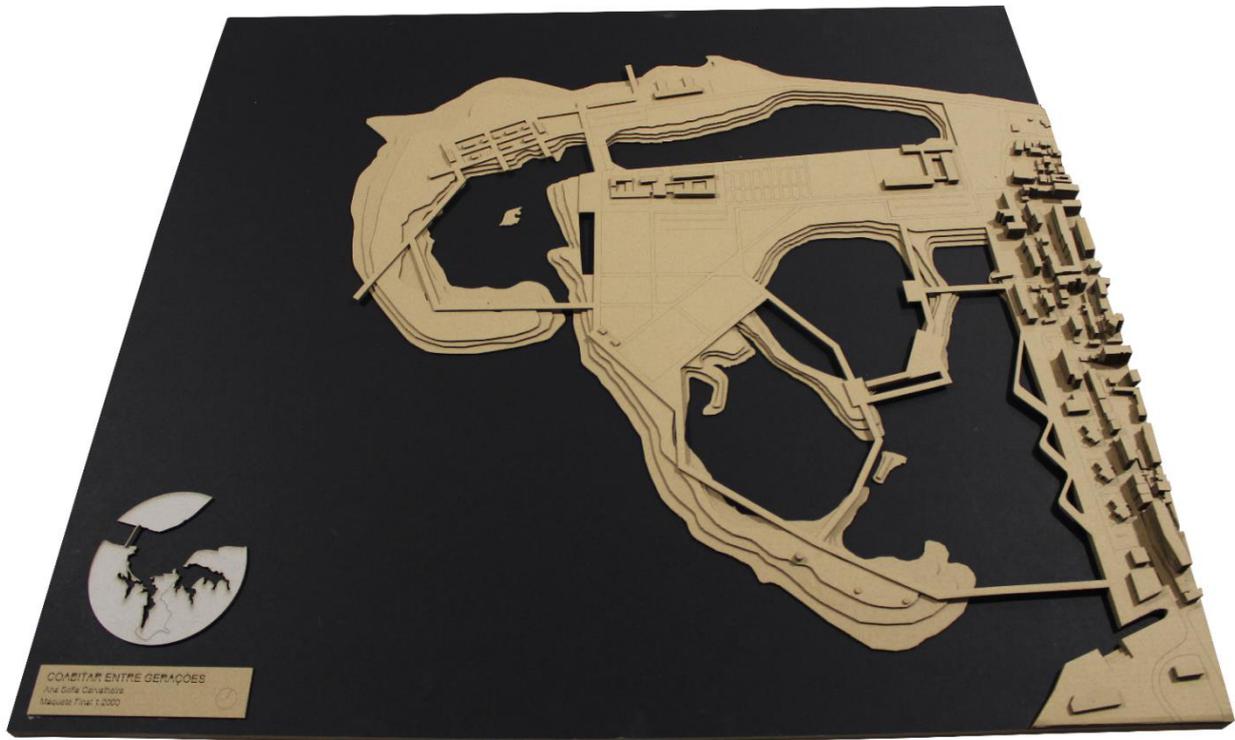


Maquetes de Estudo. Proposta volumétrica e programática | 1:200

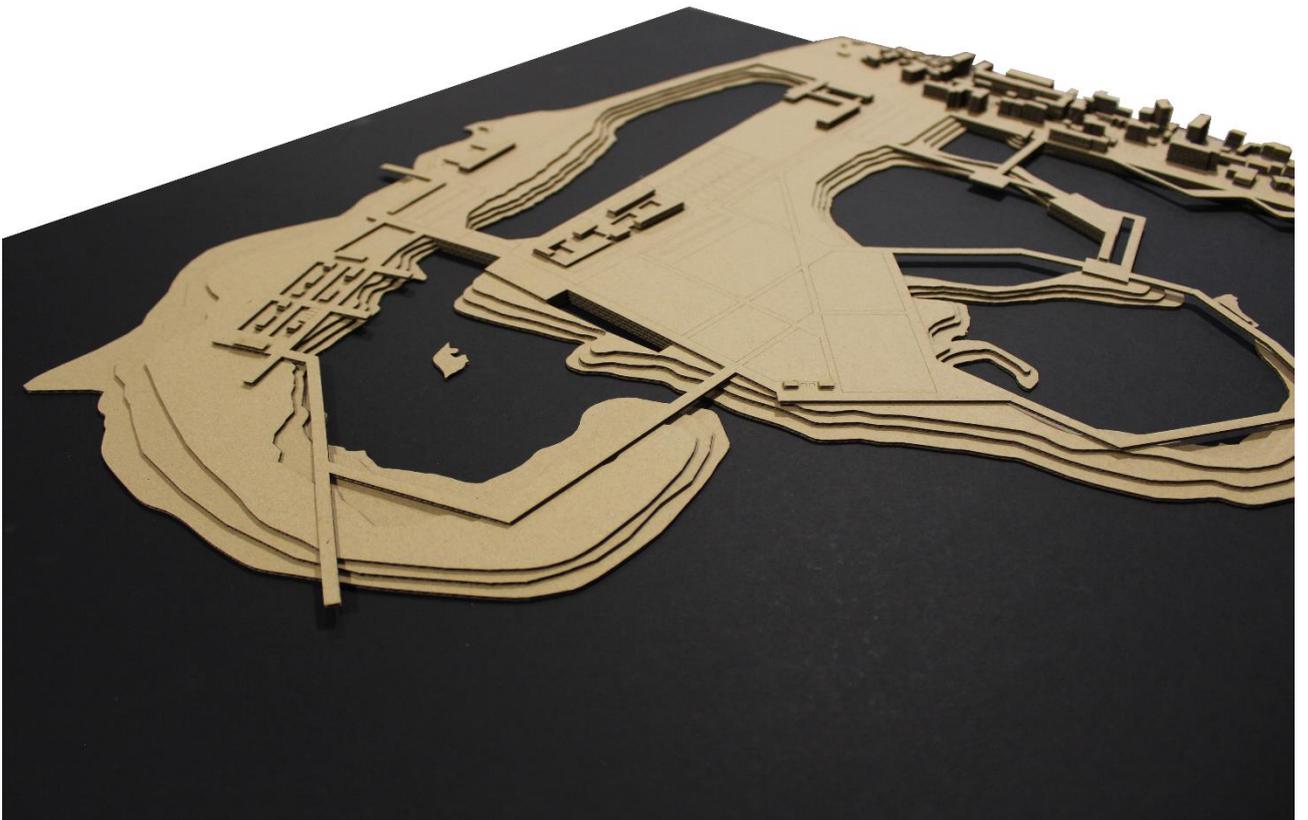


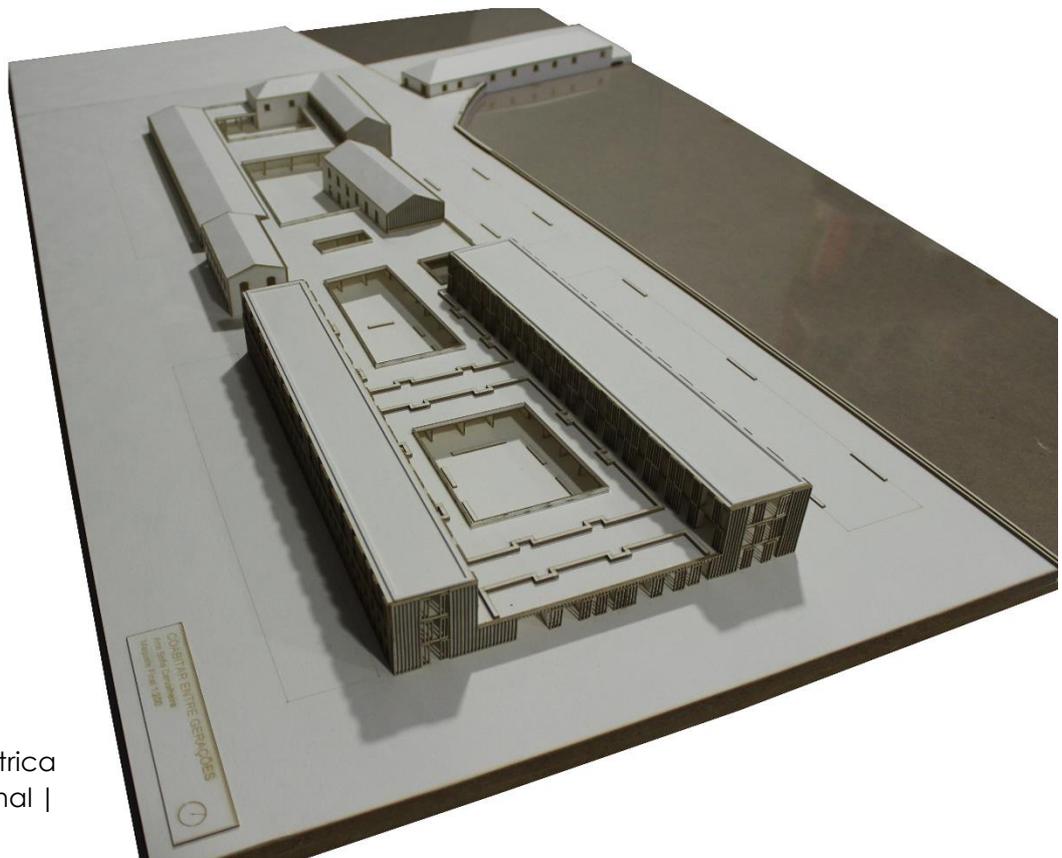
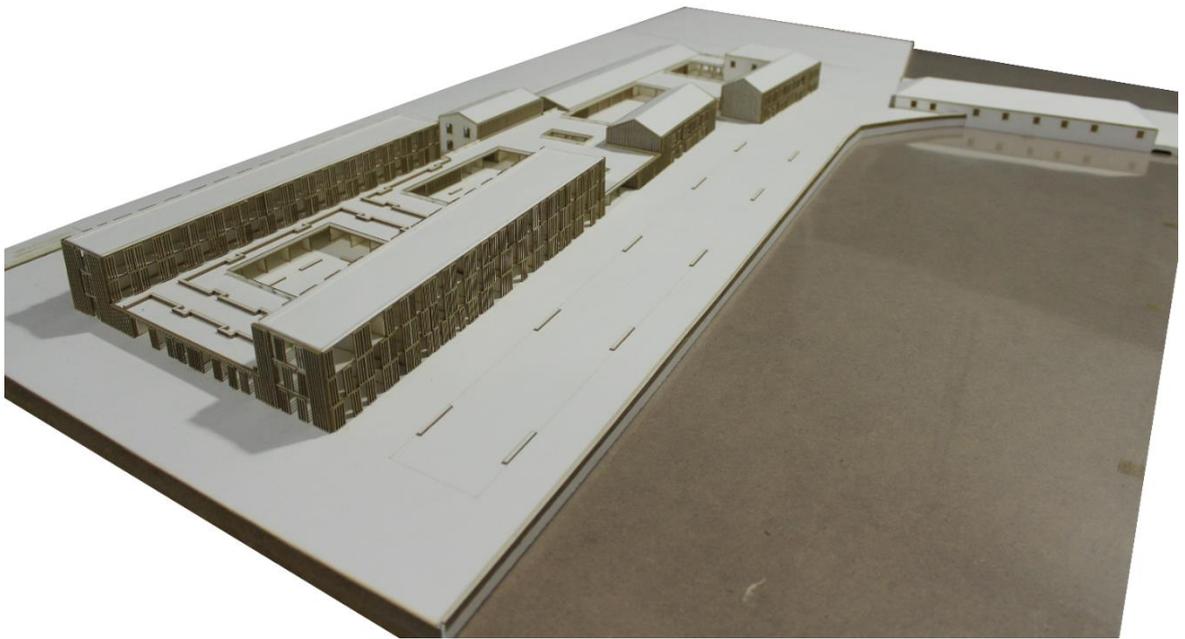
Maquetes de Estudo. Proposta de implantação | 1:2000



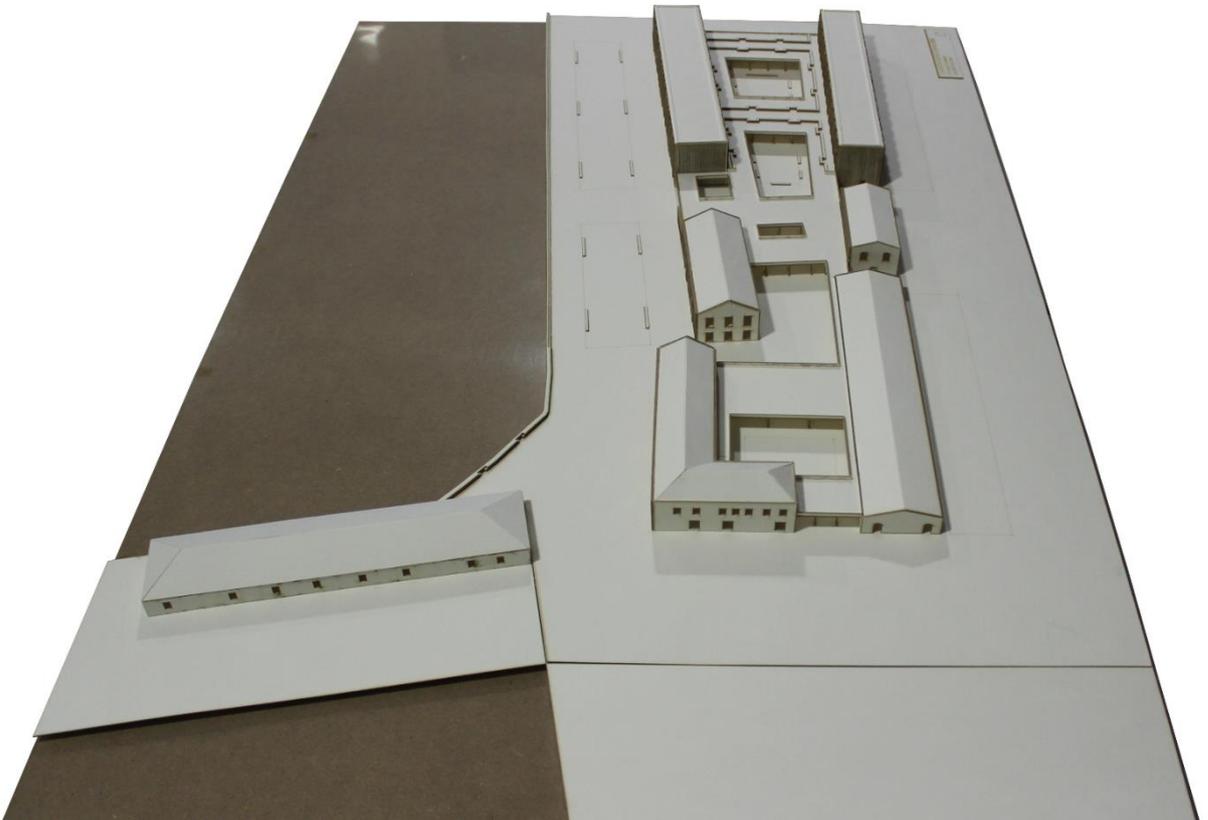
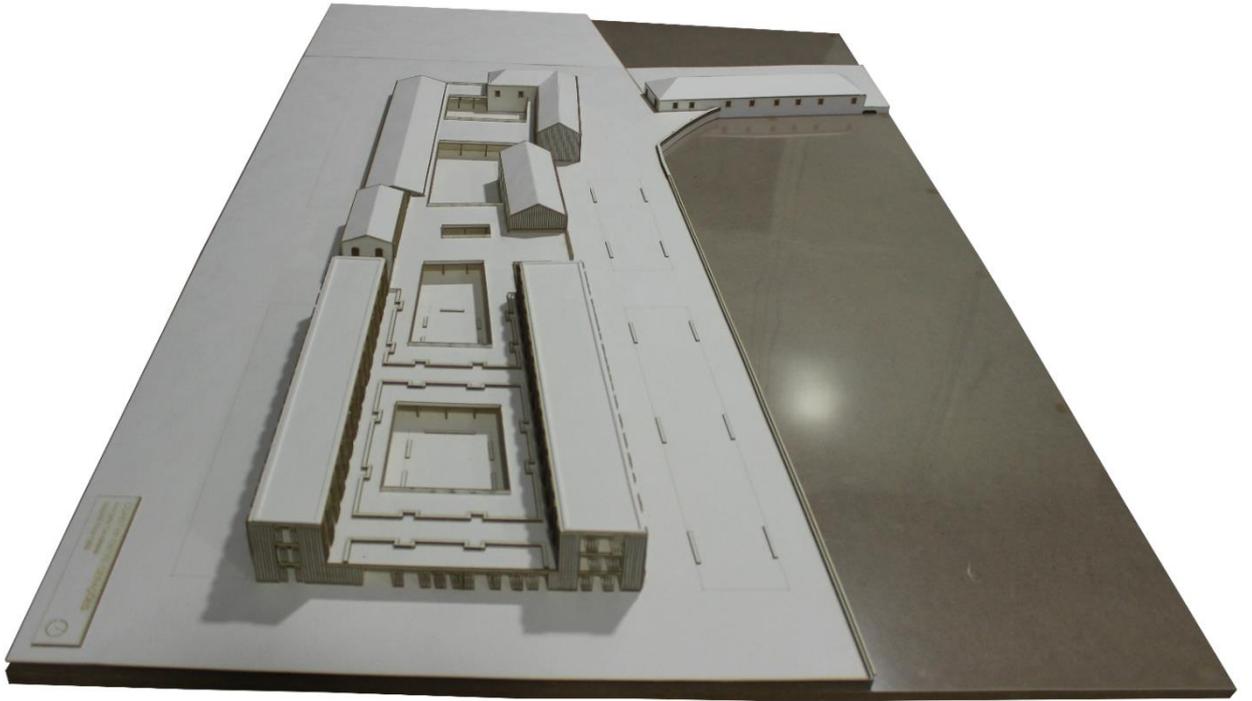


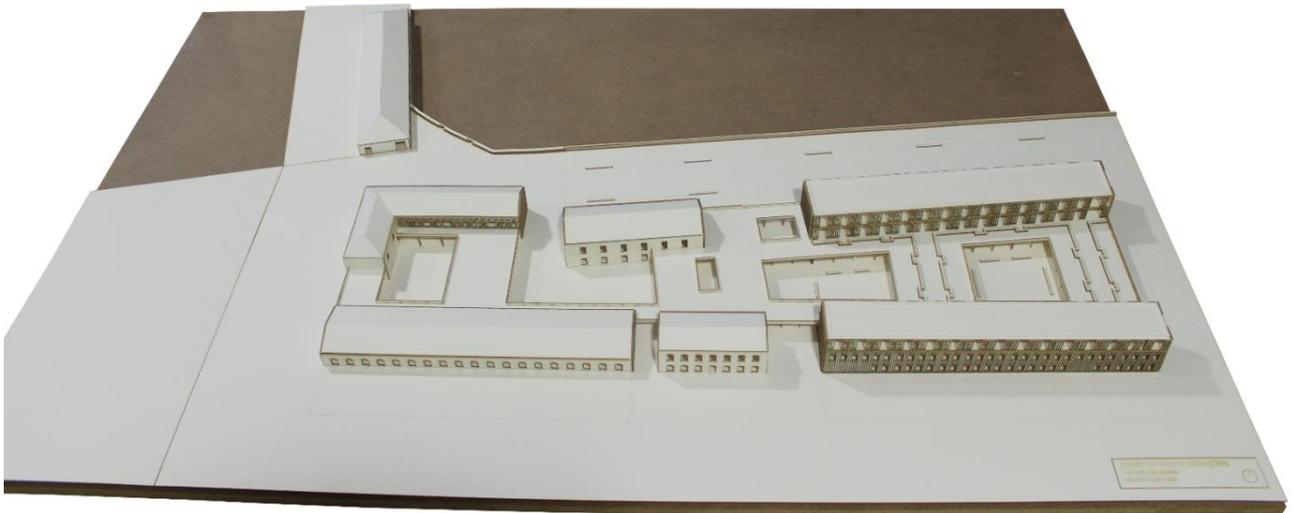
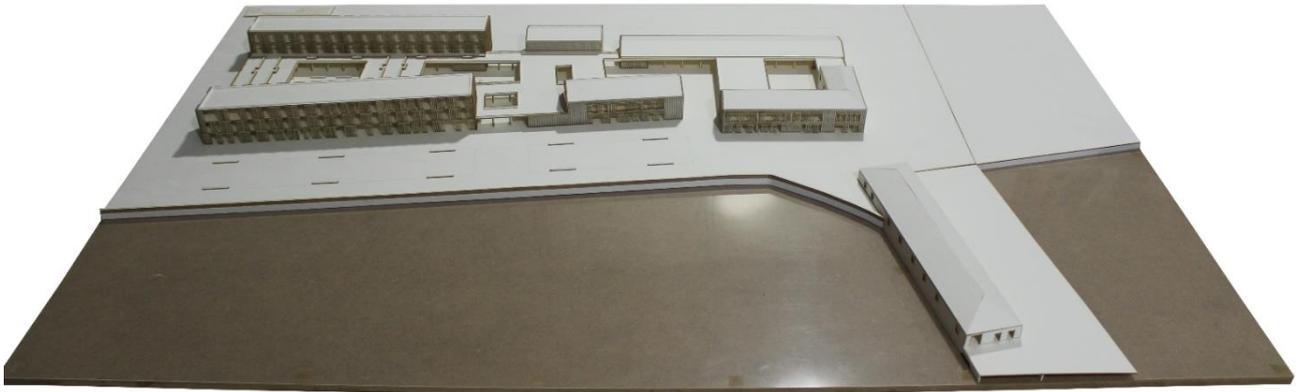
Maquetes Finais. Proposta urbana Final para a Alburrica | 1:2000

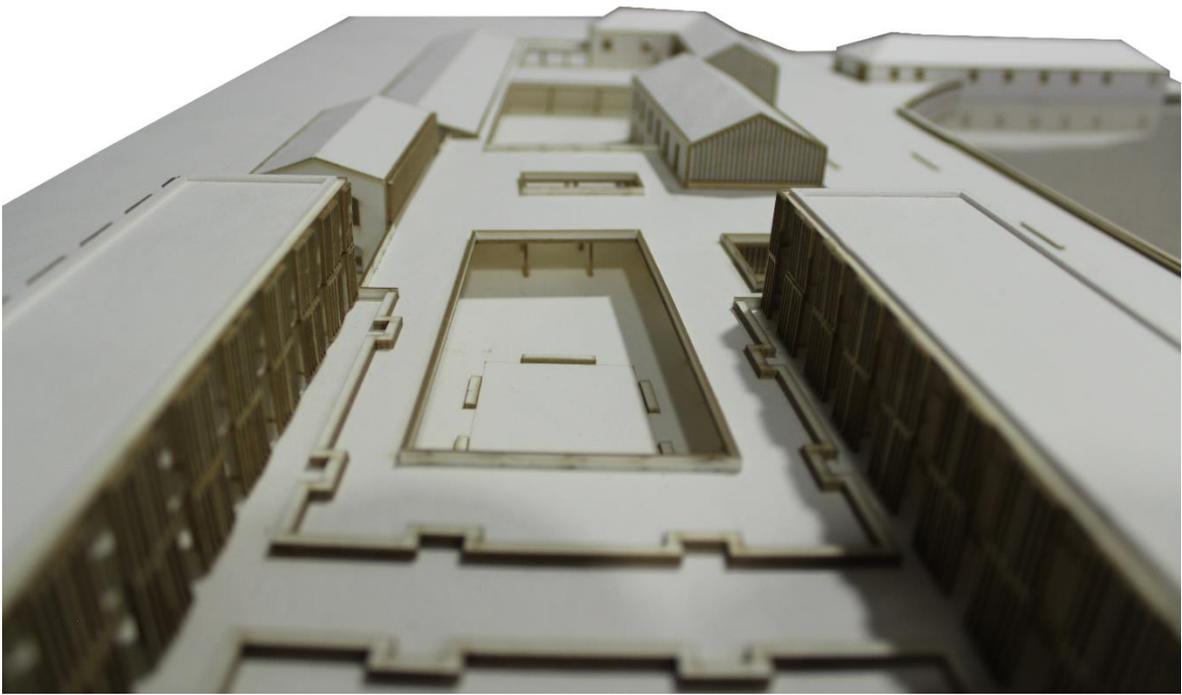
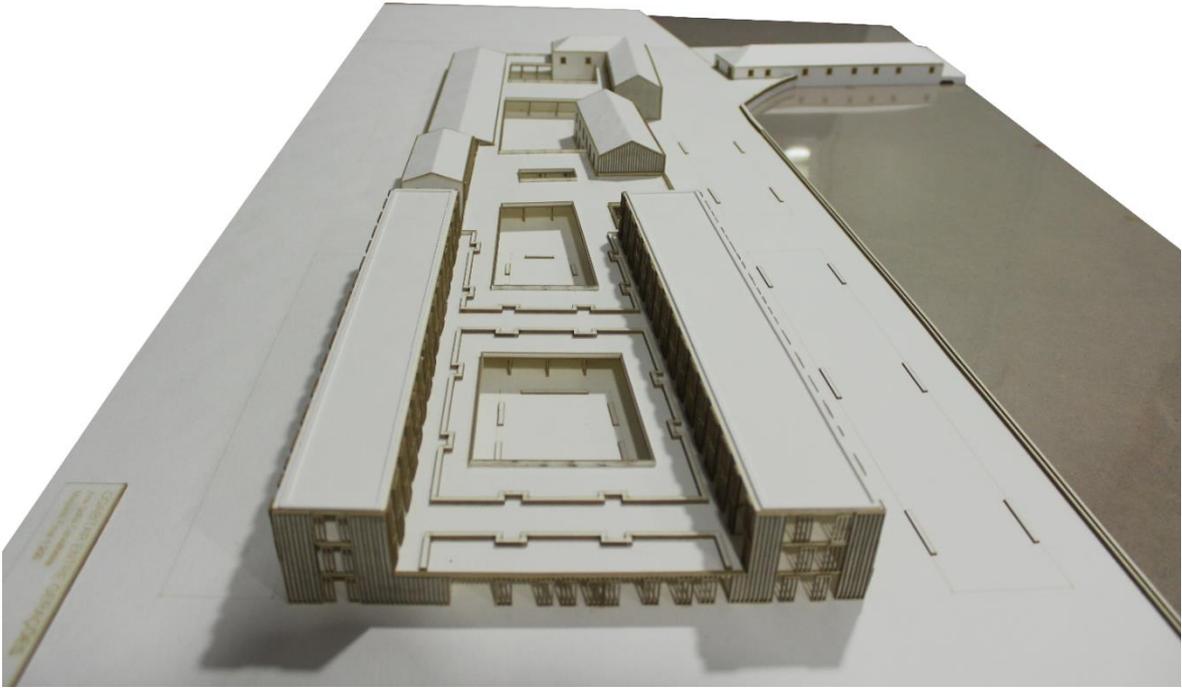


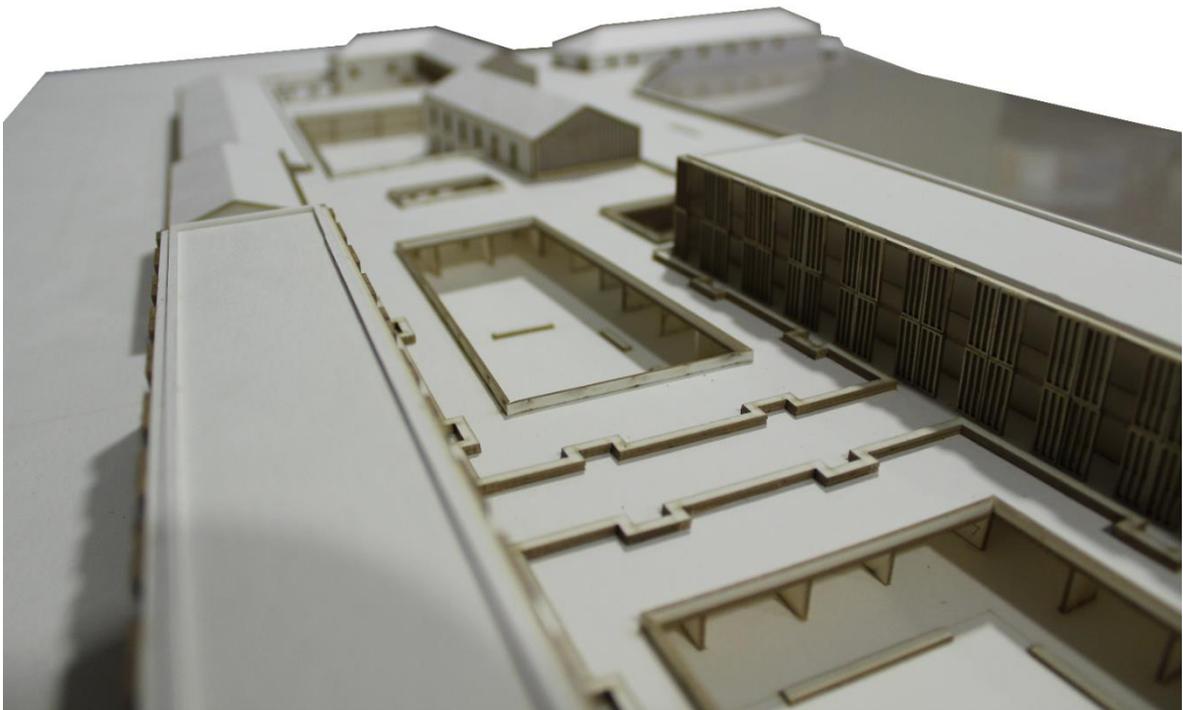
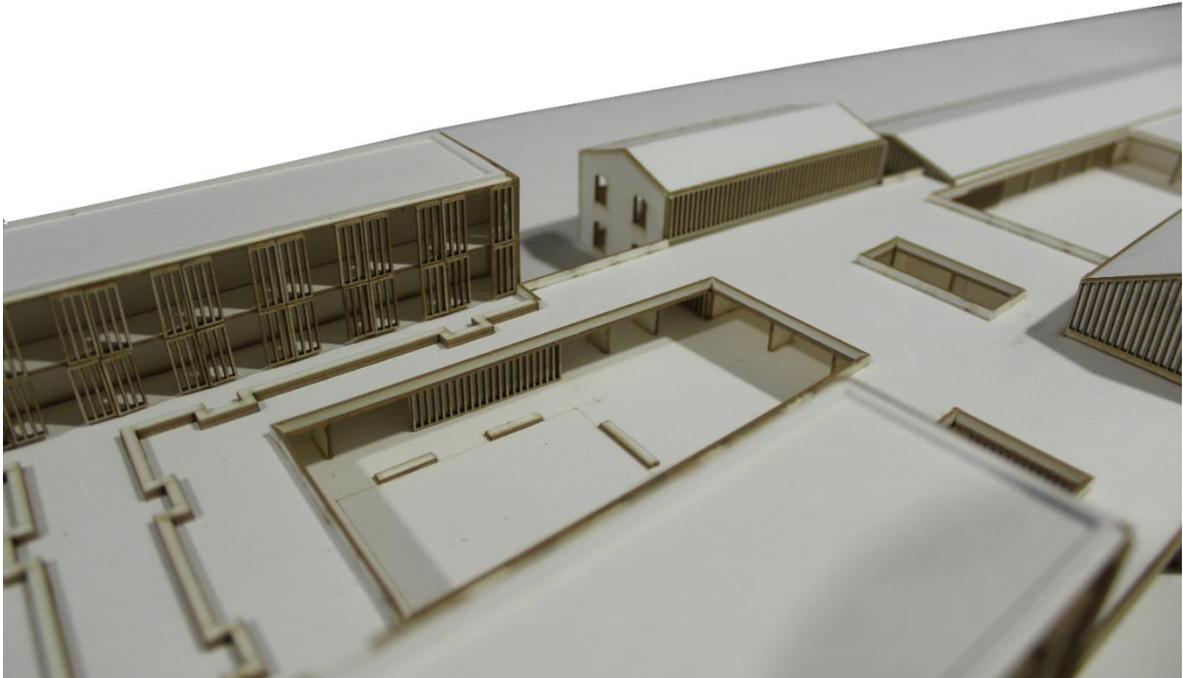


Maquetes Finais.
Proposta Volumétrica
e Programática Final |
1:200

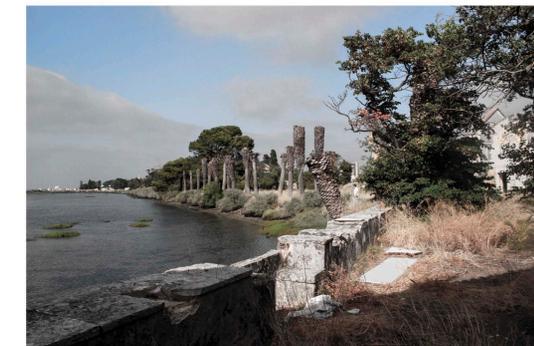








. ANEXO III – PEÇAS DESENHADAS FINAIS



ZONA PISCATÓRIA
[PORTO PALAFÍTICO DA ALBURRICA]



ACTIVIDADES NÁUTICAS
[NOVO CENTRO NÁUTICO; PRAIAS FLUVIAIS;
ZONA DE RESTAURAÇÃO]



NOVA PRAÇA
[MERCADO DE LEVANTE; IGREJA-CENTRO PAROQUIAL-ESCOLA]



FRENTE RIBEIRINHA
[NOVOS PERCURSOS PEDONAIS E CICLÁVEIS; ESTACIONAMENTO;
APOIOS DE PRAIA; MIRADOUROS]

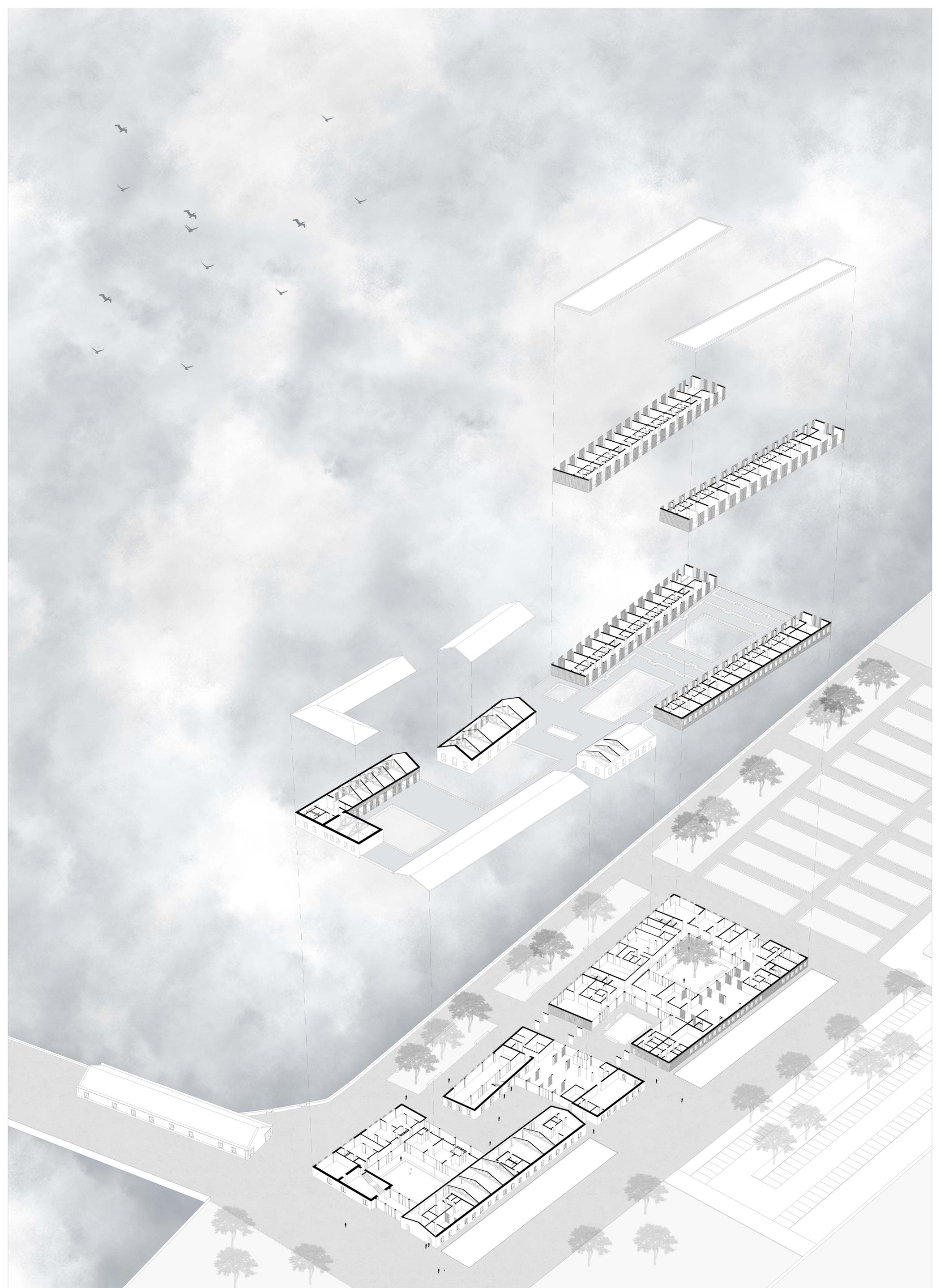


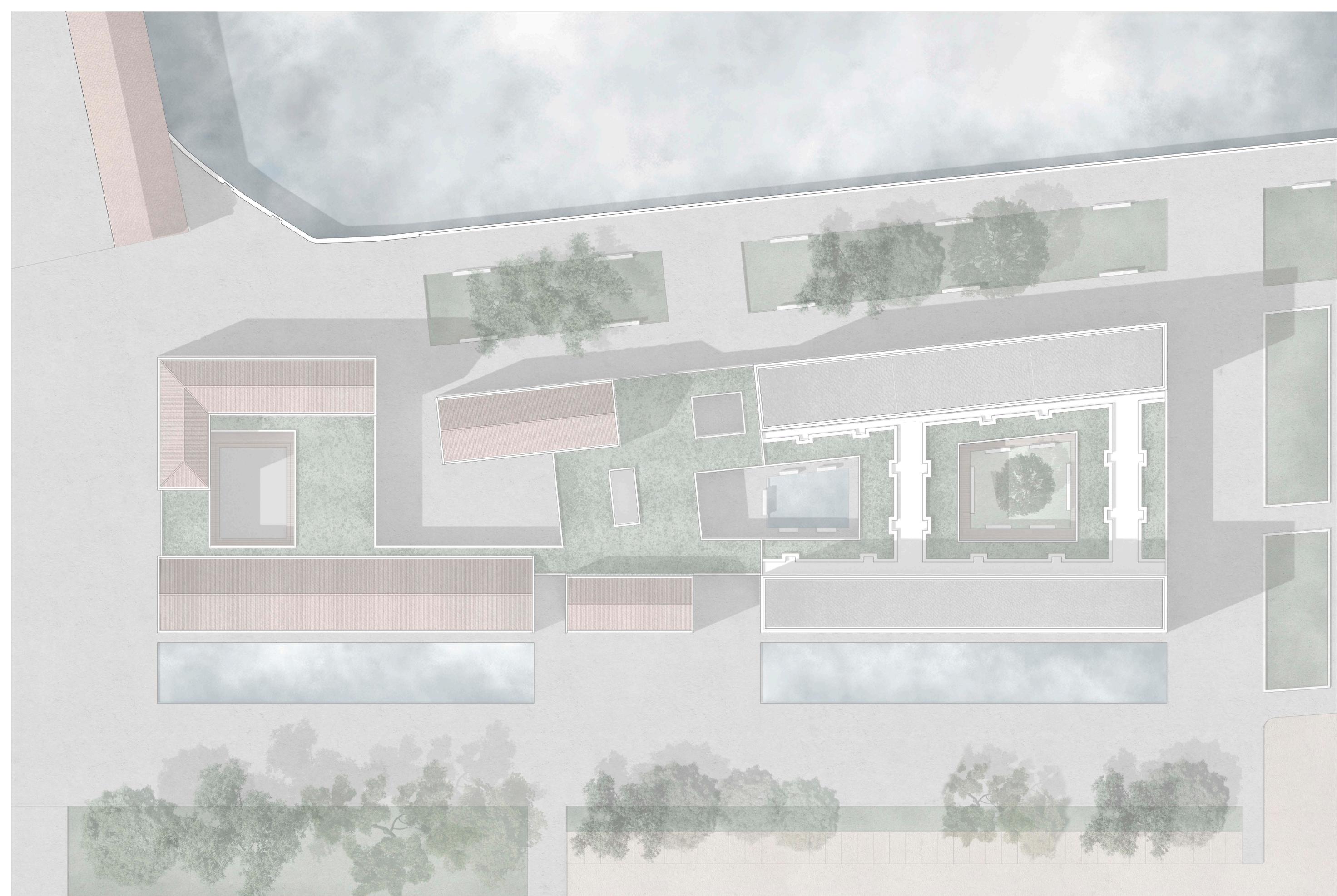
QUINTA BRAAMCAMP
[COMPLEXO INTERGERACIONAL; NOVO PARQUE URBANO; HORTAS URBANAS;
TANQUE DE PISCICULTURA; PARQUE DE MERENDAS]



[PERCURSO HISTÓRICO]
[MOINHOS DE VENTO; MOINHOS DE MARÉ; MIRADOUROS]







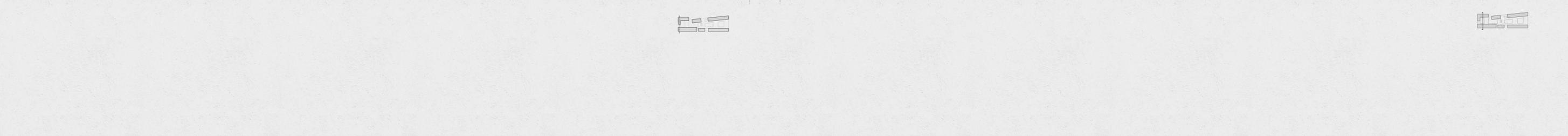
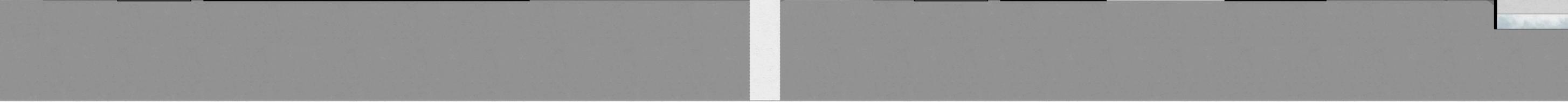


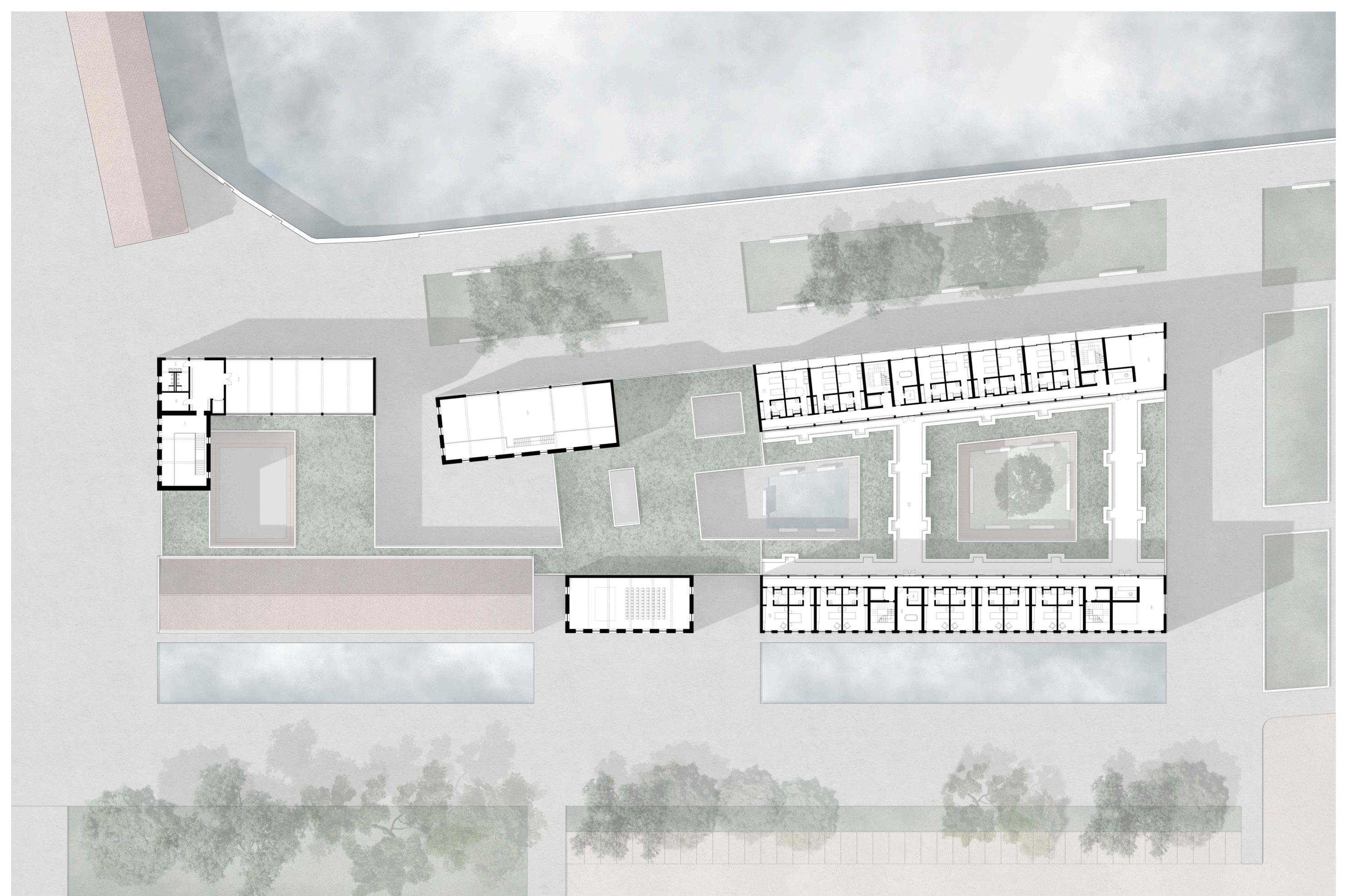
01. Secretária 02. Enfermaria 03. Gabinete da direção 04. Sala de professores 05. Recreio interior 06. Arrumos 07. Instalações Sanitárias 08. Refeitório 09. Cozinha 10. Salas do Jardim-de-infância 11. Sala da Creche 12. Berçário 13. Sala de leitura 14. Espaço memória 15. Recreio exterior 16. Cafeteria/Recepção 17. Auditório 18. Camarim 19. Arrumos 20. Administração 21. Galeria 22. Lounge
 23. Instalações Sanitárias 24. Salas para workshops 25. Arrumos 26. Recepção 27. Administração 28. Instalações Sanitárias 29. Restaurante 30. Cozinha 31. Lavandaria 32. Balneários dos funcionários 33. Copa 34. Cafeteria 35. Sala de atividades 36. Sala polivalente 37. Hidroterapia 38. Balneários 39. Ginásio 40. Gabinetes médicos 41. Salas de estar 42. Cabeleireiro 43. Pátio

COABITAR DE GERAÇÕES

REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DA QUINTA BRAAMCAMP NUM ESPAÇO INTERGERACIONAL EM ALBURRICA, BARREIRO

Planta Piso Térreo | Escala 1:200
 Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa | Mestrado integrado em Arquitectura
 Ana Sofia Carvalho | Orientadores : Prof.ª, Dr.ª, Margarida Louro | Prof. Dr. Francisco Oliveira



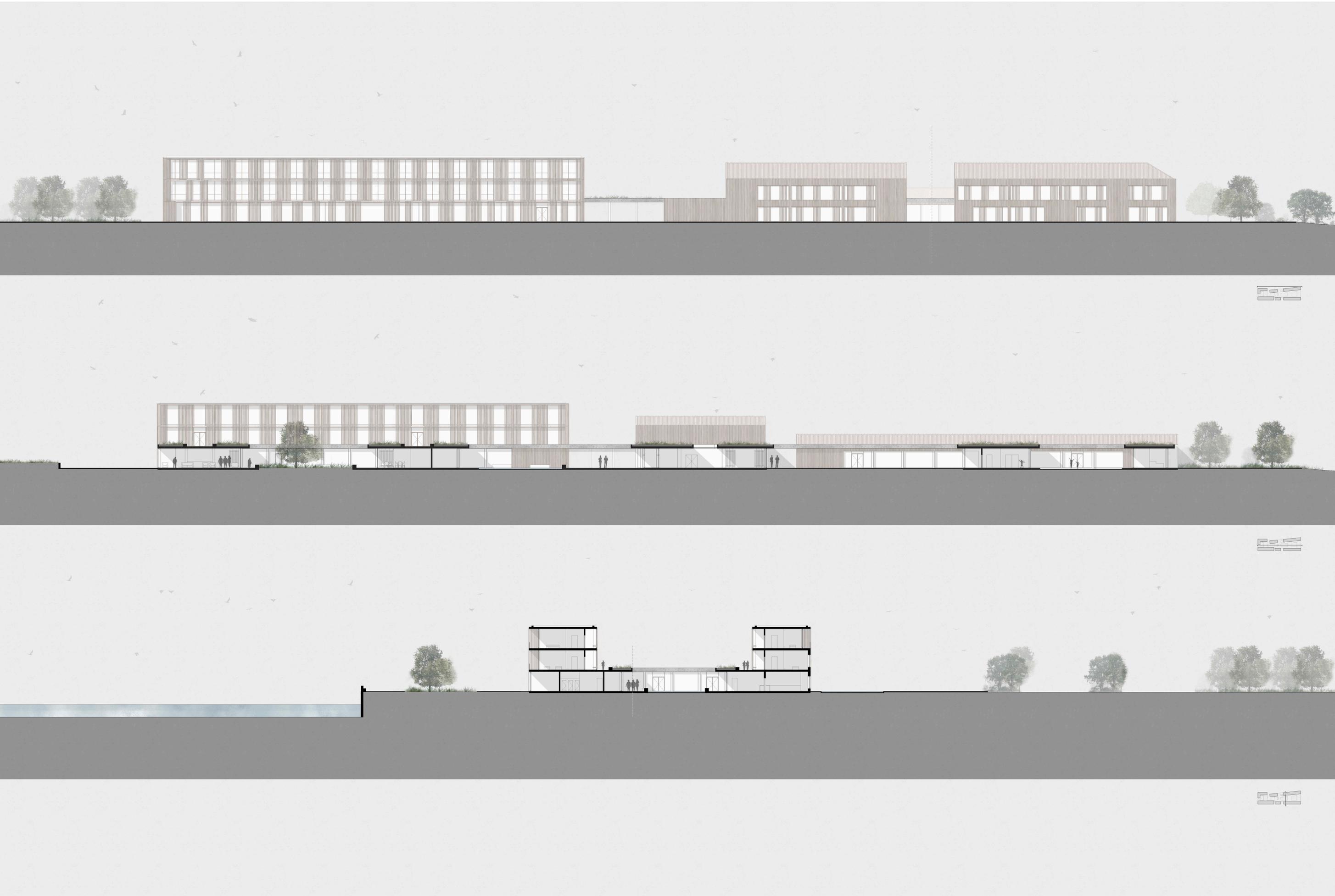


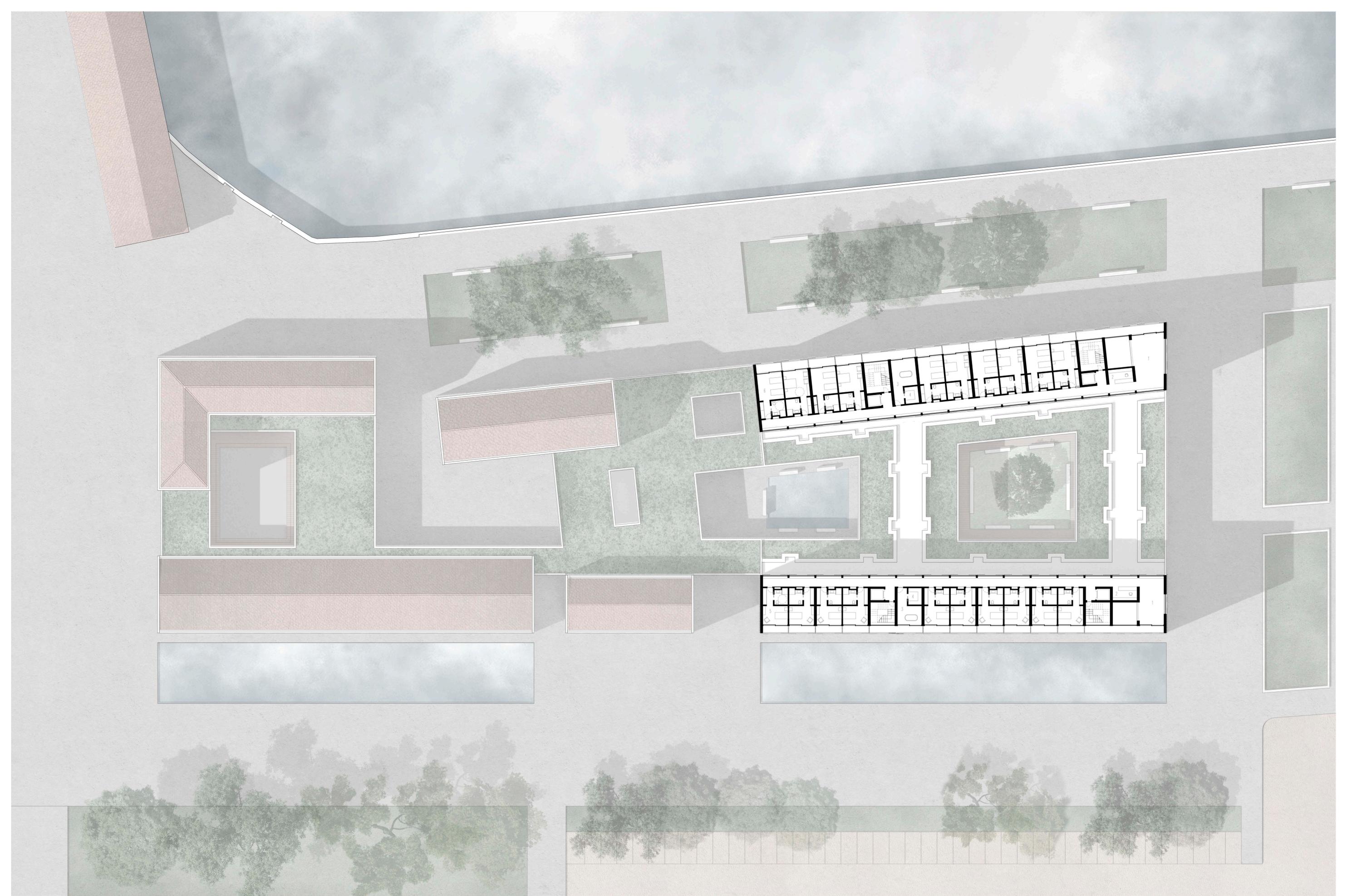
01. Espaço memória 02. Ginásio 03. Instalações sanitárias 04. Arrumos 05. Salas para workshops 06. Espaço de estar 07. Zona de apoio 08. Banhos assistidos 09. Arrumos 10. Quartos individuais 11. Quartos duplos 12. Cobertura vegetal percorível

COABITAR DE GERAÇÕES

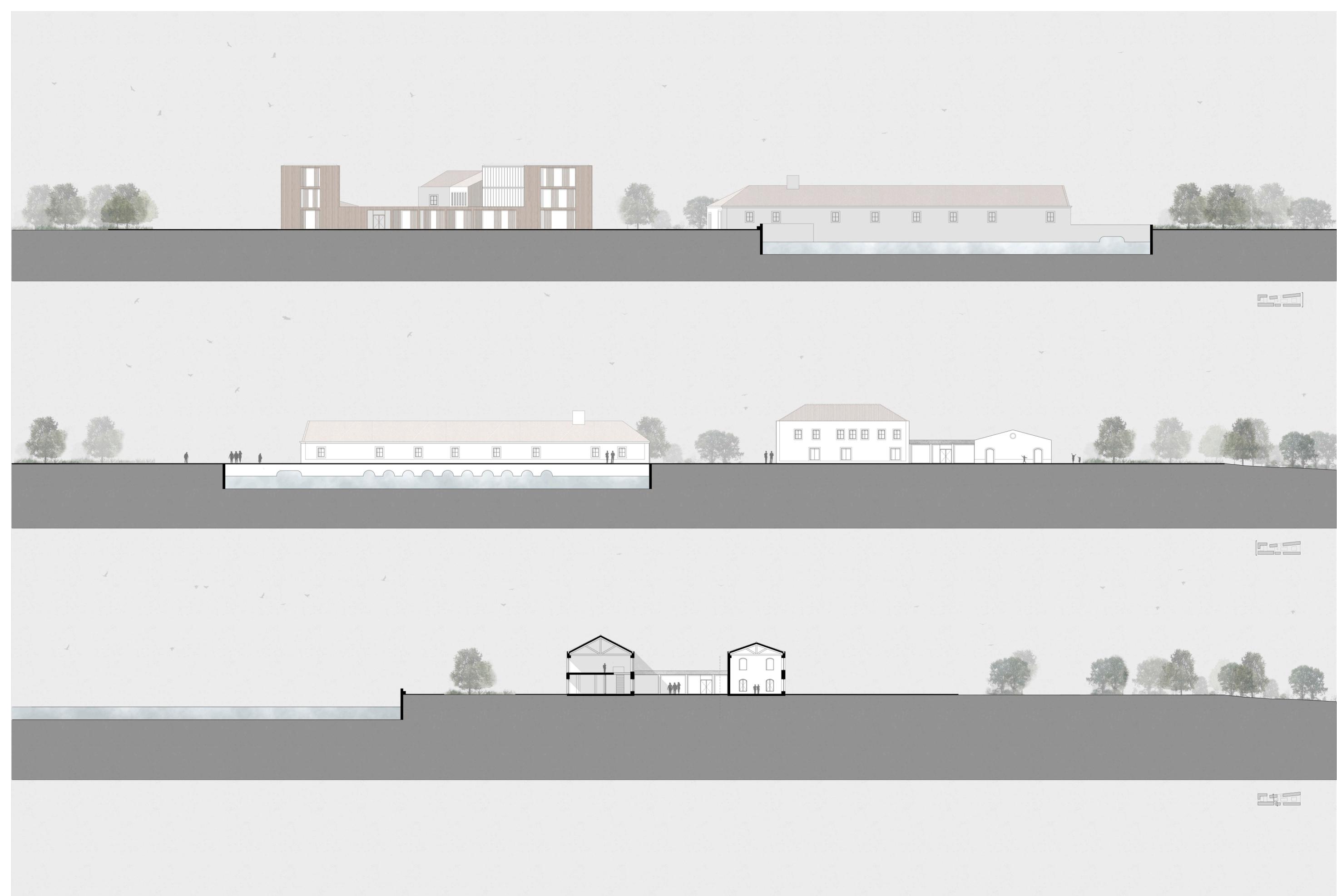
REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DA QUINTA BRAAMCAMP NUM ESPAÇO INTERGERACIONAL EM ALBURRICA, BARREIRO

Planta Piso 1 | Escala 1:200
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Mestrado integrado em Arquitectura
Ana Sofia Carvalheira | Orientadores : Prof.ª, Dr.ª, Margarida Louro | Prof. Dr. Francisco Oliveira





01. Espaço de estar 02. Zona de apoio 03. Banhos assistidos 04. Arrumos 05. Quartos individuais 06. Quartos duplos



EDIFICADO EXISTENTE

telha lusa
platabanda
revestimento em estuque de cor branca
caixilharia em madeira maciça
cantaria em pedra calcária

COBERTURA VEGETAL

terra vegetal
manta geotêxtil
esteira drenante
manta de proteção
tela impermeabilizante
isolamento térmico
barreira pára-vapor
laje em betão armado

COBERTURA INCLINADA

telha lusa
ripas de madeira
- sub-telha
painel sandwich com acabamento
em gesso cartonado
asnas estruturais em madeira

PAVIMENTO EXTERIOR

lajetas de betão
betonilha de regularização
tela impermeabilizante
enrocamento
terra compacta
tubo de drenagem

FACHADA

revestimento em painéis de madeira fixos
sistema de sombreamento com painéis deslizantes em madeira
janela de correr de duas folhas com caixilharia em madeira maciça

COBERTURA PLANA

placa de zinco canelada
isolamento térmico - roofmate
tela impermeabilizante
betonilha de regularização
laje em betão armado
caleira de drenagem em zinco

BANCO

estrutura e acabamento em betão à vista

